

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

JAQUELINE CARLA DA SILVA

**PARA ALÉM DA ATIVIDADE PRESCRITA: processo criativo de sujeitos com
transtorno mental em contexto de trabalho**

Recife

2018

JAQUELINE CARLA DA SILVA

**PARA ALÉM DA ATIVIDADE PRESCRITA: processo criativo de sujeitos com
transtorno mental em contexto de trabalho**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Linha de Pesquisa: Cultura e Cognição

Orientadora: Prof^ª. Dra. Sandra Patrícia Ataíde Ferreira

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S586p Silva, Jaqueline Carla da.
Para além da atividade prescrita : processo criativo de sujeitos com transtorno mental em contexto de trabalho / Jaqueline Carla da Silva. – 2018.
143 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof.^a Dr^a Sandra Patrícia Ataíde Ferreira .
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2018.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia cognitiva. 2. Trabalho. 3. Capacidade para o trabalho - Avaliação. 4. Processo criativo. I. Ferreira, Sandra Patrícia Ataíde (Orientadora). II. Título.

153 (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-006)

JAQUELINE CARLA DA SILVA

PARA ALÉM DA ATIVIDADE PRESCRITA: processo criativo de sujeitos com transtorno mental em contexto de trabalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 28 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Sandra Patrícia Ataíde Ferreira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dra. Lucinda Maria da Rocha Macêdo (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dra. Geovana Camargo Vargas (Examinadora Externa)
Instituto Federal da Paraíba

À Maria, minha mãe, que sempre me apoiou
na rotina de aprendizagem e ao meu irmão
Ricardo (*in memoriam*), que me ensinou que o
humano era maior que a deficiência

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por tudo que Ele tem feito em minha vida!

À minha mãe Maria por toda sua dedicação para que eu conseguisse chegar à finalização deste mestrado, por todo apoio. Obrigada, mainha!

Ao meu pai Carlos, aos meus irmãos e aos meus sobrinhos por estarem sempre comigo neste percurso.

À minha orientadora professora Sandra Patrícia Ataíde que, com sua paciência e compreensão, me ajudou a trilhar este percurso do mestrado com muito conhecimento e sempre com um abraço carinhoso que acalmava qualquer preocupação.

À professora Lucinda Macêdo pelas orientações no estágio em docência e pelas trocas de conhecimento e reflexões sobre a psicologia do trabalho.

À Geovana Vargas e Silvia Maciel por suas contribuições desde a época da qualificação. À Flávia Peres pela disponibilidade.

À Lu, a grande amiga que o mestrado me deu de presente e que levarei para vida. Muito obrigada pelas trocas, pelas conversas, pela parceria!

Ao pessoal do GEPELLL pelos diálogos, as conversas e apoio desde a qualificação.

Aos meus colegas do mestrado pelas discussões teóricas e metodológicas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, desde os professores à equipe da secretaria.

Ao CNPq pela concessão da bolsa de mestrado e pelo incentivo para realização da pesquisa.

A todos os meus amigos e amigas que me apoiaram e entenderam as minhas ausências.

A todos os participantes da pesquisa pela disponibilidade em participar da mesma e por permitirem que este trabalho fosse realizado. Muito obrigada!

“Os meses foram passando e *Bebeto* não se via mais como alguém perdido no mundo. Sabia que cada ser humano tem seus problemas, maiores ou menores. Ele tinha os dele. Mas, pouco a pouco, poderia ir se libertando das dificuldades. Engraçado como, quando a gente acha que pode, acaba podendo mesmo”

(BLOCH, 1994, p.65).

RESUMO

Na perspectiva sócio-histórica, a atividade criativa é compreendida como favorecedora da emergência do novo, tendo por base a imaginação. Ela possibilita ao sujeito desenvolver novos sentidos à atividade. A clínica da atividade, disciplina voltada ao trabalho, apropria-se de ideias de Vigotski no entendimento do trabalho como atividade dirigida, historicamente situada e potencializadora da criação. A criatividade no trabalho relaciona-se ao poder de agir do sujeito que, ultrapassando a prescrição, confere outros destinos à atividade. Buscando compreender o processo criativo de sujeitos com transtorno mental no trabalho, este estudo aproxima-se das ideias defendidas pela Reforma Psiquiátrica, que visa a olhar as potencialidades dos sujeitos em detrimento do transtorno, considerando a autonomia e protagonismo nas trocas sociais. Assim, teve-se como objetivo geral compreender como ocorre o processo criativo de sujeitos com transtorno mental em contexto de trabalho no Programa de Geração de Renda e, especificamente, buscou-se (i) analisar a atividade criativa de sujeitos com transtorno mental no contexto de trabalho; (ii) investigar quais são os aspectos sócio-históricos e culturais que estão presentes na atividade de criação do sujeito; e (iii) identificar as controvérsias nas discussões sobre o trabalho que permitem a emergência de novos sentidos à atividade. A pesquisa aconteceu no Programa de Geração de Renda de Camaragibe e partiu de uma metodologia qualitativa cujo delineamento foi a pesquisa intervenção proposta por Clot, que defende a obtenção do conhecimento atrelado à transformação da situação de trabalho. A metodologia adotada foi a oficina de fotos, que aconteceu em cinco encontros precedidos por momentos de observação. Os encontros foram videografados, transcritos e analisados de maneira interpretativa, segundo as categorias analíticas baseadas em Vigotski: a) inadaptação que favorece a atividade criadora; b) aspectos socioculturais presentes no desenvolvimento da imaginação criativa; c) relação dos processos imaginativos com os sentimentos presentes no desenvolvimento da atividade criativa; d) materialização da atividade imaginativa através de um produto subjetivo ou concreto. E as categorias analíticas baseadas em Clot: a) controvérsias surgidas entre os destinatários da ação (o objeto, o outro e a si mesmo); b) formulação de novos sentidos de ação através dos conflitos surgidos. Foi observado que, em suas atividades criadoras, os trabalhadores, ao se sentirem inadaptados, recorriam às suas experiências para ressignificar os seus fazeres. O novo se configurava não só através de aspectos objetivos, mas em mudanças subjetivas que permitiam novos destinos aos seus históricos de transtorno mental. Nas atividades criativas, os aspectos sócio-históricos e culturais relacionados à hospitalização e discriminação estavam

presentes, já as controvérsias surgiram, muitas vezes, relacionadas à medicação que ajuda e ao mesmo tempo dificulta o trabalho; à mente que tem o transtorno e ao mesmo tempo produz; e aos materiais que permitem a confecção de artesanato, mas ao mesmo tempo a sua falta impede o trabalho. As controvérsias possibilitaram a emergência de novos sentidos à atividade, transformando a relação dos sujeitos com a própria Geração de Renda, que assumiu um lugar mais de ocupar a mente que de gerar renda.

Palavras-chave: Processo criativo. Trabalho. Transtorno mental. Oficina de fotos.

ABSTRACT

In the socio-historical perspective, the creative activity is understood as favoring the emergence of the new, based on the imagination. It enables the subject to develop new meanings for the activity. The clinic of activity, work-oriented discipline, appropriates ideas of Vigotski's understanding of work as a directed activity, historically situated and empowering creation. Creativity at work is related to the power to act of the subject that, beyond prescription, confers other destinies to the activity. Seeking to understand the creative process of subjects with mental disorder at work, this study is close to the ideas defended by the Psychiatric Reform, which aims to look at the potentialities of the subjects to the detriment of the disorder, considering autonomy and protagonism in social exchanges. Thus, the general objective was to understand how the creative process of subjects with mental disorder occurs in a work context in the income Generation Program and, specifically, (i) to analyze the creative activity of subjects with mental disorder in the work context; (ii) to investigate the socio-historical and cultural aspects that are present in the activity of creation of the subject; and (iii) to identify the controversies in the discussions about work that allow the emergence of new senses to the activity. The research happened in the Income Generation Program of Camaragibe and started from a qualitative methodology whose outline was the intervention research proposed by Clot, who advocates the acquisition of knowledge linked to the transformation of the work situation. The methodology adopted was the photo workshop, which happened in five meetings preceded by moments of observation. The meetings were videotaped, transcribed and analyzed in an interpretative manner, according to the analytical categories based on Vygotsky: a) maladjustment that favors creative activity; b) socio-cultural aspects present in the development of the creative imagination; c) relation of the imaginative processes with the feelings present in the development of the creative activity; d) materialization of the imaginative activity through a subjective or concrete product. And the analytical categories based on Clot: a) controversies arose between the addressees of the action (the object, the other and himself); b) formulation of new meanings of action through the conflicts that have arisen. It was observed that, in their creative activities, the workers, when feeling inadequate, resorted to their experiences to re-signify their actions. The new was configured not only through objective aspects, but through subjective changes that allowed new destinations to their historical mental disorder. In creative activities, socio-historical and cultural aspects related to hospitalization and discrimination were present, controversies have arisen, often related to medication that helps and at the same time makes work difficult; to the

mind that has the disorder and at the same time produces; and materials that allow the making of handicrafts, but at the same time their lack prevents work. The controversies allowed the emergence of new senses to the activity, transforming the relation of the subjects with the own Generation of income, that assumed a place more to occupy the mind than to generate income.

Keywords: Creative process. Job. Mental disorder. Photo office.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Como colabora na Geração – foto Carla	78
Figura 2 – Como colabora na Geração – foto Luciana	79
Figura 3 – Como colabora na Geração – foto Wanda	79
Figura 4 – Como colabora com a Geração – foto Eliene	79
Figura 5 – Como colabora com a Geração – foto José	80
Figura 6 – O que precisa melhorar na Geração – foto Érica	85
Figura 7 – O que precisa melhorar na Geração – foto Carla	85
Figura 8 – O que precisa melhorar na Geração – foto Luciana	85
Figura 9 – O que precisa melhorar na Geração – foto Wanda	86
Figura 10 – O que dificulta o trabalho – foto Wagner	91
Figura 11 – O que dificulta o trabalho – foto Érica	91
Figura 12 – O que dificulta o trabalho – foto Luciana	92
Figura 13 – O que dificulta o trabalho – foto Wanda	92
Figura 14 – O que facilita o trabalho – foto Wanda	95
Figura 15 – O que facilita o trabalho – foto Carla	95
Figura 16 – O que facilita o trabalho – foto Luciana	96
Figura 17 – Trabalhar na Geração – foto Carla	98
Figura 18 – Trabalhar na Geração – foto Wagner	98
Figura 19 – Trabalhar na Geração – foto Luciana	99
Figura 20 – Trabalhar na Geração – foto Eliene	99
Figura 21 – Trabalhar na Geração – foto Suelen	103
Figura 22 – O que facilita o trabalho – foto Suelen	103
Figura 23 – O que dificulta o trabalho – foto Suelen	105
Figura 24 – Fotomontagem – Fotos do trio 1 (Carla, Eliene e Zípora) para o mural	107
Figura 25 – Fotomontagem – Fotos do trio 2 (Wagner, Wanda e José) para o mural	108
Figura 26 – Fotomontagem – Fotos do trio 3 (Érica, Luciana e Suelen) para o mural ...	110
Figura 27 – Fotomontagem – Oficina de Fotos – Fotos que não foram para o mural	112
Figura 28 – Mural de Fotos “Mentes criativas” da Geração de Renda	116
Figura 29 – As fotos que os trabalhadores mais gostaram	127

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1	A CONCEPÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E O PROCESSO CRIATIVO NA PERSPECTIVA DE VIGOTSKI	17
2.2	TRABALHO E PODER DE AGIR	21
2.3	TRANSTORNO MENTAL E TRABALHO	25
3	DELINEAMENTO METODOLÓGICO	28
3.1	PARA ALÉM DA PRESCRIÇÃO NA PESQUISA: A PESQUISA INTERVENÇÃO NO ENTENDIMENTO DA ATIVIDADE CRIADORA	28
3.2	PARA ALÉM DA EXCLUSÃO: O PROGRAMA DE GERAÇÃO DE RENDA COMO MECANISMO DE INCLUSÃO PELO TRABALHO	29
3.3	COMO TUDO ACONTECEU? PROCEDIMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DOS DADOS	31
3.3.1	Observ(Ação): mobilizando o diálogo interior	33
3.3.2	A Oficina de Fotos	33
3.4	A HORA DA LUPA SUBJETIVA: PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	36
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
4.1	OS PRIMEIROS PASSOS AO SUBSOLO: ONDE A VIDA VIRA ARTESANATO E ONDE O ARTESANATO TRANSFORMA VIDAS	39
4.2	OBSERVANDO OS ATORES DO SUBSOLO: VENDO O FAZER E APRENDENDO A FAZER	41
4.3	GER(AÇÃO) DE FOTOS ONDE O TRABALHO MUDA VIDAS: A OFICINA DE FOTOS	47
4.3.1	O primeiro encontro no subsolo: conhecendo os artesãos	47
4.3.2	O segundo encontro no subsolo: curte ou não curte? Faz ou não faz?	63
4.3.2.1	<i>Curte e faz</i>	69
4.3.2.2	<i>Curte e não faz</i>	71
4.3.2.3	<i>Não curte e faz</i>	73
4.3.2.4	<i>Não Curte e não faz</i>	74

4.3.3	Terceiro encontro no subsolo: colocando o trabalho em manutenção através da fotografia	76
4.3.3.1	<i>Como colabora na Geração de Renda</i>	78
4.3.3.2	<i>O que precisa melhorar na Geração de Renda</i>	84
4.3.3.3	<i>O que dificulta o trabalho na Geração de Renda</i>	90
4.3.3.4	<i>O que facilita o trabalho</i>	95
4.3.3.5	<i>O que é trabalhar na Geração de Renda</i>	97
4.3.4	O quarto encontro no subsolo: construindo o mural das Mentes Criativas	102
4.3.5	O quinto encontro no subsolo: refletindo sobre o processo	118
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA ALÉM DO SUBSOLO	129
	POSTSCRIPTUM.....	135
	REFERÊNCIAS	136
	APÊNDICE - MODELO DE PERGUNTAS DISPARADORAS PARA A OFICINA DE FOTOS.....	142

1 INTRODUÇÃO

O sujeito com transtorno mental foi estigmatizado no decorrer dos tempos e considerado improdutivo ou incapaz. Com o desenvolvimento do capitalismo, na Era Clássica, o louco foi enclausurado em Hospitais Gerais junto a outros sujeitos improdutivos, através de uma medida de controle social. Esta medida permaneceu até o século XIX, com a instauração do modelo médico que foi liderado por Philippe Pinel e que ficou conhecido pelo domínio psiquiátrico que legitimou a loucura como doença mental e instaurou a internação e tratamento psiquiátricos. O isolamento permaneceu mais efetivamente até o século XX, quando uma série de críticas ao modelo hospitalar favoreceu a reforma na psiquiatria, dando lugar a um tratamento comunitário (CASTEL, 1978; FOUCAULT, 2006; FOUCAULT, 1972; MELLO, 2005; SILVEIRA; BRAGA, 2005; SOUZA; TRINDADE, 2004).

No Brasil, até o início dos anos 2000, os sujeitos com transtorno mental ainda eram enclausurados nos manicômios. Isto permaneceu mais fortemente até os anos de 2001, quando foi aprovada a Lei nº 10.216 (2001), que propôs, além do tratamento, a reabilitação psicossocial do sujeito em sofrimento psíquico. A política de reabilitação psicossocial incentivou o direito à cidadania e à integração social dos sujeitos com transtorno mental. Na nova perspectiva, os sujeitos com transtorno passam a atuar ativamente nas trocas sociais e têm garantido seus direitos. No âmbito do trabalho, através de projetos sociais do Governo Federal, como as oficinas de geração de renda, há a promoção de um ambiente de trabalho aos sujeitos com transtorno mental onde eles podem produzir e comercializar produtos contando com a mediação de um arte-educador, que não está necessariamente vinculado à área de saúde mental (BRASIL, 2014; CARVALHO, 2007; ROSA, 2003).

Neste estudo, entende-se o trabalho a partir da perspectiva da Clínica da atividade, do pesquisador francês Yves Clot, que o define como uma atividade dirigida, histórica e processual que permite uma contínua recriação de novas maneiras de viver. A criatividade surge como possibilidade ao sujeito de realizar uma atividade que não foi prescrita pela organização a partir da confrontação das regras do ofício (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011; CLOT, 2006a, 2010a).

Tendo em vista esses aspectos, neste estudo, concebe-se a criatividade a partir da perspectiva sócio-histórica de Vigotski¹ (1930/2009). Este considera o entendimento do

¹ Considerando que o nome deste autor aparece na literatura científica escrito de várias maneiras, neste trabalho se optará por uma única forma de escrita durante o texto, permanecendo nas referências o nome correspondente à edição.

processo e não unicamente do produto final da criatividade, compreendendo o fenômeno dentro de uma realidade histórica e cultural. A atividade criadora é definida por Vigotski (1930/2009) como responsável por gerar algo novo. Ela possui dois impulsos: o reprodutor, que está ligado à memória e leva o homem a recriar e refazer algo já existente anteriormente através da plasticidade cerebral, e o criador, que permite ao homem reelaborar e recriar novas abordagens e normas, possibilitando que ele se adapte a situações nunca antes vivenciadas. Isto favorece ao sujeito não se prender ao passado, mas modificar o presente projetando-se para o futuro através da imaginação.

De acordo com Melo (2014), as atividades criadoras e reprodutivas estão em constante relação, isto permite ao sujeito agir e mudar o seu presente, preservar as experiências passadas e antecipar o seu futuro. A imaginação é a base de toda atividade criadora, ela parte de experiências acumuladas pelo homem e de elementos da realidade para criar novas possibilidades. Ela também está relacionada à emoção, atuando nos sentimentos e estes também operam sobre ela. Para o desenvolvimento da atividade criadora, se recorre à memória que possibilita a apropriação das experiências sócio-históricas que favorecem a emergência da imaginação. A imaginação parte da memória, mas dela se desprende tanto de aspectos do passado como da realidade presente para se projetar para o futuro e assim produzir mudanças. Dentro desta realidade, os novos sentidos construídos pelo sujeito favorecem que uma ação, que poderia ser apenas reprodutora, torne-se criativa.

No contexto de trabalho em oficinas de geração de renda, os sujeitos com transtorno mental se deparam com diversas atividades manuais onde podem conferir novas significações ao que realizam. Suas vivências e novas conquistas sociais ganham expressão, logo, há inclusão cultural para quem antes era negligenciado, há inclusão criativa para quem era considerado improdutivo. Assim, o ideal da Reforma Psiquiátrica de reabilitação psicossocial se faz presente.

Diante da importância estratégica das oficinas de geração de renda, por um lado, como mecanismo de reabilitação psicossocial que garante direitos aos sujeitos com transtorno mental e favorece um entendimento voltado à sua singularidade e, por outro, levando em consideração o papel que a criatividade assume de possibilitar o rompimento com o trabalho massificado e de favorecer o poder de agir do sujeito, neste trabalho busca-se compreender como ocorre o processo criativo de sujeitos com transtorno mental em contexto de trabalho no Programa de Geração de Renda. Para isto, levantaram-se as seguintes questões: (i) Como ocorrem as atividades criativas de sujeitos com transtorno mental no contexto de trabalho? (ii) De que maneira aparecem os aspectos sócio-históricos e culturais na atividade de criação do

sujeito? (iii) Que controvérsias surgem a partir das discussões sobre o trabalho que favorecem a emergência de novos sentidos à atividade?

Com esta investigação, buscou-se contribuir para uma maior articulação entre a psicologia cognitiva e o estudo da criatividade de sujeitos com transtorno mental em contexto de trabalho, visto que não foram encontrados estudos com esse foco através do levantamento de periódicos pesquisados do período de 2001 (ano da implantação da Reforma Psiquiátrica no Brasil) até julho de 2016 em diferentes portais de busca como, por exemplo, o da CAPES, o Google Acadêmico e o Scielo. As pesquisas encontradas sobre criatividade, trabalho e saúde mental estavam direcionadas ao entendimento da criatividade como um produto e não como um processo, elas abordavam as seguintes temáticas: participação de pacientes de instituições de saúde mental em oficinas artísticas terapêuticas de criatividade (LINHARES; SILVA, 2014); arte e criatividade como recurso terapêutico ao sujeito com transtorno mental (BORK; SANCHES, 2015); a arteterapia como dispositivo que permite a livre criação e atua como mecanismo terapêutico (COQUEIRO; VIREIRA; FREITAS, 2010); a criatividade como promoção de saúde na atividade de musicalização de sujeitos com transtorno mental (LEONARDI, 2011); o trabalho como importante recurso para a reinserção social e favorecedora da criatividade do sujeito (BÜRKER; BIANCHESSI, 2013); e a criatividade em oficinas de hospital psiquiátrico (levantamento documental) (NEUBARTH, 2009).

A compreensão do processo criativo no âmbito do trabalho e relacionado a sujeitos com transtorno mental parte da consideração do trabalho como um mecanismo identitário, que favorece as trocas sociais e se apresenta como uma das estratégias de reabilitação psicossocial. A relação entre sujeito com transtorno mental e o trabalho apresentou várias configurações no decorrer da História. Houve momentos em que o sujeito era impedido de trabalhar e outros em que o trabalho foi utilizado como recurso terapêutico e assumiu o protagonismo nas relações sociais. Na Reforma psiquiátrica, ele assumiu um papel fundamental, tendo sido um dos marcos da saída dos sujeitos dos manicômios através das oficinas de trabalho (CLOT, 2010a; ROSA, 2003; SOUZA; TRINDADE 2004).

No estudo do processo criativo, dentro da temática trabalhada nesta pesquisa, buscou-se o fortalecimento das ideias defendidas pela Reforma Psiquiátrica de que é possível trabalhar com as potencialidades dos sujeitos com transtorno mental e favorecer a sua reabilitação psicossocial. Além disso, partindo de um viés sócio-histórico, investiu-se em compreender o sujeito em sua atividade, focalizando as suas possibilidades e não o transtorno mental ou sua deficiência.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A CONCEPÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E O PROCESSO CRIATIVO NA PERSPECTIVA DE VIGOTSKI

A compreensão do homem para além de um determinismo organicista ou ambientalista se articula com a proposta de entendimento de sujeito de Vigotski (2007)². Ele elabora uma concepção histórico-crítica no entendimento da relação do homem com o mundo e propõe um entendimento sobre o sujeito em interação com a cultura e a história, fortalecendo, desta forma, um pensamento ancorado no materialismo dialético. O autor desenvolveu sua teoria em um contexto onde havia uma dualidade sobre o entendimento do homem e a ciência psicológica estava dividida entre o movimento idealista, que defendia uma corrente subjetivista, e o empirista, que defendia uma compreensão mais voltada para o comportamento e reações sensoriais reflexológicas. Evidenciando a crise na Psicologia, Vigotski passa, então, a criticar o entendimento fragmentado dessas teorias que focavam seu campo de análise entre objetivismo e subjetivismo, e propõe um modelo teórico metodológico que foge tanto do reducionismo objetivista/subjetivista, como do ecletismo e propõe o entendimento do sujeito como constituído na relação (FREITAS, 2002; PALANGANA, 2001; REGO, 2005; VIGOTSKI, 2007; VIGOTSKI, 1927/2004).

No novo método, Vigotski (2007) propõe uma abordagem dinâmica dos processos ao invés do estudo do objeto, como se fazia na época. Ele se aproxima do modelo de explicação do fenômeno, procurando entender a sua gênese, ao invés de uma descrição fenotípica. Ele critica, ainda, o estudo do comportamento fossilizado, mecanizado, que dificulta a análise psicológica. Para Vigotski, o pesquisador deve remontar o comportamento à sua origem, concentrando-se no processo e não no produto da investigação (PALANGANA, 2001; VIGOTSKI, 2007).

Na sua proposta teórica, Vigotski irá considerar a base biológica cerebral do funcionamento psicológico, mas não o verá como um órgão com funções fixas, mas sim como um sistema que possui plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento se adaptam à história da espécie e do sujeito. Rompendo com uma ideia de estágios maturacionais, o autor aborda o desenvolvimento relacionado à aprendizagem desde o primeiro dia de vida do sujeito. Assim, defende que o aprendizado adianta-se ao desenvolvimento, descrevendo dois

² Adotar-se-á o ano de edição atual do livro, pois o mesmo é uma adaptação de várias obras de Vigotski, o que dificulta estabelecer o ano da obra original.

níveis para este último processo: o real, que se caracteriza pela capacidade do sujeito resolver problemas de maneira independente; e o potencial, que caracteriza o que o sujeito pode alcançar com a ajuda de outro sujeito mais experiente. Associada a esses níveis está a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que é caracterizada como a distância entre os níveis real e potencial, estando relacionada a funções que não estão completamente desenvolvidas, mas que estão em processo de amadurecimento (OLIVEIRA, 2001; TUDGE, 1996; VIGOTSKI, 2007).

Para Vigotski, a maturação física encontra-se em relação com a aprendizagem sensório-motora e o ambiente entendido como histórico e social. Ele defende que há uma interação entre os aspectos biológicos e as condições sociais do sujeito. Desta forma, as questões biológicas só são preponderantes no início da vida, pois à medida que o sujeito desenvolve-se, a relação com outros mais experientes passa a orientar o seu pensamento e comportamento. O sujeito, nesta transformação, passa a ser entendido como sujeito sócio-histórico; a cultura apresenta-se como constituinte e a relação com o real deixa de ser direta para ser mediada pelos signos e instrumentos (OLIVEIRA, 2001; PALANGANA, 2001; VIGOTSKI, 2007).

Vigotski (2007) relaciona o uso de instrumentos ao trabalho. Através do trabalho, o homem atua e se relaciona com a natureza desenvolvendo a cultura e a história, o que o diferencia de outras espécies. O trabalho permite as relações sociais através da atividade coletiva e possibilita a criação e uso de instrumentos. Os instrumentos se apresentam como condutores da influência humana sobre o objeto da atividade. Eles são orientados para o externo e caracterizados por sua aplicação ao trabalho. Seu uso provoca mudanças nos objetos e na natureza. Os signos, diferentemente dos instrumentos, estão relacionados à solução de problemas no campo psicológico. Eles são orientados internamente, buscando o controle de ações psicológicas tanto do indivíduo como de outras pessoas. Eles são chamados por Vigotski de “instrumentos psicológicos” e se caracterizam como elementos que buscam representar ou expressar aspectos da realidade, como objetos, eventos ou situações (OLIVEIRA, 2001; PALANGANA 2001; VIGOTSKI, 2007).

Os signos são relacionados diretamente à internalização e ao desenvolvimento de sistemas simbólicos. A internalização permite reconstruir internamente uma operação externa. Através dos signos, o sujeito passa a fazer representações mentais que substituem os objetos do mundo real. Isto o possibilita trabalhar com imagens, ideias, conceitos e palavras. Através das representações de objetos, o sujeito pode imaginar e fazer planos fora do campo espacial e temporal presente. As representações mentais se apresentam como os principais mediadores

entre o homem e o mundo, e são socialmente apreendidas pelo sujeito (FREITAS, 2002; OLIVEIRA, 2001; VIGOTSKI, 2007). Os sistemas simbólicos possibilitam a organização dos signos em estruturas articuladas e complexas, permitindo o seu compartilhamento no grupo social e possibilitando a comunicação entre os sujeitos, bem como o desenvolvimento da interação social. A linguagem se apresenta como o sistema simbólico básico do humano, mostrando-se como uma função significativa nas trocas sociais, na interação social (OLIVEIRA, 2001; VIGOTSKI, 2007).

Para Vigotski, a linguagem faz parte do processo de desenvolvimento do sujeito e possui duas funções básicas que permitem a mediação entre o sujeito e o objeto: o intercâmbio social, que possibilita a comunicação entre os sujeitos; e o pensamento generalizante, que tem a função de ordenar o real, agrupando objetos em categorias conceituais. Na obra de Vigotski (1934/2008), o estudo da linguagem aparece associado ao estudo do pensamento. Embora reconhecesse que ambos possuem origens diferentes, o autor defende que, por volta dos dois anos de idade da criança, o pensamento e a fala encontram-se e possibilitam o pensamento verbal, que recebe mediação da linguagem, e a fala intelectual, que possui função generalizante e simbólica. Com o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, o pensamento verbal passa a predominar nos sujeitos e este processo marca a transformação do indivíduo de ser biológico para um ser sócio-histórico (OLIVEIRA, 2001; PALANGANA, 2001; VIGOTSKI, 1934/2008).

Vigotski (1934/2008), no estudo do pensamento e da linguagem, irá considerar que há uma unidade comum entre estes dois fenômenos, criticando posturas que defendem a independência entre eles ou os veem como relacionados apenas externamente. A unidade do pensamento e da linguagem, para ele, está no significado das palavras. Este é essencial para que ocorra uma comunicação genuína, sendo caracterizado como uma generalização ou conceito e um fenômeno do discurso e do intelecto. Ao falar sobre significado, Vigotski também trabalha outro aspecto relacionado à linguagem: o sentido das palavras. Este está relacionado à soma de todos os fatos psicológicos que uma palavra pode despertar na consciência do indivíduo. É uma formação dinâmica, instável, que muda de acordo com o contexto. O significado, por outro lado, é uma das zonas do sentido que a palavra adquire no contexto, mas ela é mais estável, imutável e imóvel.

A compreensão sobre a perspectiva sócio-histórica defendida por Vigotski é basilar para se compreender o seu esboço sobre o processo criativo. Ao falar sobre este tema, pode-se perceber a sua consideração sobre a importância dos aspectos biológicos do indivíduo, ao mesmo tempo em que ele aponta a cultura como transformadora destes aspectos. A sua

definição sobre a atividade criadora já ratifica este posicionamento porque, para Vigotski (1930/2009), esta atividade possibilita a emergência de algo novo que se manifesta apenas no ser humano. Ele aponta dois impulsos na atividade humana: o reprodutor e o criador. Alicerçado na plasticidade cerebral, o impulso reprodutor estaria ligado à memória, tendo como função repetir ou reproduzir algo já criado anteriormente, algo já existente.

O impulso criador vai além de apenas reproduzir. Ele surge a partir da necessidade do homem de adaptar-se a novas demandas, o que possibilita o desenvolvimento de diferentes ações, pois, através da atividade criadora, o homem pode projetar-se para o futuro, modificando o presente e levando em consideração experiências do passado. Dessa forma, a combinação de aspectos antigos com novas possibilidades configura-se como alicerce para a criação. A imaginação se apresenta como base para atividade criadora e, como afirma o autor, “tudo o que nos rodeia e foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, na medida em que se distingue do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana, baseando-se na imaginação” (VIGOTSKI, 1930/2009, p.12). Na obra deste autor, rompe-se com o entendimento que aponta a criação como ligada à genialidade e se propõe que a criação ocorre sempre quando o sujeito “imagina, combina, modifica e cria qualquer coisa de novo” (p. 13).

Vigotski (1930/2009), no entendimento da imaginação criadora, descreve quatro ligações entre fantasia e realidade: na primeira, compreende-se que a fantasia se apoia na experiência para criar novas imagens, parte-se da memória, mas realizam-se novas combinações do que existia na realidade. Na segunda, há uma maior complexidade na combinação da fantasia com a realidade na construção das imagens, pois pode-se imaginar o que ainda não se viu ou vivenciou através do que é contado por outros sujeitos. Na terceira, relacionada aos aspectos emocionais, compreende-se a ação dos sentimentos sobre a imaginação, bem como a ação desta sobre os sentimentos. Os fatores emocionais atuam mobilizando a fantasia. Na quarta, compreende-se que a fantasia pode representar algo que ainda não tenha sido inventado e torná-lo real (SILVA; SILVA; TULESKI, 2012).

Sobre os mecanismos da imaginação criadora, Vigotski (1930/2009) afirma que o processo inicia através da percepção interior e exterior através do que o sujeito ouve e vê que será acumulado na experiência. Posteriormente, os materiais acumulados passam por um processo de dissociação. Neste, as impressões que são compostas por múltiplas partes são separadas através do processo de comparação, algumas permanecem na memória e outras são esquecidas. Em seguida, ocorre a transformação destes elementos. Neste processo, há uma participação das imagens correspondentes e há ação de fatores internos que modificam os

elementos e os reelaboram. Os sentimentos empreendem uma grande influência sobre os aspectos do exterior, favorecendo a tendência do exagero. Após a transformação, os elementos são agrupados através da associação e, em seguida, as imagens são combinadas em um sistema. A imaginação criadora completará sua função quando houver a cristalização ou encarnação da imaginação em imagens exteriores.

A emoção é compreendida por Vigotski (1930/2009) como um dos aspectos que age sobre a criação humana, embora não atribua ao afeto toda a responsabilidade pela criação. Em “A Psicologia da arte”, Vigotski questiona: o que faz uma obra de arte ser artística? Na resposta a esta pergunta, rompe com um pensamento que reduz a arte a uma função unicamente cognoscitiva ou emocional e propõe que a criação humana é movida pelo pensamento e pelo sentimento. A chegada à arte só se tornaria possível através de um ato criativo que envolvesse aspectos da cognição e da linguagem (FREITAS, 2002; PALANGANA, 2001).

Para Vigotski (1925/1999), a imaginação que se configura como a base da criação está estreitamente ligada “às possibilidades de agir com liberdade” (p. 130). O agir é um dos aspectos centrais abordados por Clot (2006a) em suas reflexões sobre a atividade. Para ele, o trabalho assume um papel significativo nos estudos da psicologia, sendo considerado como constitutivo da subjetividade do sujeito.

2.2 TRABALHO E PODER DE AGIR

O entendimento do trabalho a partir de uma perspectiva histórico cultural leva Clot, professor e pesquisador francês de psicologia do trabalho, a desenvolver a Clínica da atividade por volta dos anos 1990, tendo como base as teorias de Vigotski, Leontiev e Bakhtin (BENDASOLLI; SOBOLL, 2011). Ele foi influenciado ainda por Le Guillant, psiquiatra social e inventor da psicopatologia do trabalho, que retoma a clínica em contexto de trabalho através da realização de atividades com sujeitos em desospitalização psiquiátrica; bem como por Wisner, médico e psicólogo francês da ergonomia, que rompe com a tradição da psicologia industrial de adaptação do sujeito ao trabalho propondo a adaptação do trabalho ao sujeito, sugerindo que através da transformação se compreende a situação (CLOT, 2010b).

A clínica da atividade de Clot (2006a) traz a ideia de uma clínica social do trabalho que parte de uma perspectiva metodológica do desenvolvimento que, indo além da descrição do fenômeno, objetiva a transformação do trabalho possibilitando o desenvolvimento do poder de agir. Baseado em Vigotski, Clot defende que o pensamento nasce no coletivo, mas é

apropriado depois pelo sujeito na atividade individual. Para Clot (2006a), “o pensamento se desenvolve na discussão, na confrontação e, portanto, a controvérsia é a fonte do pensamento” (p. 106). A controvérsia ajuda a desenvolver o poder de agir do trabalhador. São as controvérsias entre o objetivo da atividade e as suas motivações que formulam o sentido da ação. Juntamente ao sentido da ação, a eficiência e a eficácia aparecem como reguladores da criação instrumental. Ao criar, o sujeito forma novos objetivos de ação, novas intenções. Na análise do trabalho, a controvérsia se aproxima dos métodos indiretos da psicologia que considera a mediação de outros sujeitos na apropriação do objeto (CLOT, 2007, 2010a).

Para Clot (2011), o trabalho é compreendido “[...] como o exercício coletivo de ligação social com o real” (p 73) e se apresenta como uma atividade triplamente dirigida: (i) pelo comportamento do sujeito, (ii) por meio do objeto da tarefa e (iii) é sempre dirigida aos outros. A concepção de Clot sobre atividade baseia-se em Vigotski. Para este autor, a atividade vai além da operação, ou seja, não está relacionada a detalhes ou gestos visíveis, mas se aproxima mais de aspectos criativos e do desenvolvimento. A atividade permite ao sujeito imaginar, criar e gerar mudanças emocionais (CLOT, 2007, 2006a). Para Leontiev (1978), as atividades se diferenciam das ações e operações. As ações estariam ligadas ao fazer, as operações corresponderiam à maneira de realizar a ação. Já a atividade, seria dirigida por motivos que se fazem presentes na relação entre as necessidades do sujeito e o objeto de ação (SANTOS; AQUINO, 2014).

A atividade medeia a relação do homem com a natureza e diferencia os homens dos animais. Por isso ela deve ser entendida a partir de sua materialidade histórica e social e não de maneira abstrata. A subjetividade se constitui na atividade e é uma atividade sobre a atividade, ou seja, a atividade do próprio sujeito ou de seu companheiro de trabalho torna-se objeto de seu pensar. Quando o sujeito incorpora subjetivamente os produtos objetivos da atividade, ele produz sua humanidade. O trabalho está em constante relação com os aspectos emocionais. Ele desenvolve e transforma os conflitos do sujeito, possibilitando o desenvolvimento de ações possíveis e dando forma ao inacabado (CLOT, 2010b; OSORIO; BARROS; LOUZADA, 2011; SILVA; SILVA; TULESKI, 2012).

Os possíveis do trabalho são compreendidos por Clot (2006a, 2006b) através dos conceitos de trabalho realizado e de real da atividade. O trabalho realizado é aquilo que se pode ver, observar e descrever, mas corresponde apenas a uma pequena parte da atividade. O real do trabalho, entretanto, envolve as atividades possíveis e impossíveis e surge como fonte de desenvolvimento do sujeito. Ele é mais que a atividade realizada porque inclui aquilo que não foi feito, mas que o sujeito gostaria de ter realizado. Baseado em Vigotski, Clot defende

que a atividade realizada é a que venceu entre outras possibilidades que poderiam ter existido. Já a atividade impedida permanece no querer fazer do sujeito, por isto faz parte do real da atividade.

Para entender o real da atividade, Clot (2006b) faz uma releitura do conceito de ZDP e, sem desconsiderar a perspectiva clássica, defende uma compreensão ampliada. Para ele, a ZDP não busca levar o sujeito ao que foi previsto, mas visa ao despertar da atividade impossível, possibilitando-o ver possibilidades não realizadas. Para Clot, as obras de Vigotski não podem ser tomadas como objetivando a prescrição de comportamentos (atividade prescrita), mas antes, considerando a sua ideia de criação e recriação, deve-se reconhecer que o sujeito pode criar suas atividades psicológicas.

Através do trabalho, as funções psicológicas superiores passam a ser elaboradas e objetivadas e, quando existe espaço para criação de um contexto para se viver, há a promoção da saúde. A função psicológica do trabalho se faz presente, então, quando o sujeito consegue perceber-se além do trabalho, quando percebe que a tarefa não está fundida a ele. Mas ela pode se perder quando o trabalho não se revela como um ambiente que permite a iniciativa, a criatividade e a alteridade. O reconhecimento no trabalho se dá através do próprio sujeito na relação com o seu fazer. Segundo Clot (2006b), a obra de Vigotski não olha o sujeito como receptor direto do ambiente, pois defende que o sujeito transforma-o em si para o para si. O sujeito se apropria de determinado artefato para atribuir um sentido para si, porém nem sempre a ferramenta será apreendida pelo sujeito e tornar-se-á um instrumento psicológico. As ferramentas não são a fonte da atividade, ou seja, o seu conflito vivo, mas sim o recurso usado para transformar artefatos em instrumentos (BARROCO; SUPERTI, 2014; CLOT, 2011, 2010a, 2006a, 2006b; OSORIO; BARROS; LOUZADA, 2011).

Clot (2006b) defende que, na teoria de Vigotski, tem-se uma teoria da apropriação e não da internalização e interiorização. Trazendo como exemplo a significação da palavra, ele considera que o sentido literal (significado) tem uma amplitude maior e, ao mesmo tempo, menor que a significação no contexto (sentido), pois o sentido perde a significação mais geral, mas ganha toda uma significação do contexto, das pessoas participantes e da enunciação. A palavra tornou-se do sujeito e não só foi internalizada. “Não é a interiorização ou internalização da palavra, porque é também um processo de exteriorização do pensamento. É também um processo de subjetivação da palavra e não somente de objetivação do pensamento” (p. 24-25).

A enunciação, que Clot retoma nesta reflexão, é baseada em Bakhtin, que a define como o produto da interação verbal, onde o enunciado aparece como “[...] uma atividade de

linguagem dirigida” (CLOT, 2007, p. 43) que se realiza no gênero do discurso, que são os organizadores da fala (PANHOCA et al., 2014). Baseado em Bakhtin e em suas discussões sobre gênero, Clot (2007) aponta que a atividade é mediada pelo gênero da atividade profissional, que se caracteriza como um sistema simbólico que o sujeito irá relacionar-se. Ele está ligado à atividade contextualizada, que preserva a história e também garante a continuidade do trabalho. Os gêneros sempre são inacabados. Eles não possuem estados fixos, mas recebem acabamento através da atividade do sujeito. O estilo individual permite a transformação do gênero do trabalho pelo sujeito e é no desenvolvimento das atividades que os sujeitos buscam libertar-se do que se é esperado através do agir. O não acabamento do social possibilita a apropriação de seus conflitos pelos sujeitos, o que permite a subversão em significações e instrumentos, ao mesmo tempo em que o sujeito pode assumir o seu lugar e pôr algo seu nos conflitos inacabados (CLOT, 2011, 2007, 2006b; OSORIO; BARROS; LOUZADA, 2011). O gênero profissional é entendido por Clot (2011) como uma das dimensões do ofício, mas ela não é a única. O ofício possui quatro dimensões: (i) a transpessoal, que compreende a história do ofício que atravessa o coletivo de sujeitos e é entendida como gênero profissional, (ii) a interpessoal e (iii) a pessoal, caracterizadas nas trocas singulares do coletivo, e (iv) a impessoal, que se relaciona à tarefa enquanto prescrição (atividade prescrita).

O coletivo se mostra importante na compreensão do desenvolvimento da subjetividade individual. No entendimento de Vigotski, o coletivo não deve ser entendido como um grupo de pessoas, mas como presente em cada sujeito, em seus pensamentos, no corpo. O social está no sujeito, pois a atividade psicológica tanto é mediatizada pela linguagem e instrumentos, como assume a função mediatizante, promovendo o elo entre sujeitos, pessoas e objetos (CLOT, 2006a, 2006b).

Muito além da atividade prescrita pela organização, em sua abordagem, Clot (2010b) defende uma psicologia do trabalho que leve em consideração a transformação e o protagonismo do sujeito na ação, dando a oportunidade do sujeito analisar o seu próprio trabalho. Esta abordagem de Clot baseia-se nas noções de Tosqueles e Le Guillant, psiquiatras franceses que proporcionaram situações de trabalho aos sujeitos com histórico psiquiátrico. As experiências de trabalho conduzidas por estes investigadores foram de suma importância na Reforma Psiquiátrica e se apresentam como uma das referências no entendimento da relação entre o sujeito com transtorno mental e o trabalho.

2.3 TRANSTORNO MENTAL E TRABALHO

A relação entre os sujeitos com transtorno mental e o trabalho assumiu um contorno de aproximação e de distanciamento durante a História. Estes sujeitos, muitas vezes considerados como incapazes, viram o trabalho ora como indicação de tratamentos, ora como impossibilidade. Na sociedade Clássica, com a crise instalada na Europa, por volta do século XVII, os sujeitos loucos que até então viviam no convívio social, foram considerados ociosos e improdutivos e, juntamente com os pobres, miseráveis e infratores, foram internados nas Casas de Correção e Hospitais Gerais. Estes dispositivos não tinham nenhum caráter médico e de tratamento, mas antes assumiam o papel de controle social. O trabalho neste período assumiu o protagonismo sobre o lugar que o sujeito teria que ocupar na sociedade: em tempos sem crise, eles trabalhavam com baixa remuneração e, durante a crise, eles eram internados para evitar revoltas. Dentro deste contexto, os dispositivos de internação adotaram o trabalho em ateliês e manufaturas a fim de ocupar os sujeitos e garantir a manutenção das casas de internação (CASTEL, 1978; FOUCAULT, 1972; ROSA, 2003).

As internações aos ociosos permaneceram até o final do século XVIII. Com a revolução empreendida na França, passa-se a defender uma sociedade contratual, onde os sujeitos passam a ter a sua liberdade respeitada. Como os sujeitos loucos não tinham uma boa receptividade aos contratos sociais, eles passaram a ser considerados doentes mentais e foram tutelados pela medicina e o internamento passou a ganhar um caráter médico (CASTEL, 1978; FOUCAULT, 1972). Pinel foi o precursor deste movimento hospitalocêntrico, que direcionou os sujeitos infratores à esfera jurídica, internou aqueles considerados “doentes mentais” e restringiu a participação da família no cuidado, legitimando a incapacidade dos sujeitos alienados que não deveriam participar das trocas na sociedade, ao mesmo tempo em que estavam inaptos para exercer os direitos civis (CASTEL, 1978; FOUCAULT, 1972; ROSA, 2003). Este modelo vigorou até o final da 2ª Guerra Mundial, quando as condições de superlotação dos hospitais e o tratamento excludente passaram a ser questionados por uma série de movimentos na Europa e nos Estados Unidos. Após o período dessa guerra, frente ao Estado de bem-estar social e a força das ações de serviços sociais, as reformulações na psiquiatria favorecem a desospitalização e o fortalecimento de medidas de tratamento que envolviam a comunidade e a família (ROSA, 2003; SILVEIRA; BRAGA 2005; SOUZA; TRINDADE, 2004).

As reformulações na psiquiatria foram resultado dos movimentos de Reforma Psiquiátrica propostos no século XX. Na Itália, Franco Basaglia inicia o movimento através

de uma experiência de favorecimento da autonomia de sujeitos hospitalizados. Eles eram incentivados a se encarregarem por seu tratamento e a participarem de cooperativas de trabalho. Isto resultou em melhora dos quadros e alta médica. A experiência da Itália levou a organização mundial de saúde (OMS) a reconhecer o serviço como de referência em saúde mental no ano de 1973. A experiência favoreceu o desenvolvimento de serviços de assistência à saúde mental territorializados e a aprovação, em 1978, da lei da Reforma Psiquiátrica na Itália (ROSA, 2003; SOUZA; TRINDADE, 2004).

Na França, que teve como um dos precursores Le Guillant, a antipsiquiatria iniciou-se com a abertura das portas dos hospitais psiquiátricos, que passou a ser referência para os serviços extra-hospitalares. Nesse contexto, as oficinas de trabalho também foram utilizadas como dispositivos comunitários aos sujeitos com transtorno mental (CLOT, 2010b; MELMAN, 2001).

No Brasil, o modelo psiquiátrico clássico foi implantando no século XIX e, inicialmente, as internações não objetivavam o tratamento. Os sujeitos com transtorno mental eram segregados e, devido às condições empreendidas, eram, muitas vezes, mortos. No Brasil República, os hospitais psiquiátricos, também chamados de hospícios ou manicômios, passaram a assumir um caráter médico. Nessa conjuntura, o trabalho surge como uma possibilidade de reinserção social através de colônias agrícolas. Alguns pacientes trabalhavam nestas colônias e moravam nos hospitais ou em casas de família da população agrícola. No entanto, a realidade manicomial era preponderante e imperavam as condições de exclusão e maus tratos (DEVERA; COSTA-ROSA, 2007; RESENDE, 2001).

Nos anos de 1980, vários movimentos buscaram a reforma dos serviços psiquiátricos. Além de discussões em vários eventos nacionais e internacionais, os familiares, usuários do serviço de saúde mental e profissionais da área começaram a reivindicar a Reforma Psiquiátrica, que só foi aprovada em 2001, tendo por base principal o modelo Italiano (DEVERA; COSTA-ROSA, 2007). Através da Lei da Reforma Psiquiátrica, favorece-se ao sujeito com transtorno mental um tratamento em serviços comunitários, possibilitando o desenvolvimento de sua autonomia e a sua volta ao convívio familiar (BRASIL, 2014). Uma das prerrogativas da referida lei era a inclusão social pelo trabalho.

Entretanto, desde os anos de 1990, iniciativas de inclusão pelo trabalho através do cooperativismo social já vinham ocorrendo no País. A Lei 9.867/1999 institui o cooperativismo social no Brasil e contempla, entre outros sujeitos, as pessoas com transtorno mental. As cooperativas baseavam-se no modelo italiano de cooperativa social que tinha três modelos: a tipo A, que promovia serviços educativos e de assistência social a sujeitos

considerados em desvantagens; a tipo B, que promovia a inserção laboral e reinserção social pelo trabalho; e a tipo C, que englobava os dois tipos em um só (BRASIL, 2014; MARTIN, 2017; MARTIN, 2009).

Mas é em meados de 2004, a partir de um amplo debate sobre Experiências de Geração de Renda e Trabalho, promovido pelos Ministérios da Saúde e do Trabalho e Emprego, e em parceria com mecanismos da economia solidária que houve uma ampliação do incentivo à inclusão social pelo trabalho (BRASIL, 2005; MARTIN, 2017).

Em 2011, o trabalho como mecanismo de inclusão social de sujeitos com transtorno mental ganhou reconhecimento através da Portaria nº 3.088, de 26 de dezembro de 2011. Esta Portaria, que regulamenta a Rede de Atenção Psicossocial, salienta, entre as estratégias de reabilitação psicossocial, as iniciativas de geração de trabalho e renda. Dentro deste viés, existem os dispositivos de oficinas e cooperativas que recebem incentivos do Governo Federal e visam à criação de oportunidades de trabalho e socialização para sujeitos que não têm boa receptividade no mercado formal (BRASIL, 2014).

Olhar para as potencialidades dos sujeitos ao invés do adoecimento aproxima-se da perspectiva Vigotskiana de buscar compreender o sujeito e não focar na deficiência. O entendimento mais integral e a consideração da criatividade em pessoas com deficiência foi deixado de lado por muitas disciplinas (MARTÍNEZ, 2003). Partindo de uma compreensão sócio-histórica, neste trabalho buscar-se-á trabalhar com os ideais de Vigotski (1931/1997) de compreensão do sujeito para além de seu transtorno e de sua deficiência, de modo a privilegiar as suas possibilidades.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

3.1 PARA ALÉM DA PRESCRIÇÃO NA PESQUISA: A PESQUISA INTERVENÇÃO NO ENTENDIMENTO DA ATIVIDADE CRIADORA

O presente estudo teve como objetivo geral compreender como ocorre o processo criativo de sujeitos com transtorno mental em contexto de trabalho no Programa de Geração de Renda e, mais especificamente, buscou: (a) analisar a atividade criativa de sujeitos com transtorno mental no contexto de trabalho; (b) investigar quais são os aspectos sócio-históricos e culturais que estão presentes na atividade de criação do sujeito; (c) identificar as controvérsias nas discussões sobre o trabalho que permitem a emergência de novos sentidos à atividade.

Esta pesquisa se baseou em uma abordagem qualitativa do fenômeno a ser pesquisado. Na pesquisa qualitativa busca-se compreender a totalidade do fenômeno em estudo considerando as interações e ações do sujeito em seu cotidiano, ao invés de adotar ambientes controlados experimentalmente ou que busquem estabelecer variáveis comportamentais (FLICK, 2009).

Dentro da abordagem qualitativa, deu-se atenção à perspectiva histórico-cultural, que indica o entendimento sobre o processo, a explicação e a gênese da ação (VIGOTSKI, 2007). O estudo teve como delineamento a pesquisa intervenção, que parte de uma concepção de compreender para transformar e transformar para compreender, onde se considera que o pesquisador participa do processo de pesquisa de maneira atuante, pois se entende que até mesmo a sua observação promove mudanças e cria novas possibilidades para o sujeito agir, pois este, ao ser observado, passa a observar a si mesmo favorecendo o diálogo interior e a atividade (CLOT, 2010b; SOUTO; LIMA; OSÓRIO, 2015).

Os sujeitos convidados a participar do estudo foram pessoas com transtornos mentais (de humor, transtornos ansiosos e esquizofrenia) integrantes da oficina de geração de renda “Mentes que Fazem”, de Camaragibe. Alguns dos participantes também apresentavam deficiência intelectual. Ao convidar os participantes para a pesquisa não houve preocupação com aspectos classificatórios dos transtornos ou foco em sua deficiência de maneira a padronizar os sujeitos. Desta forma, buscou-se trabalhar com sujeitos com vários diagnósticos, partindo de uma visão mais inclusiva e possibilitando uma perspectiva mais equitativa, favorecendo, neste contexto, um entendimento sobre as potencialidades dos sujeitos como propõe a Reforma Psiquiátrica.

O convite foi realizado a nove trabalhadores da Geração de Renda e a pesquisadora contou com a ajuda de uma das arte-educadoras do serviço para se aproximar dos participantes. Considerou-se, antes de lançar o convite, a importância dos trabalhadores apresentarem frequência no trabalho e um quadro terapêutico que possibilitasse a sua participação na pesquisa, ou seja, um histórico de transtorno mental com um quadro estável, sem crises. Além disso, era necessário apresentar o caráter voluntário em colaborar com a pesquisa. Na busca por esses participantes, tentou-se considerar uma abordagem para além do foco em “doenças” geneticamente determinadas ou sistemas classificatórios, prezando a compreensão dos trabalhadores como participantes de uma realidade histórico-cultural que se faz presente em seu desenvolvimento. Sendo assim, houve uma preocupação com uma postura ativa dos sujeitos no seu espaço social de atuação (GONÇÁLEZ-REY, 2011; VIGOTSKI, 1931/1997).

A escolha pela oficina de Camaragibe se deu por causa do protagonismo que o município assume nas políticas de saúde mental em Pernambuco, bem como por sua iniciativa com a oficina de geração de renda que foi a primeira do Estado. A oficina “Mentes que fazem” iniciou com o foco no trabalho de sujeitos com transtorno mental e hoje integra também pessoas que não possuem qualquer quadro clínico de transtornos psiquiátricos.

A opção por uma oficina de geração de renda buscou uma aproximação com a realidade de trabalho favorecida aos sujeitos com transtorno mental, visto que nem sempre é possível a sua inclusão no mercado formal.

A decisão pela pesquisa intervenção levou em consideração o desenvolvimento da atividade do trabalho indo além da busca pelo “o que é?”, pois compreende também o que pode “vir a ser”. Sendo assim, considerou-se o entendimento para além das atividades realizadas, ou seja, o real da atividade, que compreende a atividade que o sujeito faz e a que gostaria de fazer, mas que de alguma forma está impedida. Nesta perspectiva, a pesquisa realizada se revelou como um trabalho de parceria entre a pesquisadora (clínica do trabalho) e os participantes da pesquisa onde, por meio da atividade dirigida e da reflexão, os conflitos permitiram novas formas de ação (CLOT, 2006a; SOUTO; LIMA; OSÓRIO, 2015).

3.2 PARA ALÉM DA EXCLUSÃO: O PROGRAMA DE GERAÇÃO DE RENDA COMO MECANISMO DE INCLUSÃO PELO TRABALHO

Os participantes da pesquisa fazem parte do Programa de Geração de Renda “Mentes que Fazem” de Camaragibe. Eles estão no serviço há mais de dois anos, muitos deles

chegando há aproximadamente 10 anos na Geração de Renda. Todos eles vieram encaminhados por serviços de saúde como os CAPS³, serviços de psicologia das Unidades de Saúde da Família ou ambulatórios de psiquiatria. A Geração de Renda de Camaragibe é pautada em estratégias de políticas públicas que buscam a inclusão e reinserção social de pessoas com histórico de tratamento psicológico. Este programa é o único do Estado que funciona com administração própria fora do CAPS (CAMARAGIBE, 2017).

O programa de Geração de Renda funciona no subsolo de um Serviço de Atenção Especializada (SAE), que é uma unidade ambulatorial que atende à população com ISTs/HIV/AIDS (infecções sexualmente transmissíveis/*Human Immunodeficiency Virus/acquired immunodeficiency syndrome*) no bairro do Timbi, na cidade de Camaragibe, Região Metropolitana do Recife – PE. A Geração de Renda, ou Geração, como comumente é chamada, conta com duas categorias de profissionais: os trabalhadores que vêm encaminhados de algum serviço de saúde e que são remunerados por suas criações, e os trabalhadores que servem à prefeitura do município. Os técnicos da prefeitura atuam na organização do ambiente da Geração e no ensino das atividades de trabalho. A equipe da prefeitura é composta por uma coordenadora técnica, uma auxiliar de serviços gerais, duas arte-educadoras e um profissional de apoio técnico⁴.

A Geração funciona de segunda a quinta-feira com atividades de confecção de artesanato e, na sexta-feira, trabalha-se na resolução de questões internas, burocráticas e com laboratórios de novos produtos. Às sextas-feiras, as atividades comumente são voltadas apenas para os técnicos da prefeitura. O horário de funcionamento é de 8h 00min às 17h 00min, tendo intervalos de lanche às 10h 00min e às 15h 00min, a depender do turno de trabalho. Algumas regras de convivência do local são: assinatura do ponto de presença, horário de chegada e saída, dias recomendados de participação no Programa, regras para apresentações fora do ambiente do programa (como a apresentação de teatro), possibilidade dos trabalhadores participarem de feiras e regras referentes ao respeito à opinião dos colegas e dos profissionais da prefeitura.

Novas ideias de possíveis trabalhos na oficina podem ser trazidas pelos próprios trabalhadores ou pelas arte-educadoras e são adotados de acordo com a demanda de possíveis compradores. Os produtos confeccionados (chaveiros, tapetes de retalhos de tecidos, pesos de

³Centro de Atenção Psicossocial

⁴ Para melhor identificação na diferenciação destas duas categorias profissionais, neste trabalho, os funcionários da prefeitura serão identificados por essa nomenclatura ou por profissionais da prefeitura, enquanto os trabalhadores da Geração, aqueles para os quais a pesquisa se voltou, serão caracterizados como “trabalhadores” ou participantes

portas, guirlandas, dentre outros) são comercializados pelo próprio grupo no local da oficina, por encomendas de parceiros ou em feiras de artesanato do Estado. Os objetos confeccionados são vendidos e a renda se divide em três partes iguais: para o trabalhador-participante, para a reposição de material e para o caixa da Geração, sendo em torno de 33,33% para cada parte. Esta divisão da renda ocorre porque os materiais são obtidos, em parte, através de doações e, de outra parte, através da compra proveniente de uma parcela da renda dos objetos vendidos.

O serviço atende às demandas da saúde e recebe pessoas tanto com diagnósticos psiquiátricos como com alguma demanda de saúde em geral, como, por exemplo, casos de diagnósticos de ISTs. Os participantes da pesquisa, segundo informações da arte-educadora, possuem diagnósticos de esquizofrenia, transtornos ansiosos (transtorno obsessivo compulsivo), deficiência intelectual, e transtornos de humor (depressão e transtorno bipolar). Nos últimos tempos, a Geração de renda atende à rede de saúde do município. No que diz respeito aos dias de participação na Geração, eles são combinados na acolhida da arte-educadora, ou seja, quando o participante é encaminhado por algum serviço da Secretaria de Saúde e chega ao Programa pela primeira vez. As datas não são rígidas, desta forma, os participantes podem ir outros dias além dos combinados com as arte-educadoras.

3.3 COMO TUDO ACONTECEU? PROCEDIMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Os dados desta pesquisa foram construídos através da parceria entre a pesquisadora e os trabalhadores da Geração de Renda “Mentes que Fazem” de Camaragibe de maneira cooperativa e dialogada. Partiu-se de uma demanda inicial da pesquisadora que buscou identificar durante a pesquisa a demanda que os próprios trabalhadores trariam (LOUBACK, 2013).

Assumiu-se para a construção dos dados o modelo histórico desenvolvimental adotado pela Clínica da atividade que tem por base os pressupostos vigotskianos. Desta forma, partiu-se de uma metodologia que tem como objeto o entendimento das relações entre funcionamento e desenvolvimento psicológico buscando compreender a história do desenvolvimento do trabalho e os seus empecilhos (SOUTO; LIMA; OSÓRIO, 2015). A Clínica da atividade defende que “[...] somente através de uma experiência de transformação é que a atividade psicológica pode se revelar” (CLOT, 2010a, p.193).

Compreendendo que na atividade há possibilidades não realizadas pelos sujeitos na qual não se tem acesso diretamente, Clot (2010a) defende que a única maneira de entender o

fenômeno se dá através do uso de uma metodologia indireta, que “[...] consiste em organizar a “replicação” da experiência vivida” (p.193). A finalidade seria o estudo da transformação da atividade em outra, provocando o reaquecimento do funcionamento através de um quadro dialógico.

De acordo com Souto, Lima e Osório (2015), os métodos na clínica da atividade buscam revitalizar as atividades dos trabalhadores, assim como produzir conhecimento sobre o processo. “A análise se faz a partir de marcas do trabalho, que podem ser falas e/ou imagens registradas em áudio, vídeo, fotografias ou outros modos de registro que vierem a ser propostos” (p. 13). A fala facilita a relação com o meio e isto é intensificado na interação social; ela produz desenvolvimento e transformação que possibilitam novas maneiras de se conhecer e sentir, favorecendo a criação.

No desenvolvimento da metodologia deste trabalho buscou-se, então, dar abertura ao diálogo interior dos sujeitos, compreendendo que o diálogo está repleto de outros diálogos que possibilitam a ampliação do repertório, alternativas de compreensão e de ação na situação de trabalho, pois se entende que o analista do trabalho (pesquisador), no papel de interlocutor, busca a mobilização das experiências que estavam estabilizadas a fim de promover novas experiências e desenvolvimento de instrumentos para a ação (SOUTO; LIMA; OSÓRIO, 2015).

Para a construção dos dados se recorreu à metodologia da Oficina de Fotos proposta por Osório (2010) que consiste em uma alternativa à autoconfrontação cruzada. Optou-se por este procedimento porque a exposição dos sujeitos da pesquisa às próprias imagens em vídeo, como se faz na autoconfrontação, poderia trazer riscos de intensificação de sintomas psicopatológicos.

Na Oficina pede-se que o trabalhador produza fotografias de seu trabalho para discussão posterior com os pares e com o pesquisador. As fotografias permitem um distanciamento e proporcionam um espaço para o diálogo interior, um diálogo com o próprio sujeito e com o gênero profissional. “[...] O fotógrafo deveria então dizer por que as fez da forma como fez” (OSÓRIO, 2010, p. 45). A máquina fotográfica e o pesquisador aparecem como um instrumento que promove o deslocamento do trabalhador para o lugar de observador de seu trabalho. O debate sobre uma marca do trabalho favorece a manutenção do gênero do ofício diante das controvérsias e permite elaborações e reelaborações (OSÓRIO; BARROS, 2013; OSORIO 2010). A Oficina de Fotos sugerida nesta pesquisa foi composta de encontros que foram precedidos por momentos de observação.

Para o registro dos encontros das oficinas, a pesquisadora utilizou a videografia que, de acordo com Meira (1995), permite o “[...] estudo da atividade através de filmagens em vídeo” (p. 59) possibilitando a investigação dos processos psicológicos complexos através da consideração tanto dos aspectos gestuais, como dos comunicativos da ação. Através das videografias, a pesquisadora buscou realizar uma análise interpretativa micro dos fenômenos psicológicos considerando o macrocontexto sociocultural envolvido no desenvolvimento da atividade.

A construção dos dados do presente estudo respeitou os padrões éticos estabelecidos e foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) para análise através de registro na Plataforma Brasil e foi aprovado sob o CAAE número 63815417.5.0000.5208.

3.3.1 Observ(Ação): mobilizando o diálogo interior

Os momentos de observação foram registrados em um diário de campo e tiveram como objetivos a aproximação dos participantes da pesquisa com a pesquisadora, o conhecimento sobre os aspectos estruturais do Programa de Geração de Renda e um maior entendimento sobre a sua dinâmica. De acordo com Louback (2013), a observação faz parte do processo de pesquisa da clínica da atividade e deve preceder o início da pesquisa propriamente dita. O período de observação foi demarcado por cinco encontros a fim de se ter uma primeira impressão sobre a dinâmica de trabalho.

3.3.2 A Oficina de Fotos

Após o período de observação inicial, foi realizada a Oficina de Fotos distribuída em cinco encontros que foram videografados através de duas câmeras de vídeo e que aconteceram em intervalos semanais e quinzenais conforme a atividade proposta. A quantidade de encontros buscou atender a perspectiva processual do estudo e chegar aos objetivos traçados. O intervalo entre as atividades respeitou a frequência com que os trabalhadores realizavam suas atividades de maneira habitual e levou em consideração o dia de atividades internas, que foi quando ocorreu a Oficina de Fotos. A maioria dos encontros ocorreu às sextas-feiras, conforme programado junto aos participantes da pesquisa e com os técnicos da prefeitura. Apenas o primeiro encontro ocorreu na quinta-feira. O primeiro encontro da Oficina de Fotos estava marcado inicialmente para ocorrer na sexta-feira dia 28/04/2017, mas uma greve de

ônibus estava prestes a acontecer nessa data afetando toda a Região Metropolitana do Recife. Outra Greve Geral também estava programada e afetaria todo o país. Por isso a atividade foi reagendada e ocorreu na quinta-feira 27/04/2017, que precedeu o dia anteriormente agendado. Antes do dia marcado, os rumores sobre a greve inquietaram tanto a pesquisadora como o grupo de trabalhadores (participantes) então, como possibilidade de garantia de que a atividade ocorresse na semana combinada, a antecipação ocorreu.

A pesquisa teve como foco de compreensão a atividade dialógica dos sujeitos sobre a situação de trabalho, logo, se deu atenção aos aspectos diretamente relacionados às trocas discursivas de cada participante (fala, gestos e entonação vocal) e os encontros se dividiram da seguinte forma:

- Primeiro Encontro – “Conhecendo os artesãos”: a atividade foi realizada em grupo e objetivou conhecer os participantes do estudo e sua relação com o trabalho e o serviço de saúde mental. A pesquisadora utilizou perguntas disparadoras e uma dinâmica de apresentação intitulada: eu – a oficina – e o serviço de saúde mental. Nela, foi solicitado que os sujeitos se apresentassem, falassem o tempo que participavam da Geração e a relação que tinham com ela e com o serviço de saúde mental. Os materiais e os instrumentos utilizados foram: duas câmeras de vídeo, diário de campo, uma caneta e um roteiro com perguntas disparadoras.

- Segundo Encontro – “Curte ou não curte? Faz ou não faz?”: a atividade também foi realizada em grupo. Nesse dia foi utilizada uma dinâmica semelhante à utilizada por Osório, Pacheco e Barros (2013) que é intitulada “curto/não curto”. Foram utilizados dois dados, sendo um com os lados escritos curto ou não curto, e o outro com dizeres faço ou não faço. Os sujeitos deveriam jogar um dos dados e em seguida o outro. Após isso deveriam construir seus diálogos conforme a seleção dos dados (ex.: o que faço e curto fazer?) e eles também deveriam responder as perguntas disparadoras da pesquisadora. O objetivo da atividade era compreender a atividade realizada e as atividades possíveis dos sujeitos. Os materiais e instrumentos utilizados nesta atividade foram: duas câmeras de vídeo, três câmeras fotográficas, dois dados, um diário de campo e uma caneta, um piloto permanente, um roteiro com perguntas disparadoras e um cartaz do curto – não curto. No final do encontro houve um momento de explicação e preparação para a realização das fotografias que representavam o trabalho no Programa de Geração de Renda “Mentes que fazem”. Desta forma, foram disponibilizadas, a título de empréstimo, três câmeras fotográficas que deveriam ser compartilhadas, cada uma, por três trabalhadores do Programa de Geração de Renda no período de duas semanas. As câmeras fotográficas digitais deveriam ser utilizadas para o

registro do trabalho por fotos de maneira individual. Desta forma, inicialmente a pesquisadora tentou fazer uma escala do uso das máquinas que permitisse que cada trabalhador permanecesse por pelo menos dois dias com a câmera, entretanto, apenas três participantes quiseram levar as câmeras para casa. Então ficou combinado de que a pesquisadora pegaria as câmeras com as trabalhadoras durante a semana e as traria e auxiliaria na realização das fotos dos outros participantes durante o tempo planejado. Foi orientado aos participantes da pesquisa que eles apresentassem os seus trabalhos através de cinco fotos que respondessem aos seguintes questionamentos: Como você colabora na Geração de Renda? O que precisa melhorar na Geração de Renda? O que dificulta ou impede seu trabalho? O que facilita seu trabalho? O que significa trabalhar na Geração de Renda? A partir destas questões cada trabalhador deveria realizar uma foto que representasse cada pergunta. Durante as duas semanas a pesquisadora compareceu ao Programa de Geração de Renda com as câmeras, auxiliou no manuseio delas sem interferir nas escolhas das fotos, buscou tirar dúvidas sobre o procedimento, facilitou o compartilhamento das câmeras e identificou as fotos escolhidas. Inicialmente, a pesquisadora pensou em deixar as câmeras na Geração, mas devido a questões de assaltos sofridos, os trabalhadores acharam melhor que as câmeras ficassem com ela. A pesquisadora disponibilizou-se a se direcionar à Geração todos os dias que fossem necessários, mas combinou alguns dias na semana para que os trabalhadores realizassem suas fotos tranquilamente.

- Terceiro encontro – “Colocando o trabalho em manutenção através da fotografia”: este encontro teve como objetivo favorecer a abertura para as atividades possíveis e observar a imaginação no trabalho, os estilos e as controvérsias surgidas no grupo sobre a situação de trabalho que permitiam a emergência de novas possibilidades de ação. As fotos estavam impressas e foram distribuídas aos trabalhadores que fizeram o registro. Através de perguntas disparadoras, foi solicitado que cada trabalhador explicasse o que significava cada foto, como foi a escolha, o que a imagem representava, de que maneira ela participava de seu trabalho ou impedia, e como eles imaginaram que o grupo se sentiria representado naquela foto. Foi pedido, ainda, que os sujeitos do grupo falassem sobre como sentiram seus trabalhos representados nas suas fotos e nas dos colegas, de como elas representavam a situação de trabalho, o que poderia aparecer que não apareceu nas fotos, e o que pensaram sobre o trabalho após as reflexões. Para este momento, os materiais e instrumentos a serem utilizados foram: duas câmeras de vídeo, fotografias impressas, fita adesiva dupla face, papel madeira grande.

- Quarto encontro – “Construindo o mural das “Mentes Criativas””: este encontro teve como objetivo conhecer o gênero profissional, os acabamentos, as controvérsias, os novos sentidos para a atividade, a imaginação criadora e os aspectos socioculturais envolvidos na criação. Foi solicitado que os trabalhadores se organizassem em três trios e escolhessem três fotos de cada participante que mais representasse o trabalho na Geração de Renda para que colocassem em um mural que eles mesmos confeccionaram. O porquê da escolha de determinadas fotos para o mural deveria ser explicado pelo trio, tanto as que iriam para o mural, como as que não iriam. Após a explicação, eles deveriam confeccionar um mural de fotos que representasse: o que é o trabalho na Geração de Renda e como ele contribui para o dia-a-dia de trabalho. Depois, ele deveria ser exposto em um local escolhido pelo grupo. No mural, o grupo deveria escrever um título que representasse como é participar da Geração de Renda. Em seguida, foi solicitado que comentasse sobre a participação na oficina de fotos e como ela ajudou a pensar sobre o trabalho. Para este momento, os materiais e instrumentos utilizados foram: duas câmeras de vídeo, fotografias impressas, cartolinas *colorset*, papel 40kg, giz de cera, canetas permanentes, tecidos, pincéis, tintas, papel A4, fitas adesivas, cola, um roteiro com perguntas disparadoras, um diário de campo e uma caneta.

- Quinto encontro – “Refletindo sobre processo””: aconteceu duas semanas após a exposição do mural. Nesse encontro deveria ser realizada uma discussão sobre a repercussão da atividade no cotidiano de trabalho dos sujeitos. Esta etapa teve por objetivo realizar o fechamento da atividade de pesquisa e compreender como o mural e o trabalho provocaram novas significações aos sujeitos. Os materiais e instrumentos utilizados foram: duas câmeras de vídeo, um roteiro com perguntas disparadoras, um diário de campo e uma caneta.

3.4 A HORA DA LUPA SUBJETIVA: PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização da atividade, as videografias foram transcritas e os diários de campo foram consultados a fim de compreender a dinâmica do processo. As falas e impressões contempladas na situação de pesquisa foram organizadas buscando compreendê-las a partir das impressões de cada sujeito e do grupo de trabalho.

A análise dos dados baseou-se em um modelo pautado na perspectiva qualitativa já mencionada, buscando a compreensão do fenômeno particular inserido dentro de seu contexto de interação (FLICK, 2009). Clot (2007, 2010a) salienta que a singularidade pode ser tomada como objeto de estudo, mas, para isto, faz-se necessário que se integre na compreensão da

situação a unidade subjetiva da experiência, não se atendo apenas às descrições de funções que se supõe pela experiência.

O foco de análise da “Oficina de Fotos” foi o desenvolvimento da atividade baseado nos pressupostos teóricos de Clot (2007, 2011) sobre atividade como criação, e sobre atividade criativa e imaginação, de acordo com Vigotski (1930/2009). A atividade como unidade real viva não pode ser entendida de maneira passiva, mas deve ser analisada com base em uma abordagem dialógica da situação. A linguagem é uma ação sobre a ação e não apenas a representação da ação, pois ela permite a experiência de meios para se viver. (CLOT, 2007, 2011).

A ação do sujeito pode ser entendida através da compreensão do real. Este é a modificação das coisas pelo sujeito, é a ação de realização dele. A unidade de análise é a atividade, que pode ser entendida como triplamente dirigida: ela se dirige pelo comportamento do sujeito, ao objeto da tarefa e aos outros. A atividade dirigida à unidade de análise visa o entendimento do fenômeno em seu movimento e contradições, acompanhando seu desenvolvimento entre os vários possíveis. Na análise da atividade dirigida, deve-se visar à compreensão das contradições existentes entre as três direções da atividade, procurando observar como os sujeitos tentam escapar de seus empecilhos e como buscam meios de sair desta situação. No entendimento do fenômeno, procura-se analisar os conflitos e escolhas, o surgimento de novos objetivos, entre outros possíveis. É através das discordâncias criadoras que se leva em consideração recursos e restrições, bem como referências do passado, a projeção para o futuro e a atividade que está sendo desenvolvida. A atenção entre os polos e resolução por parte do sujeito o faz criativo, senhor de suas ações (CLOT, 2007, 2011).

O entendimento do fenômeno investigado buscou considerar o contexto da pesquisa em questão e a atividade criadora, compreendendo os mecanismos desse processo de criação. Em relação ao contexto, consideraram-se os aspectos materiais e sócio subjetivos. A análise da atividade enquanto criação compreendeu as categorias propostas por Clot (2007, 2010a) sobre os novos sentidos de ação: a) as controvérsias surgidas entre os destinatários da ação (o objeto, o outro e a si mesmo); b) formulação de novos sentidos de ação através dos conflitos surgidos.

Os mecanismos do processo criativo foram analisados através das categorias teóricas abordadas por Vigotski (1930/2009) e apropriadas por Melo (2014) e Silva (2016) em seus trabalhos sobre atividade criativa, que estão alinhados com a proposta desta pesquisa. Deste modo, foram consideradas as seguintes categorias: a) inadaptação que favorece a atividade criadora; b) aspectos socioculturais presentes no desenvolvimento da imaginação criativa; c)

relação dos processos imaginativos com os sentimentos presentes no desenvolvimento da atividade criativa; d) materialização da atividade imaginativa através de um produto subjetivo ou concreto.

A análise das observações buscou compreender os seguintes aspectos do contexto do trabalho: a) dimensão sociocultural (público inserido na Geração de Renda, bairro onde se desenvolve as atividades e relações que são estabelecidas com a comunidade); b) dimensão física (estrutura da oficina de Geração de Renda e materiais disponíveis para o trabalho); c) dimensão imediata (relação entre os trabalhadores durante a atividade, compartilhamento e uso dos materiais disponíveis).

A atenção aos aspectos em destaque nesta proposta de análise permitiu compreender como o processo criativo se manifesta para além do diálogo interior do sujeito. Isto foi favorecido através de uma atividade que permitiu a abertura para uma zona de desenvolvimento proximal que proporcionou aos sujeitos irem além do que estava prescrito, podendo criar algo seu.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 OS PRIMEIROS PASSOS AO SUBSOLO: ONDE A VIDA VIRA ARTESANATO E ONDE O ARTESANATO TRANSFORMA VIDAS

A pesquisadora conheceu a Geração de Renda na época da graduação, aproximadamente em 2007. Neste período, um de seus irmãos entrou em uma depressão profunda e precisou dos serviços do CAPS “Casa da Primavera”. Ele permaneceu em tratamento no espaço até a metade do ano de 2017. Naquela época, a “Casa da Primavera” funcionava no andar superior à Geração e foi em algumas visitas ao CAPS e participação nos grupos de família que ela conheceu o Programa. A pesquisadora viu a confecção de alguns produtos na época e a felicidade estampada no rosto dos usuários do CAPS ao realizar cada atividade passada. Ela também comprou produtos do serviço porque, vez ou outra, era abordada por trabalhadoras da Geração que a ofereciam as conhecidas blusas customizadas do Programa. O CAPS posteriormente mudou de lugar, mas a plaquinha da Geração indicava que seu funcionamento permanecia no mesmo local.

Ainda durante a graduação e continuando após a formação, a pesquisadora construiu um percurso na área da Psicologia Organizacional e do Trabalho através de experiências profissionais e trabalhos acadêmicos, ao mesmo tempo em que sempre teve uma aproximação com as questões mais relacionadas à área da Saúde Mental. Neste campo realizou uma especialização, desenvolveu um artigo e experienciou momentos mais próximos de sujeitos com transtorno mental em hospital psiquiátrico e CAPS. Quando chegou ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, quis aliar todos os pedacinhos da psicologia que tinha como referência na sua formação. A partir de então nasceu o interesse pelo processo criativo no trabalho inserido na área da saúde mental. A Geração de Renda despontava como o lugar onde se poderia buscar o entendimento deste fenômeno e, desta forma, a pesquisadora se direcionou ao serviço algumas vezes para saber como realizar a pesquisa no local.

Ao entrar no subsolo onde se localiza a Geração de Renda, o atendimento foi acolhedor. Uma das arte-educadoras explicou à pesquisadora que ela deveria procurar a Prefeitura a fim de solicitar a anuência do serviço para participação na pesquisa. Após a apresentação do projeto à Prefeitura e anuência da Secretaria de Saúde, o projeto foi submetido ao comitê de ética e, com a sua aprovação, as entradas ao subsolo se tornaram mais frequentes no ano de 2017. Com isso, encaminhado o parecer favorável do comitê à Secretaria de Saúde de Camaragibe, deu-se início a aproximação mais efetiva com o campo.

A pesquisadora direcionou-se até o Programa de Geração de Renda e buscou combinar com os técnicos qual seria a data mais adequada para se iniciar a pesquisa. Em um dia de quinta-feira (final do mês de março), informou que a Prefeitura estava ciente da aprovação do comitê e que já havia indicado a possibilidade de início da pesquisa considerando a disponibilidade dos trabalhadores. Neste primeiro momento, quando chegou ao local, um grupo de dança dos trabalhadores estava realizando uma apresentação na primeira visita do novo Prefeito da cidade à Geração. Normalmente a dança toma lugar quando alguém aparece para visitar formalmente o programa, o teatro também surge embelezando ainda mais o trabalho dos participantes. As mulheres da Geração dançavam alegremente as danças populares pernambucanas, fechando com uma dança particular de uma das trabalhadoras que gosta de ser chamada de “Xuxa” durante suas apresentações. O Prefeito estava acompanhado de seus secretários e da coordenação de saúde mental e, após a apresentação, os trabalhadores da Geração de Renda e os visitantes foram lanchar com alegria. Durante o lanche, uma das arte-educadoras apresentou a pesquisadora à equipe da Prefeitura e salientou que na semana seguinte poderia ser combinado melhor os detalhes da pesquisa (participantes, quantidades de encontros e ambiente a ser realizada).

Houve três semanas de aproximação ao campo para acertar detalhes sobre o andamento da pesquisa e selecionar os voluntários do estudo, que foram indicados por uma das arte-educadoras do serviço. Nesse momento inicial, a demanda, um dos passos importantes da pesquisa intervenção, ainda era da pesquisadora. Esta considerou estudar o processo criativo e a Geração foi o local escolhido para isso. Até então, os trabalhadores ainda não a conheciam. Foi durante o período de aproximação que a pesquisadora se direcionou ao Programa algumas vezes na semana, a fim de falar sobre a pesquisa de maneira mais detalhada, pedir indicações dos possíveis participantes seguindo os critérios de inclusão e exclusão adotados e apresentados ao comitê de ética, perceber a aceitação dos indicados e colher as assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A sua chegada ao local nos primeiros momentos causou curiosidade. Muitos suspeitavam que ela provavelmente fosse estudante, já que muitos alunos de universidades circulam pelo local, e buscavam saber de onde a pesquisadora era e o que estava buscando na Geração.

Durante o período de aproximação ao campo, puderam-se conhecer os profissionais da Prefeitura e também os trabalhadores-participantes do Programa. Além disso, o período de três semanas possibilitou que os participantes voluntários assinassem os TCLEs com tranquilidade, mesmo em meio ao período de feriados da Semana Santa. Além das arte-educadoras apresentarem a pesquisadora informalmente durante as visitas, no último dia de

aproximação inicial, elas a apresentaram formalmente ao grupo todo. Isto aconteceu em uma quinta-feira, o dia que normalmente tem maior frequência dos participantes, pois contém mais atividades lúdicas de dança e teatro.

Ainda no dia de apresentação ao grupo, a pesquisadora também se apresentou aos trabalhadores e os informou sobre o estudo, deixando claro que na semana seguinte estaria mais efetivamente no ambiente e, dessa forma, gostaria da autorização deles para adentrar no campo. Informou ainda sobre o início da pesquisa, que ocorreria em cinco sextas-feiras, as quais seriam distribuídas em duas sextas-feiras consecutivas, seguidas de um intervalo de uma semana sem atividade e mais duas sextas-feiras consecutivas, seguida de mais um intervalo de uma semana sem atividade e, por fim, a última sexta-feira. Tudo foi combinado com os profissionais da prefeitura que trabalham na Geração de Renda e com os participantes da pesquisa. Foi deixado claro que mesmo sendo nove pessoas que participariam da pesquisa diretamente, as pessoas que não estavam no grupo iriam contribuir indiretamente, já que estariam durante a observação inicial.

Durante as apresentações informais e após a apresentação formal, a demanda por parte dos trabalhadores começou a surgir. Eram notórios comentários que mais pareciam coros dentro da Geração: “há uma pesquisadora no nosso meio que vai nos ouvir, é o momento de falarmos do que precisamos, ela vai nos ouvir”.

4.2 OBSERVANDO OS ATORES DO SUBSOLO: VENDO O FAZER E APRENDENDO A FAZER

No subsolo de um SAE, um pouco escondido das vistas da rua principal, há o Programa de Geração de Renda “Mentes que Fazem”. A entrada é convidativa, logo em seu início há estantes com vidraças que permitem ver trabalhos expostos de artesanato de flores, chaveiros, pesos de porta, colares, jarros e outros produtos produzidos pelos trabalhadores da Geração. Há também quadros coloridos pendurados na parede e mandalas multicores, telhas que ganharam novas roupagens e cores que embelezam o ambiente. Fechada apenas por uma grande grade, logo de frente após a entrada, mas ainda na mesma sala espaçosa, há uma mesa grande retangular onde acontecem as transformações de materiais muitas vezes considerados dispensáveis por outras pessoas, mas transformados ali em obras de arte e artigos de venda.

É em volta da mesa retangular que vidas antes excluídas da possibilidade de trabalho reeditam suas histórias, ao mesmo tempo em que reeditam o destino de exclusão que seria dado aos materiais que confeccionam. O diagnóstico de transtorno mental leva muitas vezes à

desocupação no mercado formal, a qual favorece o sentimento, no sujeito, de que ele não tem serventia, as ruminções, ou seja, os pensamentos repetitivos desta ordem tornam-se constantes. A atividade, por outro lado, surge como invenção de vida. Através dela, os trabalhadores podem contribuir para a história social e isto é o que ocorre na Geração. O destino de exclusão dos participantes vinculados ao CAPS e outros serviços, como residências terapêuticas, que anteriormente não podiam se inserir na sociedade, passa a ganhar outro destino na atividade. O sujeito passa a ter um lugar e pode reeditar sua história (CLOT, 2010b, 2006a).

Na mesma sala onde os trabalhadores confeccionam seus produtos, os materiais ficam guardados em estantes e mesas pequenas. Neste espaço os participantes podem se debruçar e criar. Ao lado dessa sala ampla, fica a cozinha. Nela há uma mesa retangular onde os lanches e bate papos entre os trabalhadores ocorrem. No todo, além dessas salas, há um escritório, um corredor que dá acesso ao banheiro, uma pequena despensa onde ficam alguns materiais e o banheiro.

A dinâmica do ambiente é bastante heterogênea. As atividades são propostas pelas arte-educadoras, mas a variedade de artigos a serem realizados permite que não haja uma rigidez nos trabalhos. Essa variedade possibilita que os participantes façam atividades que estejam mais próximas de suas preferências. Eles podem mostrar seus estilos profissionais, o que não impede também de contribuir em atividades às quais não possuem tanta afinidade. Há quem goste de fazer tapetes, os que preferem confeccionar mandalas, bijouterias e os que gostam mesmo é de costurar e fazer fuxico⁵. Ainda no primeiro dia, a pesquisadora foi convidada pelos participantes e pela arte-educadora a colocar a “mão na massa”, cortar papéis para ornamentar um disco de vinil que seria transformado em uma mandala. A produção estava bastante voltada para a Semana de Luta Antimanicomial que ocorreria em maio.

Sua experiência colocando a “mão na massa” foi bastante interessante e satisfatória. A todo o momento os participantes se aproximavam e explicavam-lhe como deveria ser feito o corte e como ficaria a mandala. Foi nítida a satisfação dos participantes em poder ensiná-la. Eles mostravam-se empolgados e os outros que estavam realizando outras atividades também queriam mostrar o “como fazer”, muito além de apresentar os produtos. A forma como ensinavam parecia lembrar a instrução ao sócia, já que eles estavam o tempo todo mostrando o como fariam (CLOT, 2010a). Ao serem observados, começaram a observar a si mesmos e o diálogo interior provavelmente se fez presente. Isso possibilitou a modificação na atividade,

⁵ Técnica de artesanato que utiliza sobras de tecido.

pois os trabalhadores da Geração passaram do papel do apenas fazer, para o fazer, ensinar e falar sobre o trabalho (CLOT, 2010a, 2007).

A pesquisadora sentiu o acolhimento desde o primeiro momento e percebeu o quanto o reconhecimento do trabalho dos participantes da Geração de Renda era importante para eles. Este reconhecer-se busca mostrar o quanto o sujeito pode contribuir para o trabalho, o quanto ele pode colocar algo seu ali. Isto era visto o tempo todo, cada um queria mostrar o seu jeito particular de executar, mesmo que fosse a mesma atividade, o mesmo gênero profissional, cada um queria renová-lo de sua forma (CLOT, 2011). A inclusão social através do trabalho, que se revela como o objetivo do Programa (BRASIL, 2014), mostra-se nas ações dos participantes que fazem questão de trazer os visitantes para junto do que estão executando, como aconteceu na experiência da pesquisadora.

No primeiro dia em que estava realizando a observação, a pesquisadora viu que os participantes foram chegando aos poucos e muitos mostravam seus trabalhos, diziam quais atividades mais gostavam de realizar e buscavam presenteá-la com algum objeto confeccionado, bem como lamentavam a falta de material para realizarem as atividades segundo suas preferências e estilo. Através das primeiras conversas entre a pesquisadora e os trabalhadores, percebeu-se que a dificuldade relacionada à precariedade de material tornava o real da atividade bastante presente, muito mais que o trabalho realizado, pois a todo o momento eles queriam falar-lhe do que estava impedido, do que não podiam realizar por não ter os instrumentos para fazê-lo, mas que gostariam de desenvolver determinados trabalhos (CLOT, 2010a, 2007, 2006a). A dificuldade relacionada aos materiais ocorreu devido aos assaltos que o Programa sofreu, onde não só a renda dos produtos foi levada, mas também os produtos e equipamentos. Na primeira experiência de observação, pôde-se acompanhar uma pequena diminuição desta inquietação quando uma das arte-educadoras confirmou para o grupo que tinha acabado de receber uma doação de material. A notícia trouxe satisfação a todos que estavam presentes, pois deu esperança de que outras atividades seriam realizadas.

Durante as observações, um pouco da rotina que circula o subsolo foi percebida antes do artesanato entrar em cena ou durante sua confecção. Os participantes costumam chegar no horário programado, mais ou menos às 13 horas. Saúdam os demais com uma boa tarde, deixam suas bolsas no tripé, pegam o material para confeccionar seus trabalhos, conversam e pedem orientação a quem está mais bem informado da atividade. Eles lancham às 15 horas e assinam a presença no início ou término das atividades, por volta das 16 horas.

Naquele dia, os trabalhadores se debruçavam na confecção de chaveiros de pano e flores de couro. Os chaveiros eram pequenas galinhas de panos costurados pelos participantes,

muitas vezes de retalhos de tecidos doados. As flores de couro eram feitas em um processo de cooperação em que alguns participantes dobravam o couro enquanto outros montavam as flores. Eles sempre chamavam a atenção da pesquisadora mostrando os produtos, como deveria fazer e o que não deveria fazer. Eles também mostravam além da execução, ou seja, como ficava o produto depois de finalizado.

Naquele dia, a pesquisadora começou a observar o processo criativo dos trabalhadores. Eles iam além da reprodução e se permitiam desenvolver atividades mesmo quando os materiais de um produto não estavam completos. A falta de prendedores para pôr nos chaveiros, por exemplo, fez com que pensassem em desenvolver uma estratégia que substituísse a função do prendedor. Eles utilizaram, então, uma fita de cetim para pôr no lugar, e disseram à pesquisadora: “Jaqueline, assim podemos vendê-los e as pessoas ou colocam a argolinha de um chaveiro que elas não querem mais usar ou podem usar como um enfeite no carro, elas podem pendurar no espelho”. Eles puderam criar a partir da necessidade de material uma nova forma de fazer suas atividades, refazendo, a partir dos instrumentos disponíveis, uma alternativa para o objeto que estava em falta. Foi possível sentir que a vontade de ter todos os materiais disponíveis para criar era grande, o querer fazer outras atividades era intenso, mas, dada a situação, os trabalhadores faziam suas atividades possíveis para aquele momento (CLOT, 2010a; VIGOTSKI, 1930/2009).

Vinculados à Rede de Saúde, os trabalhadores da Geração são convidados a dar voz em vários campos de atividade, seja acadêmica, cultural, e outros espaços onde possam representar a perspectiva da saúde mental e do trabalho. Sendo assim, naquele dia, os trabalhadores foram convidados a participar de uma reunião do Conselho de Saúde que envolvia os diversos aspectos de saúde do município. Nesse espaço eles poderiam opinar diretamente nessas questões discutidas. O expediente, então, terminou mais cedo, mas antes de se deslocarem até ao Conselho de Saúde, fizeram o lanche da tarde e convidaram a pesquisadora para estar junto com eles no exercício de suas cidadanias. Participar da reunião do Conselho permitiu visualizar que a Geração proporciona, além de um espaço de trabalho aos sujeitos, um lugar onde eles podem ter suas vozes ouvidas até mesmo fora do âmbito do trabalho, cooperando também com a temática da saúde.

E foi na terceira observação que se conseguiu perceber de forma mais nítida como a Geração abre portas para os trabalhadores serem atores sociais. Enquanto os participantes executavam suas atividades, a pesquisadora pôde conversar com a arte-educadora. Entre os diálogos com esta, a mesma falou sobre a importância do Programa da Geração de Renda para a ressocialização dos sujeitos e a melhoria no seu quadro clínico. As oportunidades, tanto de

realizar os trabalhos, como de vender o material produzido em feiras e participar de eventos como a FENEARTE⁶, elevam a autoestima dos participantes do serviço e produzem mais engajamento no trabalho. A melhoria no quadro clínico de muitos trabalhadores após a entrada na Geração parece mostrar um avanço da inatividade para a atividade, além do sentimento de poder contribuir com algo de si no trabalho e de produzir um meio para se viver, fazendo a atividade se assemelhar à saúde (CLOT, 2011). Eliene⁷, por exemplo, chegou à Geração bastante agitada, mas aos poucos pôde se envolver nos trabalhos e realizar vendas em grandes feiras de artesanato e até participar de palestras em faculdades. Seu Wagner ressignificou sua própria história através do trabalho. Ele contou à pesquisadora que trabalhava com reciclagens, mas a má conservação dos materiais em sua propriedade e o aparecimento de roedores fez com que houvesse uma intervenção dos órgãos competentes de vigilância sanitária. Seu Wagner, então, teve que abandonar esta atividade e acabou entrando em um processo depressivo. Passou a participar dos grupos terapêuticos em sua comunidade com a psicóloga que atende à demanda de saúde mental do Núcleo de Atenção à Saúde da Família (NASF) e foi encaminhado à Geração através deste serviço. No Programa, começou a reeditar sua história. Passou a colecionar materiais e criar produtos, dar forma a outro tipo de reciclagem, fazer arte com o que ia para o lixo, mas sem prejudicar a sua saúde. Percebe-se que seu Wagner deu forma ao novo em sua história. O produto de sua atividade criativa não foi só os novos produtos que confecciona, mas seus próprios aspectos subjetivos (VIGOTSKI, 1930/2009).

A Geração de Renda, cooperando no refazer do próprio sujeito, também pode ser vista na história de muitos outros trabalhadores, seja contribuindo com uma mudança mais duradoura, como na história de seu Wagner, ou até mesmo no dia-a-dia de trabalho quando pequenos sorrisos são formados, onde pensamentos desagradáveis são substituídos por pensar em arte, pensar artesanato. Ao observar os trabalhadores, pôde-se perceber que o clima interpessoal é de amizade e cooperação. As conversas fluem, aliás, elas fazem parte da rotina dos trabalhadores da Geração, pois em volta da mesa de trabalho, enquanto tecem seus artesanatos a partir das doações de tecidos que não são reaproveitados por outros lugares ou materiais cujo outros locais não aproveitam, o diálogo sobre suas atividades e sobre suas vidas ocorre o tempo todo, até a hora da saída. Além das conversas, percebeu-se que no ambiente há respeito entre colegas de trabalho, sejam eles técnicos da prefeitura ou

⁶ Feira Nacional de Negócios do Artesanato, considerada a maior feira de artesanato da América Latina. Ocorre anualmente no Centro de Convenções do Recife.

⁷ Todos os nomes que aparecem nesta pesquisa foram alterados, tanto dos participantes como de outros sujeitos mencionados durante os diálogos, a fim de preservar o sigilo sobre suas identidades.

participantes da Geração. Também se pôde visualizar que os objetos são compartilhados, as atividades são feitas em conjunto e um produto pode ser feito por mais de uma pessoa, pois todos se envolvem nas atividades propostas e, caso uma atividade não seja finalizada no dia que iniciou, outro colega pode dar continuidade ao que o outro começou. Tudo é combinado entre trabalhadores e as arte-educadoras.

A interação presente no ambiente do Programa permite que os participantes da Geração se integrem para além do próprio espaço, recebendo visitas da população, de técnicos de outros serviços e da comunidade acadêmica. Na quarta observação, a pesquisadora pôde presenciar esta troca entre serviços. Houve, naquele dia, uma oficina de alimentos com a nutricionista da Rede de Saúde Mental. Ela falou sobre a importância da alimentação saudável, mostrou os alimentos que deveriam ser consumidos com cuidado e chamou a atenção dos participantes da Geração em como deveria ser o consumo dos alimentos através da atividade do semáforo: no sinal verde estavam os alimentos liberados para consumo contínuo; no amarelo, os alimentos a serem consumidos com moderação e, no vermelho, aqueles a serem evitados em grandes proporções.

Naquele dia, havia uma equipe de enfermagem da UFPE na Geração, que convidou os participantes para estarem presentes como ouvintes e como palestrantes no seminário de saúde mental que iria ocorrer na Universidade. O teatro da Geração também foi convidado para se apresentar e foi incentivada a venda de produtos durante o seminário. As estudantes e os estudantes da UFPE também convidaram a pesquisadora para ir como ouvinte e os participantes da pesquisa logo ficaram animados com o convite para estarem presentes no evento também com a presença da pesquisadora.

Um dos momentos mais significativos naquele dia foi o momento do lanche. A arte-educadora chamou a atenção da pesquisadora para que pudesse presenciar o que para ela é o momento muito satisfatório: poder ver os trabalhadores se servindo na mesa. Para ela, é gratificante a observação da evolução de muitos participantes que, muitas vezes, viviam excluídos dentro de um hospital e que passaram a ser capazes de se alimentar em uma mesa e se servirem. Os trabalhadores mostravam-se empolgados em volta da mesa. O bate papo e comes e bebes é uma rotina que aproxima ainda mais os participantes e é nesse local que, além das trocas sobre os trabalhos, pode-se comentar sobre os diversos assuntos do cotidiano.

Na última observação antes da Oficina de Fotos, a Geração teve uma frequência reduzida. Havia sido realizada uma atividade pela manhã com um grande público de trabalhadores e à tarde havia poucas pessoas no local. A queda na frequência é comum quando acontece alguma atividade que envolve um grande número de trabalhadores em um

dos turnos, como foi salientado pelas arte-educadoras. Como a dinâmica do local estava mais tranquila, a pesquisadora aproveitou o momento para testar as câmeras e visualizar um melhor lugar e posição para colocá-las, já que no dia posterior começaria a Oficina de Fotos. Os poucos participantes que estavam no local ficaram curiosos com as câmeras e perguntavam o tempo todo se seriam elas as que seriam usadas durante a Oficina de Fotos.

Ademais, o que se pôde perceber durante as observações é que a Geração apresenta um gênero do ofício cooperativo, onde todos buscam auxiliar o outro em suas dificuldades ou até mesmo ensinam novas práticas. O ensino de novas habilidades, inclusive, não é exclusivo das arte-educadoras, mas é um exercício constante entre os trabalhadores, pois as novas práticas são compartilhadas entre todos. A relação com as arte-educadoras não segue uma hierarquia autoritária, todos são colegas de trabalho que trocam experiência e aprendizado. Os outros técnicos do serviço também estabelecem uma relação de cordialidade com os participantes do programa.

4.3 GER(AÇÃO) DE FOTOS ONDE O TRABALHO MUDA VIDAS: A OFICINA DE FOTOS

4.3.1 O primeiro encontro no subsolo: conhecendo os artesãos

Após aproximadamente um mês de entrada no campo de pesquisa, iniciou-se a Oficina de Fotos. Havia uma expectativa grande dos participantes para que ela iniciasse porque eles queriam saber o que ocorreria, que fotos seriam realizadas, se eles aprenderiam a fotografar. Até mesmo os outros trabalhadores que não estavam participando da pesquisa estavam curiosos para saber o que ocorreria durante a estadia da pesquisadora na Geração. Quando ela chegou ao local, quase todos participantes estavam a postos e houve apenas alguns atrasos.

Antes de iniciar o processo, foi informado que uma das participantes (Wanda) não compareceria, pois teve o Cartão de Livre Acesso aos ônibus bloqueado. Mesmo sendo lembrada pela arte-educadora sobre a possibilidade de que a pesquisadora poderia cobrir os gastos com a passagem, como havia sido comunicado desde a assinatura do TCLE⁸, Wanda não quis, de antemão, aceitar a ajuda financeira. Infelizmente, a pesquisadora só ficou sabendo da dificuldade de deslocamento da participante através de uma das arte-educadoras

⁸ Um dos critérios que o pesquisador deve atender ao comitê de ética é a prerrogativa de que, caso seja necessário, poderá chegar a cobrir os gastos com a pesquisa inclusive de deslocamento ou alimentação dos participantes.

poucos minutos antes do início da oficina, o que impossibilitou a articulação para que Wanda chegasse a tempo para o primeiro encontro.

Nesse momento da oficina denominado “conhecendo os artesãos”, a atividade realizada em grupo objetivou conhecer os participantes do estudo e sua relação com o trabalho e o serviço de saúde mental.

Todos estavam bastante cooperativos e buscavam responder às perguntas realizadas pela pesquisadora com atenção e respeitando a vez dos colegas. Entretanto, uma das participantes, que costuma ter uma grande produção de fala, tomou para si uma boa parte do diálogo e isso inquietou um pouco os outros trabalhadores durante a oficina, principalmente no seu término. A não participação dos técnicos da Prefeitura causou um pouco de estranheza por parte de uma das trabalhadoras que já havia participado de outra pesquisa que envolvia todos os trabalhadores e técnicos. A fim de possibilitar um diálogo mais dinâmico e satisfatório a todos, a pesquisadora conversou com os participantes após o primeiro encontro, buscando saber suas inquietações e possíveis estratégias para evitá-las. A identificação das reivindicações possibilitou uma maior fluidez na participação de todos.

O primeiro encontro se iniciou através de uma breve apresentação de como seria a Oficina de Fotos, os objetivos do trabalho, as regras de convivência para os encontros, a questão do sigilo que a pesquisadora teria com as filmagens e falas deles e, novamente, a mesma se apresentou ao grupo. Iniciou-se junto com os trabalhadores a dinâmica da bola e foram dadas as seguintes instruções:

Pesquisadora: Então, para a gente começar, eu vou fazer uma dinamicazinha com esta bola, eu não sou artesã como vocês, mas tentei fazer uma bolinha é... um pouco mais criativa... e... e aí eu vou me apresentar e depois vocês se apresentam, certo? Então vamos lá. É... como eu já falei meu nome é Jaqueline, eu tenho 27 anos e o meu trabalho atualmente é... eu sou mestranda da Federal, é que estuda mestrado. Como eu já expliquei para vocês já, é... mestrando é aquele que terminou a graduação e está fazendo uma outra especialização, está se especializando em uma área, tá certo? Aí eu vou jogar a bolinha, aí vocês dizem o nome de vocês, a idade, e qual o trabalho que vocês fazem aqui e há quanto tempo estão aqui e há quanto tempo tá aqui. Certo? Deixa eu ver para quem eu vou jogar. (olha para os participantes e joga para Luciana).

Após a apresentação da pesquisadora, os participantes passaram a apresentar-se com a dinâmica da bola. Neste primeiro encontro, foi possível estabelecer uma aproximação com os trabalhadores da Geração de Renda, conhecer como chegaram ao programa, saber sobre seus históricos de hospitalização e/ou vínculo com os serviços de saúde mental e as transformações

de vida através do trabalho que vai além da venda da força de trabalho para a promoção da possibilidade de agir (CLOT, 2006a).

Os trabalhadores da Geração de Renda que reeditam um novo destino para os materiais que muitas vezes seriam descartados e os transformam em arte são aqueles que também viviam a exclusão social e reeditam suas histórias através do trabalho. A atividade no espaço da Geração de Renda possibilita assim a reedição de três histórias: a do objeto, a do sujeito e do outro que é atravessado pela criação (CLOT, 2007). Ocorre a reedição do objeto porque os materiais com que trabalham, e que muitas vezes iriam para o lixo, ganham novos contornos, viram arte através do seu fazer. Há a reedição de si mesmos porque, ao realizar a atividade, eles também se desenvolvem, deixam de ser apenas sujeitos com transtorno mental para serem artesãos. Ocorre a reedição do outro porque é no grupo que as coisas acontecem. Eles cooperam, auxiliam, ensinam uns aos outros e se tornam o grupo da Geração de Renda.

Os nove participantes da pesquisa são todos sujeitos que são marcados pelo histórico de preconceito que envolve a manifestação e diagnóstico do transtorno mental. Muitos passaram por um histórico de hospitalização e até desvinculação definitiva dos laços familiares. A transformação por meio do trabalho possibilitou um novo lugar para os sujeitos antes esquecidos (CLOT, 2006a). A inclusão por meio do trabalho é a proposta da Geração de Renda que, através de um espaço de criação, permite que os sujeitos fora do mercado formal possam ser incluídos através do trabalho (BRASIL, 2014). Isso pode ser percebido nos discursos dos participantes da pesquisa.

Pesquisadora: Como é que vocês chegaram ao serviço? Aqui?

Eliene: Quando cheguei ao serviço eu perturbava muita pessoa. Eu falava (inaudível), era a pessoa mais terrorista, mais terrorista do mundo. Ninguém me aguentava. Ninguém ficava perto de mim. Os doutores era qui (faz sinal com a mão firme como se fosse um corte em direção ao pescoço e som com a boca) dando lapada.

Pesquisadora: Por quê?

Eliene: Por causa dos problemas que eu tenho: de bipolar, a discriminação... Muita coisa. [...] E eu fui muito discriminada por causa disso. Eu digo (gagueja algo incompreensível) que depois da ajuda que Juliana (arte-educadora) me deu (inaudível), ela me ajudou, me aprontou (inaudível), eu sei fazer terapia de chaveiro, para ver se aqui eu sei fazer. Aí a gente trabalha o dia todo. Aí depois desta discriminação me-melhorou minha auto estima. Me levantou e aí a sociedade me abraçou e viu que eu não era aquela pessoa complicada, que não era aquela pessoa terrorista, que perturbava, que-que falava pelos cotovelos, mas não sabe o valor que a pessoa tinha (inaudível). (Fala gesticulando com os braços e rapidamente) (sic).

[...]

Pesquisadora: Certo, oohh... eu vou perguntar à senhora (aponta para Érica), mas deixa eu perguntar para Eliene. Eliene, disse... Foi aqui na geração que tu melhorou?

Eliene: Foi (incompreensível)

Érica: Eu melhorei aqui também. (Eliene faz um gesto pedindo para ela esperar)

[...]

Pesquisadora: Aí tu diz que ficou melhor por causa do...

Eliene: Dos eventos, da sociedade... Eu ganhei dois diplomas: 2011, 2012 da FENEARTE. Ta guardado (inaudível) só ninguém sabe onde.

Pesquisadora: Mas nestes eventos, estas pessoas fizeram o quê para tu melhorar?

Eliene: Aqui?

Pesquisadora: O que é que tu...

Eliene: Para eu melhorar foi aqui mesmo. Aí através eles mandou para cá, né? Até hoje eu tou aqui. Aí só muda o dia (inaudível) muita coisa que eu sei fazer, é planilha de preço. Dos (inaudível) da escola, eu sei fazer um bocado de negócio. Para mim mesmo, eu tenho o me-meu trabalho, pra-pra mim mesmo. Até oficina eu tenho em casa. Atelier em casa. Oia tu não sabe o material que eu tenho em casa, se eu disser foi com o suor meu (inaudível) suor meu (inaudível), com a minha mãe. Pequeno, grande negócio. Eu tenho o deploma (sic) té hoje de profissional. Sei lidar com qualquer alicate, de alicate grande, sou especialista em alicate, aqui na Geração fui pra, pra Pombos (inaudível)? Pra pra um negócio fiz uns chaveiros lá (inaudível). Avista isto aqui (aponta as guirlandas do teto) (inaudível) florzinha, eu sei fazer qualquer negócio. O que eu mais gosto de fazer também, a minha mãe (inaudível) dela, como aprendi costura em máquina, eu puxo a máquina também. É corte e costura. Aí eu sei fazer estes negócios. Sei fazer guincho, (inaudível) embutido, (inaudível) sanfona (gesticula os pontos com as mãos) e (inaudível) com a mão e ela não (inaudível) e isto dela vai passando para mim. No futuro serão minha (inaudível) eu vou ser grande costureira de tudo, de tud... Uma grande artesã de tudo, também. (sic)

[...]

Pesquisadora: É... Érica ia falar também, não foi?

Eliene: Fala Érica

Érica: Foi... Eu era... Quando sai do Hospital Alberto Maia. Passei 27 anos no Hospital Alberto Maia. Recebi alta aí me mudaram de Residência. Lá de do Bairro Novo. Aí de do Bairro Novo vim para esta daqui. (inaudível) Eu era um pouco meio adoentada, sabe? Doente, mesmo eu tomei remédio. Sem remédio (inaudível). Eu não era assim não, era muito doente.

Pesquisadora: E a senhora que melho... Que assim, aqui, o espaço, ajudou como?

Érica: Este espaço ajudou em muita coisa (olha para o lado esquerdo onde ficam os materiais, a mesa), porque eu trabalhava sem me abaixar, sabe? Procurava fazer tudo isto, fazia flor, fazia tudo isto, que eu trabalhava não fazia não (inaudível). Eu acho que ajudou muito a fazer muita coisa porque eu já tomo remédio, tomo também, sabe. Sei me (inaudível) muita coisa também.

Nesses discursos é possível compreender a restituição do poder de agir dos sujeitos através do trabalho. Eliene sofreu bastante preconceito antes de chegar à Geração e até mesmo quando iniciou sua trajetória no grupo, mas, através do trabalho, ela pôde traçar uma nova

história de vida. No lugar da “doente terrorista” que falava muito, ela passou a ser aquela que é exímia em trabalhar com alicate, que tem sua própria produção em casa e até pôde participar de grandes eventos de artesanato como a FENEARTE.

A condição de desemprego é uma realidade constante para as pessoas com transtorno mental. A situação do sujeito que se encontra fora do campo do trabalho, em desemprego, favorece a separação do sujeito do homem por não permitir que ele se inscreva numa história coletiva e possa promover a transmissão desta participação a outras gerações (CLOT, 2010b). Através da Geração de Renda, pode-se perceber nas falas de Érica e Eliene, por exemplo, que elas puderam reeditar a história de exclusão, pois a Geração é uma espécie de associação de desempregados que possibilita uma maneira de sair do processo de mutilação e privação da ação coletiva antes conferido a Eliene e Érica e aos outros participantes que vieram de um histórico de exclusão social. Se antes eram olhados como se a doença assumisse o protagonismo, após a Geração, o trabalhador artesão ganha voz. Ao associar-se aos seus colegas da Geração, os sujeitos são ajudados a ter um lugar, são acolhidos na distribuição social das atividades. Através da Geração, eles passam a realizar uma atividade útil (CLOT, 2010b, 2007) frente à situação de exclusão e, desta forma, eles passam a ter um lugar na estrutura social, uma função no gênero profissional muito além do reconhecimento do seu drama pessoal de sujeitos com transtornos mentais ou até mesmo loucos.

Estar na Geração é uma possibilidade real desses sujeitos saírem da condição de estarem sobrando na sociedade (CLOT, 2010b) porque o sujeito sem uma ocupação sente-se impossibilitado de contribuir para a história social, e isto vai além da questão de salário. Érica fala que chegou muito doente e quando perguntada como a Geração a ajudou, responde que sabe fazer muita coisa, que aprendeu muita coisa, o poder fazer a ajudou, muito além de qualquer renda que ela pudesse ter. Aliás, a renda é algo que eles não estão conseguindo ter acesso através dos produtos comercializados, pois, desde que ocorreram os assaltos, o ganho tem sido pouco. Apesar disso, Eliene sente-se realizada porque pode participar de eventos dos quais tinha muito desejo de participar, a exemplo da FENEARTE, e se orgulha de ter montado a sua própria oficina de artesanato em casa. Portanto, é possível perceber que Érica e Eliene conseguiram se inscrever na história social e são consideradas artesãs, especialistas no que fazem.

A Geração de Renda também desponta como importante para dona Carla, uma das mais antigas na Geração, que assegura que o coletivo de trabalho deste ambiente a ajuda a fazer as atividades com eficácia. Estar em casa para dona Carla significa ficar triste e não

conseguir fazer artesanato. A inscrição no coletivo de trabalho permite o seu desenvolvimento psicológico e a afasta das ruminções (CLOT, 2006a).

Carla: Meu nome é Carla... (inaudível) Faz muito tempo que eu tou aqui. Antes de começar isto aqui, ainda tava na outra casa (faz gesto com a mão para dar uma direção da outra casa e gira o dedo como se quisesse dizer outra casa)

[...]

Carla: Mas, mas faz entre 9 e 10 anos (faz com a mão direita como se dissesse deixa para lá), de tudo eu faço um pouco (continua gesticulando com a mão direita), mas aqui (aponta para o chão), em casa eu não faço nada (dedo negando), em casa eu não faço nada (ri e todos os outros sorriem também), em casa eu não faço nada, porque não tenho muita paciência para fazer as coisas só não, eu eu gosto de fazer as coisas no meio de um monte de gente (gesticula com a mão fazendo círculo como tivesse mostrando “no meio do grupo”), mas sozinha é difícil (olha para seu Wagner que está do seu lado e gargalha brevemente). Às vezes eu faço bloquinho, eu faço isto aqui... (aponta para as guirlandas penduradas acima de sua cabeça), faço estes “colar”, já fiz “relógi” (sic), já aprendi a fazer “relógi”, já aprendi a fazer esses, esses, essas molduras (fala apontando para molduras da parede e procurando outros objetos para falar) aprendi fazer tudo, tudo que eu...

Pesquisadora: Mas porque a senhora diz que, que tem... Que gosta mais de, de fazer em grupo do que sozinha. Qual a diferença?

Carla: É porque... (pausa pequena) Eu acho que em grupo (pausa pensando) eu fico assim, eu me sinto assim mais à vontade, sabe?

Zípora: Mais animada (inaudível)

Carla: É, e, e. Eu me sinto mais animada, e eu sozinha eu fico mais triste, eu fico mais deitada, aí não dá, eu não faço nada em casa. Eu levo as coisas para casa e não consigo fazer nada, nada, nada do que eu faço aqui (a pesquisadora balança a cabeça como afirmando). Agora aqui eu ainda faço alguma coisa... Mas eu gosto daqui porque eu me distraio eu esqueço os problemas, se desse eu ficava aqui o dia todinho, sabe? Aaadoro isto aqui. Seu...

Na fala da participante, é possível ver o coletivo de trabalho como importante na realização de suas atividades. A ação do gênero do ofício da Geração de fazer junto, de ser cooperativo e de conversar enquanto trabalha aparece como favorecedor e organizador de suas ações. Por outro lado, o estilo de dona Carla se encaixa perfeitamente no gênero do trabalho, ela não gosta de fazer só. Há também outros participantes que fazem junto, mas tem como estilo o gosto de levar o trabalho para casa para fazer, “adiantar”, “distrair”. Dona Carla, por sua vez, só consegue fazer na Geração, de maneira que estar longe do ambiente de trabalho favorece as ruminções e dificulta o desenvolvimento de suas atividades. O trabalho para dona Carla aparece como uma maneira dela poder realizar uma atividade e estar junto dos outros, havendo a inclusão social pelo trabalho (BRASIL, 2014).

A atividade de artesanato é o que move a Geração de Renda e transforma usuários de CAPS, usuários de ambulatórios de psiquiatria e de serviços de saúde mental em artesãos. Mas, dentro do contexto de trabalho, onde a atividade prescrita (CLOT, 2010a, 2007) não apresenta preponderância, já que há sempre renovação de atividades e todos podem contribuir com ideias, nem sempre a atividade realizada é aquela que se quer realizar. Ao serem questionados sobre suas atividades, muitos falam sobre os produtos que confeccionam no presente. Mas há, também, aqueles que fazem referência às atividades do passado. Falavam do que não era possível realizar na época de desenvolvimento da pesquisa devido à falta de material.

A reclamação pela falta de material foi algo muito presente no discurso dos participantes desde o momento do início da pesquisa até a sua finalização. Luciana, ao falar sobre sua participação na Geração, expõe o real da atividade, o que ela gostava de fazer, mas que não podia fazer no momento. Ela diz que está há aproximadamente nove ou dez anos na Geração e começa a falar das atividades que gosta de realizar, mas não pode.

Luciana: Aproximadamente isto, porque já faz muito tempo. Passei pelo CAPS primeiro para poder vim pra cá. Aí o que eu gostava de fazer era (inaudível), era customização de blusas, sabonete eu aprendi um pouquinho, fiz uma vez só, mas aprendi, tem glicerina, tem não sei o que lá, não sei o que lá (balança as mãos), tem uma coisa lá que passa nas bandejinhas, não sei lá o quê, passa o sabonete, derrete ele, tem corante, tem cheirinho, tem um bocado de coisa, mas agora ta legal, quer dizer não ta, ta faltando um bocado de coisa na geração né? ... teve três assaltos. A geração precisa de muita coisa [...]

Ao dizer que falta material, Luciana diz de uma atividade impedida (CLOT, 2006a) porque ela gostaria de realizá-la, mas, embora impedida, ainda é desejada por ela. É possível visualizar na fala de Luciana que a atividade inclui o que ela faz e o que não faz, envolve o querer fazer dela, mesmo que a atividade que ela fazia quando entrou na Geração não possa ser realizada no momento. Ela está impedida, mas faz parte da atividade porque está presente nos desejos de Luciana, como se vê acima (CLOT, 2010a, 2006a).

Foi no diálogo sobre as suas atividades que as controvérsias surgiram no discurso dos participantes da Geração e, através dessas, novos sentidos de ação surgiram. Foi o que ocorreu na fala de Carla, quando ela fala sobre como chegou ao serviço. Inicialmente, ela relata que, quando se vinculou à Geração, se sentia da mesma maneira de como estava neste encontro, mas, quando confrontada pela colega, muda o discurso:

Pesquisadora: E o resto do pessoal como é que chegou ao serviço?

[...]

Carla: Eu cheguei aqui no serviço... (faz uma pausa e fala) Como tou hoje (balança a mão e fala bem pensativa). Ééé Quando eu tava assim muito... Porque eu entrei em depressão. Aí eu não comecei o tratamento aqui eu comecei na Madalena,

Pesquisadora: Certo!

Carla: Comecei na Madalena. Aí passei uns cinco... uns...

Pesquisadora: Antes de começar aqui tava na Madalena é?

Carla: Cinco anos. Era! Era! Aíiii (demora um pouco pensando) eu passei... Eu me internei lá no Ota... Otávio de Freitas (fala baixinho)

Pesquisadora: Hunrum

Zípora: (inaudível) Desculpa a palavra

Carla: Não!!!! (se ajeita na cadeira, se coloca para frente e volta, põe a mão esquerda no peito direito)

Pesquisadora: Não, pode falar, quem entender...

Carla: Eu tou dizendo assim que antes de ta aqui eu já estive, melhor, não foi melhor não? (Zípora, Carla e Wagner falam ao mesmo tempo)

Zípora: Não, você não chegou assim não, chegou mais agitadinha (pega no braço direito de Carla);

Wagner: Eu vou falar (põe a mão pedindo a vez);

Carla: Eu cheguei como cheguei hoje (levanta a voz) assim, porque, veja...

Pesquisadora: Seu Wagner quer falar (aponta a caneta e inclina o corpo).

Wagner: É bom, bom a pergunta: de que, porque chegou até aqui? Qual foi o seu problema pra chegar até aqui? (faz um gesto com os dedos polegares e indicativo tipo: trecho)

Carla: Apois foi isso que eu comecei, o meu problema.

Wagner: Porque o que ela ta contando é como foi que ela chegou até aqui

Carla: Apois é isso... Foi quando eu comecei meu tratamento na Madalena e lá eu fazia também, não é igual aqui, fazia umas coisinhas que eu ia todo dia (ênfase), tirava (inaudível) na prefeitura, aí lá eu fazia boneca de cabeça, éé... Diferente daqui, boneca de-de... (põe a mão como se estivesse fazendo um top e depois coça a cabeça por não lembrar), aquele... Sei lá umas bonecas (roda as mãos para frente).

Zípora: Bonecas de lã.

Carla: De lã (dá um salto na voz), boneca de lã. E assim eu passei uns quatro anos lá, antes de eu chegar lá, eu tinha... Já tinha me internado (fala mais baixo), aí que quando eu (inaudível), eu fui melhorando, melhorei né? Aí quando foi depois lá não aceitava mais gente de Camaragibe, já tinha este CAPe (CAPS) aqui (aponta para cima), aí (põe o dedo na boca) me encaminharam pra qui...

Dois aspectos chamam a atenção na análise desse diálogo. Inicialmente, Carla afirma que chegou da mesma forma que estava no dia da pesquisa. Quando confrontada pela colega, passa a refletir sobre sua fala e, por fim, reconsidera o que tinha falado anteriormente “[...] eu fui melhorando, melhorei né?” (Carla).

A partir dessa controvérsia presente no discurso de Carla, Wagner e Zípora veem a atuação do coletivo de trabalho (CLOT, 2006a) no favorecimento de um novo sentido para ação. São os colegas que mostram o equívoco de Carla que desconsidera sua evolução após o

trabalho na Geração. Primeiro, o pensamento sobre Carla e sobre seu quadro clínico ocorre no coletivo e, depois, desenvolve-se no individual (CLOT, 2006a). Depois que o coletivo mostra o equívoco à Carla, ela consegue dar um novo sentido e perceber a transformação que a Geração fez em seu quadro clínico. A partir da análise desta controvérsia, percebe-se a importância conferida por cada trabalhador à evolução em suas saúdes após a entrada no programa. Estar na Geração parece representar, nessas falas, melhora de vida, de saúde, algo em consonância com o objetivo da Reforma Psiquiátrica. Para os trabalhadores, na Geração, o reconhecimento sobre a mudança de vida pela qual passaram após entrar no grupo é fundamental e eles acompanham a transformação.

Outro aspecto que chama a atenção nesse diálogo é a fala de seu Wagner. Nela, é possível ver a ação do processo criativo se configurando. O surgimento do produto da imaginação criadora se faz presente através da nova pergunta que ele formula a partir do que a pesquisadora já havia perguntado anteriormente: “E o resto do pessoal, como é que chegou ao serviço?” (pesquisadora). Percebe-se inicialmente um processo de inadaptação (VIGOTSKI, 1930/2009) de seu Wagner que passa a pedir a vez para falar e se move na cadeira: “eu vou falar (põe a mão pedindo a vez) (Wagner)”. Em seguida, ele faz um processo de transformação da pergunta inicial da pesquisadora: “É bom, bom a pergunta: de que, porque chegou até aqui? Qual foi o seu problema pra chegar até aqui?” (Wagner). Ele cria uma nova pergunta através da dissociação de sua pergunta e associação em uma nova combinação frente às contradições surgidas entre as outras participantes. O produto da imaginação criadora nestes diálogos surgiu, então, através do aparecimento de uma nova pergunta. Ser questionador na Geração e opinar é algo que faz parte do gênero da atividade, pois é através dos questionamentos das opiniões que eles passam a investir na confecção de um novo produto. Questionar o colega e contribuir com sugestões fazem parte da atividade de ser artesão na Geração.

No que diz respeito ao serviço de saúde mental, é possível verificar nas falas que esse serviço se apresenta como um suporte à Geração de Renda, encaminhando pessoas para participar do Programa, além de realizar atendimento psicológico e psiquiátrico, promover o fornecimento de medicação e um espaço de escuta aos sujeitos com transtorno mental. E é referente à questão da medicação que aparece mais uma das contradições do ambiente da Geração, como se verá abaixo. Nas falas, é possível ver duas destinações sobre a medicação no ambiente do Programa. Ela é fonte de mobilização para o trabalho porque permite à participante esquecer, mas, para outra, o uso exacerbado é prejudicial e até traz riscos em seu deslocamento para o trabalho.

Carla: [...] Aí o remédio ajuda, o remédio me ajuda a esquecer, me ajuda a esquecer (pensa um pouco).

[...]

Zípora: (inaudível)... Remédio, se a pessoa tomar... (inaudível)... Ela não precisa disso, ela é bem de vida, não falta nada para ela e ela toma todos os remédios. (inaudível). Ele anda assim oh, ela anda assim, tem vez que ela cai na rua. (fala sobre uma colega de trabalho) Eu não quero ficar assim. Deus me livre. (inaudível). Ainda tem plano de saúde... (sorri) remédio forte. O papel assim, que eu não sei nem o nome, eu não vou comprar ele não (inaudível) eu só quero um (inaudível) o povo toma remédio assim (muito).

[...]

Zípora: Tás lembrada que eu tomei e passei foi mal? (inaudível, Eliene também faz um barulho não entendível) se não fosse por causa dela eu ia passar no meio da rua para o carro passar por cima de eu. Eu não tava vendo o carro (inaudível) parar, parei.

O uso de medicação é uma realidade na vida dos sujeitos com transtorno mental. Geralmente, a dicotomia entre benefícios e malefícios pode ocorrer porque o mesmo medicamento que promove a remissão de sintomas, também traz em sua substância os efeitos colaterais que atuam no sujeito causando muitas vezes lentificação, sono, aumento do peso. O sono foi uma queixa constante de Luciana tanto no primeiro encontro, quanto nos demais e até mesmo no período de observação inicial (FERREIRA et al., 2017).

Outra controvérsia que aparece é sobre o próprio termo “Geração de Renda”. Após os assaltos sofridos pelo Programa, a falta de materiais e problemas na estrutura por falta de equipamentos, diminuiu consideravelmente o retorno financeiro dos produtos confeccionados, o que faz aparecer na fala dos participantes o ambiente como um espaço de ocupação da mente, de aprender atividades, muito além de que um espaço de geração de renda. Por outro lado, mesmo não trazendo uma recompensa monetária, o trabalho mostra-se como um espaço de reconhecimento do fazer do sujeito, de ocupar a mente e fazer-se artesão. A atividade como equivalente à saúde passa por essa lógica e é o que se vê abaixo na fala dos participantes, pois mesmo faltando “renda”, o trabalho possibilita o desenvolvimento do poder de agir (CLOT, 2010a).

Érica: Geração de Renda. (inaudível) há dez anos que eu tou aqui dentro, dez anos moro em Residência⁹. Eu ajudo muito daqui, eu faço flores, faço colar, faço miçanda, desenho, desenho para costurar, faço chaveiro, faço carteira, peso de porta, sandália desenhada, tudo isso eu faço. E eu gosto muito de ta aqui, (inaudível)? Né rim não (sic). Agora é porque que teve roubo aqui nesta Residência, sabe? Aqui nesta Geração. Roubaram tudo aqui dentro. Aí para recuperar ta difícil, sabe?

⁹Residência terapêutica.

Zípora: Roubaram três vezes aqui.

Érica: Roubaram três vezes aqui, foi? Foi três vezes no foi? Roubaram três vezes aqui. Ai agen-gente fazendo o trabalho para (inaudível) juntar um dinheirinho.

Luciana: (faz o sinal com dois dedos e fala) roubaram duas vezes.

Érica: Duas vezes. Roubou duas vezes aqui.

Zípora: Foi três vezes (fala com ênfase).

(Luciana faz uma cara de incômodo)

Érica: ...Quebrou tudo...

Zípora: de doutora Suenya (fala algo não entendível).

Érica: Aí quebrou tudo, levou computador, levando o telefone, levou um bocado de coisa, deixou a gente sem nada...

Zípora: Roubou por ali (aponta para a direção da grade), roubou por aqui...

Érica: Agora para recuperar ta difícil, para recuperar (Zípora gesticula apontando para um lado e outro e fala: roubou por aqui e por ali). Agora dava para ganhar até um dinheirinho... (inaudível)... Ta difícil vender as coisas. Bota para vender, mas não vende muito, vende pouco (Zípora fica conversando com Carla algo inaudível e Luciana faz sinal de dois e silêncio para ela). (fala algo que não dá para entender)... Para gastar na geração.

[...]

Pesquisadora: Vocês o que vocês acham do serviço?

Zípora: Tou aprendendo ainda (inaudível) Porque Geração de Renda só tem o nome, não gera nada.

[...]

Érica: Geração (inaudível)? Falar da Geração... aqui é bom, um tratamento muito muito bom.

Zípora: A gente entra, aprende uma coisa, outra (gesticula com as mãos para um lado e para outro)

Em outro momento, quando a pesquisadora pergunta sobre a importância do Programa, o gerar renda também não aparece, ganha novos objetivos, novos sentidos de ação.

Eliene: Eu eu acho mais interessante no programa é a intimi... A ocu, a conversa e prestar atenção no serviço, se concentrar, no que ta fazendo que é pra se concentrar em um o outro. Quer pra se concentrar só naquilo que você está fazendo, isso é concentração. Isso é mais de cem por cento (inaudível) (Seu José arrasta a cadeira na hora).

[...]

Carla: (inaudível) é cuidadora que cuida da gente que tem o maior carinho pela gente. Tem o maior prazer de ensinar a gente (sobre a arte-educadora).

A Geração aparece, muitas vezes, como um espaço para ocupar a mente e a falta de material surge como o mecanismo de inadaptação que favorece a busca de novos sentidos para ação. O “gerar renda” passa a ser entendido como o “ocupar a mente” e o “aprender uma atividade”. Na fala de Luciana, a controvérsia favorece um novo sentido para o Programa, falar deste é falar das faltas que existem durante a época de execução da pesquisa. Falar sobre

o Programa nas discussões dos participantes parece se misturar com o que precisa melhorar porque, durante a pesquisa, a necessidade de material para se trabalhar se esbarrava na falta desse mesmo material.

Luciana: O que é que eu acho da Geração? O que é que eu acho da Geração. Assim, (inaudível), falta muito coisa, falta investimento. Nessa Geração ta faltando investimento, falta muito investimento, material. Ta faltando também um salário decente para os funcionários, faltando um salário decente para os funcionários e também é outra coisa, é... Falta muita (inaudível) Né para falar o que é que eu acho do serviço? Então eu vou focar no que está faltando na Geração de Renda. E também falta carne, falta água, (inaudível) falta uma coisa falta outra, falta água na Geração de Renda. Falta muita coisa que é preciso ser olhado aqui pelos nossos é... Superiores, né? É esse investimento na Geração de Renda. Falta muita coisa. É isso que eu acho do serviço, né? Não é que o serviço todo não, a gente ta trabalhando como que tem, mas muita coisa (inaudível), a gente ta com um problema de espaço (inaudível) e os funcionários estão trabalhando sem receber salário, se não fosse (inaudível) falta muita coisa, falta de salário pros meninos justo, é isso aí (inaudível) não sei se eu posso falar ou não, perfeito estas coisas, falar, citar, (coça a cabeça sinal de preocupação).
[...]

Pesquisadora: O que precisa melhorar no Programa de Geração de Renda?

Luciana: É aquela coisa que falei

Pesquisadora: Investimento?

Luciana: Investimento (balança a cabeça positivamente) aquilo que te falei. Aquilo encaixa bem no que tá faltando.

Pesquisadora: Hunrum.

Carla: O que ta faltando na Geração. O que ta faltando, é dinheiro pra comprar as coisas pra genteee, trabalhar. Falta pano, falta, falta tinta, muita coisa pra gente fazer, agulha...

No que se refere ao entendimento dos participantes sobre trabalho, é possível visualizar a formulação de novos sentidos para a atividade, tanto frente às controvérsias já mencionadas sobre o “gerar renda” em meio à falta de material, como também frente ao próprio contexto de desocupação proveniente do preconceito e exclusão do mercado formal e até mesmo o próprio processo relacionado ao adoecimento. Surge aí uma nova controvérsia do próprio sujeito e dele para o outro e para o seu próprio objeto: é preciso “ocupar a mente”, a mente que “tem o transtorno” (transtorno mental) é a mesma que faz produzir e configura um novo sentido para ação, transformando objeto, o próprio sujeito e o outro, como salientado por Clot (2006) e como se observam nas falas abaixo sobre o que é trabalho.

Wagner: Trabalhando, a mente da gente ta ocupada. A gente sai de casa já não tem nada, pra qui preocupado com a mente, com a mente da gente pra ta aqui dentro. (gesticula mão na cabeça, aqui). A gente

vir, a gente sabe que vai trabalhar aqui fazendo alguma coisa, aí ocupa a mente, a mente vai ficar ocupada

Suelen: É não (inaudível), a mente fica melhor, (inaudível), eu quis dizer não pensar bobagem (inaudível) faz a gente se sentir melhor. (fala compassadamente, devagar)

Eliene: Trabalho pra mim é um trabalho terapêutico de ocupar a mente (gesticula com mão direita em direção a cabeça) e muitas coisas. E o melhor de tudo que você não sabe que cada coisa que eu faço, eu propicio no meu juízo. É cada pessoa mais diferentes que as outras. E o melhor de tudo é que vem, vou trazer umas guarnição (sic) nessa comarca. É tanta criação naquele juízo. Eu digo pra você mesmo, vou falar logo a verdade verdadeira, é tanta coisa pra fazer e não faço nada, não vou mentir (inaudível) (fala muito rápido). É claro que eu faço, procuro fazer ao máximo e não consigo terminar tudinho (faz gestos com a mão direita como se fosse um atrás do outro) que é a mesma coisa, faltou uma coisa só, fora os afazeres de casa, que é, eu trabalho assim forrar a cama, é... Eu lavo roupa na mão com sabão, estendo no varal, boto na máquina deixo tudinho enxugando (fala muito rápido), estendo no varal de casa, lavo o banheiro, lavo a bacia, varro os dois quartos, varro a escada (inaudível) na cozinha o almoço que eu fui fazer hoje (inaudível) tudo isso é minha obrigação, não passaram a mão na minha cabeça, não fizeram o meu esforço, não ficaram assim oh em dia (mão esquerda ereta e a mão direita em sinal de montar na esquerda) [...]. (sic)

Carla: Eu acho que trabalhar é fazer, é movimentar o corpo. Não ficar assim parada. Pra, pra (mexe os dedos em círculos na altura da cabeça) melhorar a mente porque cada vez que a pessoa tatraba... Ta ficando nervosa a pessoa ta movimentando o corpo (mexe com as mãos para frente e movimenta o corpo), ta com a mente pra não ta pensando em nada. Eu acho que trabalhar para mim é movimentar o corpo.

Zípora: Para mim também. Trabalho pra mim é tudo: é movimentar o corpo, é movimentar a mente, é ocupar a mente e ganhar o pão, né? Porque a gente ganha o pão também trabalhando. É isso movimentar o corpo da gente e esquecer as coisas, as coisas que a gente pensa, as coisas, as coisas (inaudível) trabalhar envolve muitas coisas.

Na Geração de Renda, o trabalho aparece novamente relacionado a aspectos da mente e sua ocupação. Através do trabalho na Geração de Renda, o poder de reelaborar questões relacionadas à discriminação sobre o transtorno também surge como elementos que promovem também a ressignificação de vida. Os aspectos socioculturais aparecem como um dos aspectos da atividade criadora mencionados em Vigotski (1930/2009), pois, através dos aspectos presentes na cultura, o sujeito pode ressignificar o produto de sua ação. Os aspectos socioculturais presentes na sociedade sempre estigmatizaram o sujeito com transtorno mental desde a antiguidade, mas são iniciativas como a Geração de Renda que fornecem para ele um lugar no corpo social de atividade, de atores sociais (FOUCAULT, 1978; BRASIL, 2014).

Na Geração, os sujeitos se reconhecem em suas produções, reconhecem-se na realidade e com seus semelhantes (ZANELLA et al., 2006). É e a partir da atividade criadora que os trabalhadores ressignificam o passado de inatividade do hospital psiquiátrico, como é o caso de Érica, ou ressignifica a história de catador e amontoador de lixo, em que a casa era rodeada de ratos, como é o caso de seu Wagner; e ambos podem projetar-se para o futuro através do que realizam. É na relação entre estes sujeitos, na relação deles com a pesquisadora, da relação deles com as pessoas que lerão este trabalho, na relação deles consigo mesmos que a criação pode estar presente e é este reconhecimento sensível do próprio sujeito e do outro, e de cada um que passa na Geração ou lê um trabalho sobre ela e/ou compra um produto confeccionado lá, que permite a objetivação estética do sujeito em suas relações e isto possibilita a ressignificação de sua história de vida (ZANELLA et al., 2006). Sobre o que é trabalho seguem os diálogos construídos.

Zípora: Daqui é a união das pessoas e melhorar a mente, porque está ocupando a mente através do trabalho.

Alguns segundos de silêncio

Luciana: O que é trabalho né? O trabalho é... A gente se sentir livre (inaudível) e a gente se sentir útil também. (inaudível) O bom é você sentir prazer no que faz. E aí assim, trabalho significa prazer no que faz e... Assim é também nos manter ocupado, mas trabalho não significa psicoterapia também né? Mas também é a gente ta bem ocupado, ter prazer no que faz, satisfação no que faz. E a gente saber que independente do problema você é que faz alguma coisa. E também ééé (inaudível) se a Geração é o trabalho na Geração ééé pode ser considerado..., só pode ser considerado trabalho se houver investimento também, porque não adianta trabalhar, trabalhar, trabalhar se os nossos governantes não investir. Nós da Geração fazemos nossa parte, os funcionários fazem a parte deles né? Não investir, como é que fica nosso trabalho, né? Como é que fica nossos funcionários também né? Como é que vão trabalhar sem investimento?

Wagner: Aqui não tem discriminação, não tem discriminação (faz um sinal com a mão como se mostra o ambiente todo), aqui é tudo igual, aqui ninguém (inaudível). Tem lugar aí que eles têm discriminação, né? Fulano é aqui (mão direita apontada para frente), o outro é aqui (aponta para o lado esquerdo), fulano não trabalha com sicrano (abre as duas mãos em frente ao corpo) porque é mais sabido, mais desenvolvido, aqui não tem isso não, aqui somos tudo unido (abre os braços e as mãos e depois faz um movimento de volta com as mãos), igual a uma família, unidos mesmo (faz movimento circular com a mão esquerda). (inaudível) A gente enfia a agulha pra ele (faz gesto enfiando a agulha), a gente ajuda ele (inaudível), a gente é tudo igual.

Luciana aponta o trabalho como relacionado a sentir-se útil, não ser supérfluo e sim poder fazer algo (CLOT, 2006a). O coletivo de trabalho que fornece um lugar para este sujeito, o inscrevendo no corpo do gênero do ofício, também aparece na fala de Zípora, que

fala do trabalho como união, e na fala de seu Wagner, que diz que o trabalho é expressão de ser igual aos outros porque não há ninguém melhor que ninguém, há uma simetria. Na fala de seu Wagner parece surgir uma nova controvérsia entre o sujeito (trabalhadores) e os outros (sociedade). Há igualdade (na Geração) dentro da desigualdade, ou seja, os trabalhadores com transtorno mental conseguem ser iguais em seu trabalho, mesmo numa sociedade que discrimina os seus próprios sujeitos considerados “sadios” que se dizem “normais” e “iguais”: “Tem lugar aí que eles têm discriminação, né? Fulano é aqui, o outro é aqui, fulano não trabalha com sicrano porque é mais sabido, mais desenvolvido, aqui não tem isso não, aqui somos tudo unido” (Wagner).

Na fala de seu Wagner os aspectos de discriminação são rechaçados e os aspectos relacionados à família mais contemporânea, simétrica, servem como um comparativo para o novo sentido de ser trabalhador dentro do gênero profissional em que ele está inserido. Há possibilidade de igualdade, de inclusão, de pertencimento entre eles. A troca entre eles e os aspectos da cultura possibilitam a criação não só de produtos artesanais, mas a criação de novos rumos para suas histórias, pois há a modificação da realidade e se estabelecem novas significações que transformam os trabalhadores que a produziu (CLOT, 2006a; ZANELLA et al., 2002, 2006).

No discurso dos participantes, o fazer junto é algo muito importante. Eles se ajudam na confecção dos produtos tanto emitindo opinião, como ajudando a “enfiar a linha na agulha”, como diz seu Wagner.

O ser trabalhador também aparece ligado ao contexto de trabalho da Geração, aparece como oportunidade, coragem e saúde.

Eliene: Trabalhador é a pessoa ir fazendo as coisas e trabalhando. (inaudível) trabalho e faz (dona Carla leva a mão à cabeça). Você vê que o outro não faz aí você vai e faz (roda a mão para representar todos). (inaudível) só isso o trabalho que faço (inaudível) (fala rápido e embolado).

Pesquisadora: Alguém mais quer falar? (faz sinal e diz para Luciana baixinho que já está acabando).

Érica: Trabalhador é saber o que vai fazer, (inaudível) planejar aquilo e fazer aquilo que vai fazer. Da melhor oportunidade que tem pra fazer. Isso aí.

Carla: Traba, trabalhar (mexe com o dedo indicador direito) é quando tem coragem e saúde (inaudível) tem saúde, tem coragem, então (Zípora, Erica, Luciana falam (inaudível) elas conversam e riem).

Érica: Ta ligado no que ta fazendo pra não errar, ta certo isso aí (inaudível). Ter força nas mãos pra fazer.

Ser trabalhador para os participantes da Geração parece assemelhar-se ao que Clot (2011, 2006a) fala sobre saúde no trabalho. Esta vai além da monetarização e da venda da força, pois ela deve envolver a questão da qualidade do trabalho, do gesto bem pensado, bem feito, do que se consegue alcançar, que é a melhor garantia de saúde no trabalho. E isto se reflete na fala de Érica: “trabalhador é saber o que vai fazer, (inaudível) planejar aquilo e fazer aquilo que vai fazer. Da melhor oportunidade que tem para fazer. Isso aí”. É uma ação planejada, refletida, pensada. Carla assevera isto quando relaciona o “ser trabalhador” ao “ter saúde”. Eliene por outro lado, traz a questão do ser trabalhador próximo ao trabalho como uma questão social. A demanda vem do social, é incorporada pelo sujeito que vai realizando atividade ou conclui aquela que o colega que não terminou (CLOT, 2010).

Na finalização do primeiro encontro, a resposta dos participantes ao serem questionados sobre ser trabalhador na Geração de Renda, chamou a atenção da pesquisadora. A materialização de uma nova significação ficou evidente dentro do diálogo dos participantes. Os elementos presentes durante todo o encontro (criatividade, falta de material, oportunidade) se materializam no produto “ser trabalhador na Geração de Renda”, como pode se ver abaixo.

Pesquisadora: O que é ser trabalhador na Geração de Renda?

Luciana: Eu acho muito difícil ser trabalhador na Geração de Renda. (fala balançando a cabeça para cima e para baixo). Ta muito difícil do jeito que a Geração ta sem investimento. Em tudo que você perguntar eu vou focar nisso (pesquisadora sorri). Eu boto porque é o que é que tem que falar mesmo.

Zípora: É ser criativo (aponta para a folha que está na mão da pesquisadora) bota aí.

Luciana: Oi? É criatividade, trabalhar com amor. Mas também ter concurso para os técnicos trabalhar (inaudível).

Érica: Trabalhar com carinho.

Zípora: Não tem as coisas, aí com o que tem, tem que trabalhar. (Érica fala, outras pessoas falam).

Pesquisadora: E o que é criatividade pra vocês?

Eliene: Criatividade é saber fazer de um modo criativo.

Zípora: É fazer com o que tem.

Eliene: É isso aí, ta vendo. Não tem isso aqui? Tudo isso aqui o que tem e o que não tem. (inaudível)

Zípora: Coloca aí (aponta para o papel da pesquisadora) é fazer um trabalho com o que tem.

Carla: Ô mulher tu só quer fazer (bate em Zípora).

Zípora: Se só tenho condições de comer o cuscuz puro, certo? Vai comer ouro é? (bate com as mãos)

Carla: E só, tu só quer ta certa, é? (bate em Zípora e sorri).

Zípora: Eu tou falando certo.

Carla: Deixo o povo falar (faz uma reação rápida).

Pesquisadora: Alguém quer falar mais sobre esta pergunta sobre o que é ser trabalhador na Geração de Renda?

Wagner: Trabalho é oportunidade (inaudível).

Considerando o diálogo dos participantes acima, pode-se perceber que ser trabalhador na Geração de Renda pode ser entendido como afeto, recursos, oportunidade, criatividade. As controvérsias presentes no ambiente sobre a falta de material e recursos para o desenvolvimento das atividades sugerem uma inadaptação frente ao que é ser trabalhador na Geração de Renda. Isto é apontado na fala de Luciana que responde à pergunta: “eu acho muito difícil ser trabalhador na Geração de Renda (fala balançando a cabeça para cima e para baixo). Ta muito difícil do jeito que a Geração ta sem investimento”. Seguido ao processo de inadaptação, há o processo de associação: ser trabalhador “é ser criativo” (Zípora); “criatividade é saber, fazer de um modo criativo” (Eliene); “é fazer com o que tem” (Zípora); “se só tenho condições de comer o cuscuz puro, certo? vai comer ouro é? (bate com as mãos)” (Zípora), ou seja, há um entendimento sobre o trabalhador na Geração como aquele que deve fazer com o que tem. E, por fim, o último a responder conclui: “trabalho é oportunidade” (Wagner). Frente à falta de materiais e ao preconceito de ser um sujeito com transtorno mental, ser trabalhador na Geração de Renda aparece como uma oportunidade, lugar de afeto, onde se pode criar com pouco. Isto mostra uma nova controvérsia: é através do pouco que se ressignifica também o papel de ser trabalhador da Geração, é ser criativo. Criação para o grupo de trabalho se assemelha ao que Vigotski (1930/2009) define como a emergência do novo a partir de um produto que já existe. Questões como afeto, amor e carinho, que permeiam o fazer desses trabalhadores, permitem criar novas coisas através da imaginação por meio do pensamento carregado de afeto. Em contraposição, pode-se ver que a questão afetiva não permite atender todas as suas necessidades, pois a questão do gerar renda aparece nas contradições e nas constantes críticas à falta de material.

4.3.2 O segundo encontro no subsolo: curte ou não curte? Faz ou não faz?

O segundo encontro começou no horário programado. A maioria dos participantes estava no local quando a pesquisadora chegou. Infelizmente, neste dia, seu José não pôde comparecer porque precisou ficar em casa com sua mãe idosa que estava sem companhia. Uma das arte-educadoras, após saber do motivo da ausência dele, disponibilizou-se a ficar com a idosa, caso fosse necessário, no encontro posterior. Seu José ficou triste por ter faltado, aliás, ele sempre foi o mais animado desde o início da pesquisa.

Os trabalhadores e a pesquisadora organizaram-se em círculo, assim como no primeiro encontro e puderam fazer uma retomada do encontro anterior. A pesquisadora deixou os participantes à vontade para comentarem alguma insatisfação, sugestão e/ou elogios. A retomada foi muito importante, pois, como já relatado, no final do primeiro dia, Luciana questionou sobre a não participação dos técnicos da prefeitura e a pesquisadora precisou usar o espaço do segundo encontro para esclarecer não só para ela, mas para todos do grupo que a pesquisa era voltada para eles, para entender os seus trabalhos e que neste momento os técnicos não participariam, já que suas contribuições estavam ocorrendo de outra maneira: na mediação das informações e no apoio prestado na logística. Os participantes entenderam o porquê deles não estarem na roda de conversas e até mesmo acharam que era algo positivo, pois poderiam ficar mais à vontade para falar. Luciana, após o momento de explicação, entendeu as motivações. Diante da exposição de Luciana, os outros trabalhadores aproveitaram o momento para reforçar que estavam gostando dos encontros. A pesquisadora retomou, então, as regras de convivência no grupo e também pediu que distribuíssem mais as falas de maneira equitativa, pois alguns haviam reclamado que no primeiro encontro uma das participantes tinha falado bastante.

Para este segundo encontro, a atividade programada foi a dinâmica “curto ou não curto”, mas, antes de iniciá-la com o grupo, a pesquisadora começou fazendo algumas perguntas e lembrando que, ao final da atividade, distribuiria as câmeras para as três primeiras pessoas que quisessem levá-las. A pesquisadora começou pedindo para Wanda se apresentar. Ela havia faltado no encontro anterior, por isso, primeiramente, a pesquisadora se apresentou novamente e pediu para Wanda falar sobre si. Wanda veio encaminhada do CAPS-AD¹⁰ e está na Geração há dois anos, a convite de uma das arte-educadoras.

Dando prosseguimento, neste segundo dia, a proposta era conhecer um pouco do estilo (Clot, 2007) e das preferências de trabalho de cada participante. Com isso, buscou-se saber o que eles mais gostavam de fazer na Geração. As respostas foram variadas: alguns gostavam de fazer bijuteria, outros, fuxicos pequenos, colares, mandalas, colagens e houve também quem apontasse as conversas entre os colegas como o aspecto positivo. Já Zípora, diferente dos colegas, apontou que o que mais gostava de fazer era uma atividade que não está sendo realizada no momento na Geração devido às dificuldades financeiras: a confecção de bolsas. No desejo de Zípora, percebe-se que mesmo esta atividade estando impedida, ela encontrava-se no seu querer fazer e por isso fazia parte do real da atividade (CLOT, 2006a, 2007).

¹⁰ Centro de Atenção Psicossocial voltado para pessoas com problemáticas relacionadas ao álcool e outras drogas.

Zípora: Eu gosto, mas não tá fazendo (a mão em punho bate na outra), eu gosto de de artesanato de bolsa, de fazer bolsa, mas não ta aqui agora. [...] não tem, mas eu gosto disso. Sim, a gente também faz isso dali (aponta para o porta toalha de tecido), eu gosto também de fazer isso (aponta para as guirlandas de bijouteria penduradas no teto).

É possível ver que as atividades realizadas (CLOT, 2010a) por Zípora, como o porta toalha e as guirlandas, também aparecem como desejadas, mas, em segundo plano, em relação ao real da atividade (confeção de bolsas). No debate sobre as atividades, Wanda, que inicialmente havia ressaltado as conversas como importantes, após ver as respostas dos colegas e ser questionada novamente, disse que gostava de fazer de tudo, quando demandada. Entretanto, nem todas as atividades ela realiza (CLOT, 2007), a exemplo do crochê e do tricô, pois as crises de convulsões que tem lhe causam tremores nas mãos e ela tem dificuldade de realizar aquelas atividades porque exigem maior equilíbrio para manuseio de materiais e, assim, não pode fazê-las, mesmo que deseje.

As preferências de Wanda, nesse primeiro momento, possibilitam inferir que elas estão mais em consonância com a prescrição e com a tarefa, mais do que com o real da atividade (CLOT, 2007).

Wanda: Eu faço, porque ela ensina né? Ela é professora né (refere-se à arte-educadora)? Aí o que ela faz eu vou aprender. (inaudível)

Pesquisadora: Aí tu não tem nenhuma preferência não?

Wanda: Tenho não. Desde o primeiro dia que eu cheguei que eu não tenho preferência não pra fazer determinadas coisas não. O que ela colocar pra mim, se eu não tremer (ênfase), eu faço.

Assim como Wanda, Luciana também enuncia que gosta de fazer todas as atividades, mas, em contrapartida, consegue apontar as de sua preferência e novamente o real da atividade (CLOT, 2007) aparece como preponderante sobre a atividade realizada. Ela faz fuxico, mas queria confeccionar caixinhas, mas hoje há o impedimento, já que na Geração não há mais lugar para essa ação.

Ainda em debate, a pesquisadora questionou aos trabalhadores sobre o que menos gostavam de fazer. Wagner e Zípora falaram que é desagradável realizar trabalhos com pó de serra, pois, no processo de colagem, o contato da cola com a pele é desconfortável. Já Eliene disse que não gostava de ficar só observando o pessoal fazer e ficar sem executar nada, inclusive falou que ficar parada é como uma doença:

Pesquisadora: Sim, mas o que tu menos gosta de fazer?

Eliene: O que eu menos gosto de fazer é ficar parada e pensando e dormindo que pro outro lado que é doença, né?

Ao pensar a inatividade como doença, Eliene, inversamente, diz da compreensão da atividade como uma perspectiva de sentir-se útil (CLOT, 2007), sendo a inatividade compreendida como uma forma de manterem-se as rumações (CLOT, 2007, 2010b), o pensar constante e o conseqüente adoecimento.

A pesquisadora continuou questionando os demais participantes sobre o que menos gostavam de fazer, mas eles ressignificaram a pergunta e a transformaram em: o que não gosta de fazer?

Wagner: A que menos gosta de fazer?

Pesquisadora: Sim

Wagner: É quando a gente vai colocar o pó de serra (alisa a palma de uma mão na outra).

Zípora: Isso mesmo que eu disse. Oh aí.

Wagner: O pó de serra.

Zípora: A gente se mela todinho (alisa o braço esquerdo mostrando a ação e aparentando certo desgosto).

Wagner: Aquele pó todinho, eu faço, mas não gosto.

Pesquisadora: Pronto (aponta Wanda).

Wanda: O que eu não gosto? De costurar bolsa, aquelas bolsinhas ali (mostra as bolsas na direção dos materiais).

Pesquisadora: Pronto, quem mais? Luciana (aponta), o que tu menos gosta de fazer? Não é nem o que não gosta, é o que menos gosta de fazer.

Luciana: O que eu menos gosto?

Pesquisadora: É

Luciana: De fazer? É quando eu vou procurar uma coisa e não acho, pronto. O resto eu acho... Até agora eu não parei pra pensar o que é que eu não gosto.

Consegue-se perceber nas falas dos trabalhadores que eles transformam a pergunta no que não gostavam de fazer por talvez ser algo mais fácil para recordarem, por ser algo que causa repulsa ou é desconfortável realizar. A emoção (VIGOTSKI, 1930/2009) atua no processo do imaginar, por isso, pode-se inferir que responder sobre o que não gostavam foi mais fácil para eles.

Érica e Suelen também ressignificaram a pergunta. Érica transformou o “não gostar” dos colegas em o que “acha ruim” e Suelen, após ouvir a colega falar que é ruim quando tem dificuldade, criou outro sentido (VIGOTSKI, 1930/2009) para a pergunta, transformando-a em “o que sente dificuldade?”. Nesse caso, visualiza-se o seguinte movimento: a pergunta

inicial era “o que menos gosta?”, virou através do social do trabalhado (CLOT, 2007) “o que não gosta?”. Depois, na atividade individual, na pessoa de Érica, virou “o que acha ruim?” e, por fim, para Suelen, “o que sente dificuldade?”. Assim, percebe-se que houve uma ressignificação da pergunta que resultou na formulação de novas respostas, como se vê a seguir:

Érica: Não, eu acho ruim quando, quando, quando eu fa... Ficar vendo uma coisa aí não aprendo. Aí pra serrar eu me acho boa, aquilo dali eu acerto.

Pesquisadora: E dona Suelen? (aponta para ela)

Suelen: Eu... Sinto dificuldade... Em fazer, assim, sinto dificuldade em pegar pra fazer um negócio (eleva o corpo para frente) (inaudível).

Além das perguntas sobre as preferências dos trabalhadores, a pesquisadora questionou-os sobre o que eles acreditavam que precisava melhorar. Novamente, assim como no primeiro encontro, a falta de materiais apareceu como queixa. Houve reclamação de falta de pincéis, tintas, som para utilizar nos ensaios das danças, computador, televisão com internet (*Smart tv*) para aprender novas atividades. Mesmo a pesquisadora tentando chamar a atenção para o que precisava melhorar em relação às atividades, os participantes continuaram inicialmente falando da “falta”. Além dos materiais citados, também falaram da importância de se ter um microondas no ambiente e ter também fornecimento de passagens para quem não tem Cartão de Livre Acesso. Estes aspectos estão diretamente relacionados aos procedimentos da atividade. Sem recursos para realizar seus trabalhos, a atividade destes sujeitos fica impedida e exigem novas formas de organizar-se (CLOT, 2007).

Por fim, a pesquisadora insistiu novamente sobre o que poderia ser feito de atividade e Zípora, novamente, falou sobre “a falta”: a falta de uma máquina para poder costurar, para aprender este ofício. Luciana imaginou que poderia ter customização de blusa, costura, vendas. Ela retomou algo que estava em sua memória (VIGOTSKI, 1930/2009) e que se revelou desde o primeiro encontro quando falou sobre as atividades que ela fazia no passado para então projetar o que gostaria que tivesse na Geração no futuro. Eliene sugeriu que houvesse trabalho de bordado, já Carla disse que desejava que tivesse pano de prato para trabalhar com crochê e camisas para desenhar e vender, como era realizado anteriormente, recordando e reelaborando para o presente. Érica, lembrando a época em que trabalhava em uma fábrica de tecidos, sugeriu que seria bom que houvesse uma máquina para mosquear casas de botões em camisas.

Érica: (inaudível) Uma máquina mosqueadeira, pra mosquear. Tivesse que mosquear, eu mosqueava. Mosqueadeira. Máquina de costura mosqueadeira. Fazer casa de, de botão (passa os dedos entre os seios indicando local de botão), é uma mosqueadeira.

Pesquisadora: Humm.

Érica: Fazer (passa os dedos entre os seios indicando local de botão) botão, arrodea assim e pára (faz círculos em cima dos seios com o dedo).

Pesquisadora: Aí coloca o botão na roupa?

Érica: Não, né? O botão não, é pra fe... O botão ta aqui (coloca o dedo entre os seios na direção de onde fica normalmente o botão) aí pega a mosca, é pras moscas... Nas casas. Costura por cima, faz uma costura por cima. Eu trabalhava naquele negócio, no overloque. (Zípora conversa algo inaudível com Carla).

Na fala de Érica vê-se ela projetando-se para o futuro “Tivesse que mosquear, eu mosqueava” e, depois, explica o processo do “mosquear” utilizando aspectos da memória para imaginar o processo que a máquina em questão passa para realizar os procedimentos relacionados ao inserir um botão em uma camisa (VIGOTSKI, 1930/2009). Os gestos que Érica faz e a explicação que ela elabora só são possíveis porque ela utiliza de elementos dos quais teve familiaridade. De outro modo, assim como a pesquisadora, os outros participantes passaram então a imaginar o processo do mosquear partindo do que Érica estava falando, mas sem a propriedade que ela tinha, pois quanto mais experiência o sujeito tem, mais elementos ele utiliza no processo do imaginar (VIGOTSKI, 1930/2009). A explicação do “como fazer” é algo comum no espaço da Geração, visto que, em geral, um participante precisa dizer ao outro os passos para a realização de uma atividade.

Após as três perguntas iniciais, a dinâmica “curto ou não curto” foi iniciada. No jogo havia dois dados: em um deles estava inscrito em três lados “curto” e um desenho de “legal” (uma mão com o dedo polegar em evidência para cima) e nos outros três lados, “não curto” e um desenho de que não era legal (mão com o dedo polegar para baixo). No outro dado, que representava “faço ou não faço”, em três de seus lados estava inscrito “faço” e havia um desenho que indicava esta ação (uma mão espalmada) e nos outros três lados estava inscrito “não faço” e o desenho dessa ação (mão com um “X” sobre ela, indicando impedimento). Os dados deveriam ser jogados um após o outro e não podia repetir o mesmo resultado. As instruções foram às seguintes:

Pesquisadora: [...] Vocês vão jogar esse dado, e vai jogar um e depois jogar o outro e tem que cair, vai cair um dos lados, óbvio, né? Aí pode ser que caia, é... Curto, curto e faço, curto é: eu gosto, (coloca os dados no chão como exemplo e faz um “legal” com o polegar para explicar) eu gosto de fazer a atividade e eu faço ela, aí vocês vão dizer uma atividade que vocês gostam de fazer e que vocês fazem.

[...]

Pesquisadora: [...] O que cair tem que falar. Só que não pode repetir (faz não com o dedo), se já caiu daquele, por exemplo: se caiu “curto e faço” na próxima vez que rodar de novo não pode cair o mesmo. Se cair, vai ter só mais uma oportunidade pra jogar, aí se não acertar outra, aí vai passar pra outra pessoa. Entendeu? Vai passar a vez. Todo mundo entendeu? Aí quando você é... Acertar aquela, aí vai marcar ali naquele quadradinho ali (quadro colado na parede com todos os nomes e com as quatro possibilidades em cada nome: curto e faço, curto e não faço, não curto e faço e não curto e não faço). Por exemplo, seu José não veio, né? Vamos dizer que, vamos dizer que (levanta-se vai até o quadro que está na parede) seu José...

[...]

Pesquisadora: Por exemplo: curto e faço. Vamos dizer que seu José tivesse aqui e tivesse feito esse aí: curto e faço. Aí aqui tem oh: curte e faz, ta vendo? Aí tinha que fazer um X ou fazer um risco, aí esse ele já tinha feito. Ta certo? Aí por exemplo: caía curte e não faz, ele curte, mas não faz (muda o dado do chão e vai ao quadro), aí já risca aqui. Se a pessoa jogar e cair “curto e faço” de novo, joga novamente um dos dados (demonstra), aí se não acertar um que não fez ainda passa a vez pra outra pessoa. Ta certo? Todo mundo entendeu? (seu Wagner vai até o quadro olhar). O seu ta aqui oh, o Sr. sabe ler ou não? Sabe, né?

Os dados da atividade “curto ou não curto” foram jogados pelos participantes respeitando a ordem do círculo, de acordo com a escolha dos próprios trabalhadores. O jogo começou por Wanda e depois seu Wagner jogou e assim sucessivamente. As respostas poderiam ter até quatro opções e estas apareceram de acordo com o resultado dos dados jogados. Considerando as respostas dadas pelos participantes, elas foram agrupadas em categorias de respostas possíveis.

4.3.2.1 Curte e faz

Quando o dado jogado caísse nesta opção, os participantes deveriam falar sobre o que gostavam de fazer na Geração e que estavam fazendo. Wanda foi a primeira participante que teve os dados arrumados nesta opção. Ela disse que gostava de fazer chaveiros e que gostava de fazer porque achava bonito. Assim como Wanda, Zípora e Carla também trouxeram a beleza como motivo para escolherem confeccionar determinado produto. Confeccionar um artesanato belo é atrativo para o mercado de vendas, desta forma, compreende-se que, na escolha de Wanda, poderia existir uma dinâmica de exigências afetivas e de eficiência no trabalho, onde o gostar de fazer chaveiros estaria atrelado a como ficavam bem feitos. Wanda, então, relacionou, no sentido de sua ação, o objetivo de vendas do produto à motivação pela atividade de criar chaveiros (CLOT, 2007).

Eliene, por outro lado, disse que o que mais curtia fazer era “fuxico” porque ocupava sua mente e porque ela era apaixonada por corte e costura. O sentido de sua atividade fazia ocupar a sua mente, seu tempo, possivelmente porque ela estava realizando algo do qual se sentia motivada para fazer, ao mesmo tempo, encontrava meios para tal (CLOT, 2007). Infere-se que na atividade de Eliene o ocupar a mente também pode representar ocupar um espaço, se inscrever na história de um trabalho através do que desenvolve na Geração.

Assim como Eliene, seu Wagner também estava conseguindo realizar as atividades que mais curtia. Ele disse que o que gostava e fazia era colar e mandala porque, no caso desta última em especial, podia escolher os canudos para executar a ação. Na fala de seu Wagner, pôde-se perceber que o ideal da Reforma Psiquiátrica de tornar os sujeitos atores de suas vidas revela-se em pequenas ações, como no direito de escolha, por exemplo. Mesmo que esta escolha seja de apenas um canudo para fazer uma mandala, já faz uma grande diferença para o sujeito, como para seu Wagner. Na sua escolha pôde-se perceber que, além do objetivo imediato da ação (CLOT, 2007) de realizar a mandala para vendê-la, sua facilidade para realizar a atividade, a motivação e o gosto por realizá-la torna a atividade algo além de eficiente, também prazerosa.

Zípora, por outro lado, diferente de seu Wagner e Eliene, não estava conseguindo realizar a atividade que mais gostava. A atividade impedida estava em sua preferência de trabalho. Ela atuava em seu querer fazer, sendo demonstrada em sua resposta sobre o curte e faz:

Zípora: Ah meu Deus, é que a gente tá fazendo outra coisa, né? Mas falo o que eu faço aqui.

Pesquisadora: Não, mas a senhora... É, mas é uma coisa que a senhora faz.

Wagner: E gosta.

Zípora: Ai meu Deus. Colar, colarzinho mesmo. Colar, aquele colar de pedinha (sic) (faz gesto de colar no pescoço com as duas mãos).

É possível visualizar, então, que Zípora mostra em sua fala que a atividade impossível faz parte do desenvolvimento da atividade que realiza, pois em sua resposta remete imediatamente à ideia de que havia outro trabalho que gostaria de estar realizando.

Assim como Zípora, Érica também aponta uma atividade impedida como àquela de sua preferência para realizar. O que mais gostava de fazer era o tapete de tecido, mas ressaltou que precisava comprar agulha para voltar a fazê-lo. A atividade estava impedida para Érica, mas permanecia em seu querer fazer (CLOT, 2010a). A falta de recursos para a realização da ação impossibilitava a execução da atividade, mas continuava em seus pensamentos e isto

podia ser reavivado a partir do momento em que conseguiam debater sobre o que faziam e o que gostariam de fazer. Abriam-se, então, possibilidades para o próprio trabalhador buscar estratégias de ação.

Diferentemente de Zípora e Érica, Luciana apontou como estando em sua preferência não apenas uma atividade, mas várias. As que tiveram mais destaque foram a arrumação de materiais e a confecção de chaveiros. No que se refere à produção destes últimos, ressaltou que o próprio procedimento é agradável, pois ela tem habilidade no desenvolvimento da atividade. Sobre a arrumação, esta atividade a fazia sentir-se bem com a sua execução (CLOT, 2007).

A questão do sentir-se bem ao realizar algo também apareceu na fala de dona Suelen. Para ela, a motivação para sua ação era a satisfação que obtinha ao realizar a sua atividade. A questão do afeto superava a busca direcionada unicamente à eficiência da ação (CLOT, 2007), pois, para Suelen, o importante era fazer algo agradável, algo que gostava de confeccionar e não apenas executar uma tarefa qualquer.

Pode-se perceber que o prazer na realização de uma atividade por parte destes trabalhadores e a eficácia no seu fazer se obtém através do jogo entre o alcance de seus objetivos iniciais; os resultados que buscam alcançar como, por exemplo, um produto bonito que tem uma facilidade maior de venda; os procedimentos e técnicas para realização; o saber executar e ter meios para isso na Geração; e a motivação do outro e/ou do próprio sujeito, ou seja, gostar de realizar a atividade (CLOT, 2007). Grande parte das atividades ressaltadas pelos participantes como “curte e faz” eram atividades às quais havia meios possíveis de realização. Saíram desta condição apenas Zípora e Érica cujas atividades estavam impedidas, devido justamente a dificuldades de recursos do próprio Programa. Através da análise de seus fazeres, os trabalhadores puderam se implicar subjetivamente em seus trabalhos, podendo pensar sobre suas atividades e criar novas estratégias de ação (CLOT, 2006b).

4.3.2.2 Curte e não faz

Na opção curto e não faço, os trabalhadores estavam em contato direto com suas atividades impedidas. Percebe-se que a falta de material mais uma vez se revelou nas reflexões dos trabalhadores. Para alguns, falar sobre a falta ganhou uma dimensão até maior do que dialogar sobre a própria atividade impedida. Acredita-se que a causa de não poder realizar seus trabalhos estava mais presente em suas reflexões possivelmente pela abertura dada através da análise do trabalho. Sempre apontando a falta de materiais como causa

prevalente para não realizar seus trabalhos, alguns participantes revelaram, entre outras atividades, que gostariam de fazer a pintura e a confecção de bonecos, de flores de tecido, de chaveiros e de caixinhas em MDF¹¹.

Também foram apontados outros motivos para se curtir uma atividade e não realizá-la, como no caso de Wanda, que gostaria de desenhar algo na Geração, mas não havia aulas de desenho. Já Eliene estava impedida pelos próprios efeitos colaterais da medicação psiquiátrica que faz uso. A medicação aparece como uma contradição para os trabalhadores com transtorno mental, pois à medida que possibilita estabilidade em seu quadro clínico, também pode trazer efeitos colaterais que dificultam o trabalho, como é o caso do excesso de sono (CLOT, 2007; FERREIRA et al., 2017). Inicialmente, Eliene relatou que o que curtia e não estava fazendo eram os “fuxicos”, mas quando questionada sobre o porquê de não estar fazendo, disse que começava a fazer, mas não terminava por causa do sono.

Zípora gostava de fazer carteiras de couro, mas não estava fazendo também por falta de material. A atividade parecia estar tão forte no seu pensamento interior que ela achou que já havia falado sobre isso quando a pesquisadora a questionou.

Zípora: Curto e não faço? Eu já fiz esse ainda não, é?

Pesquisadora: Não. A senhora gosta de fazer e não faz (Luciana prende o cabelo).

Zípora: Ah já fez, já fez, porque ta faltando material. É é carteira de couro, de couro (bate uma palma), de couro que eu costurava, costurava direto.

Pesquisadora: E a senhora gosta de fazer por quê?

Zípora: Porque é bom de fazer e eu gosto de fazer, eu gosto...

A atividade impedida faz parte do querer fazer dos trabalhadores, como se pode visualizar acima, e isto se materializa muito fortemente na fala de Zípora, que provavelmente poderia estar pensando na atividade que gostaria de realizar, mas que não estava podendo realizá-la e acabou pensando que já havia falado, mesmo sem tê-lo feito. A atividade impedida mostra que a atividade é mais que o realizado, pois não envolve só o que foi executado, mas o que podia ter sido, o que o trabalhador queria ter feito e não fez (CLOT, 2007).

¹¹Material originado da madeira utilizado para trabalhos artesanais.

4.3.2.3 Não curte e faz

Diferentemente das atividades impedidas, onde os sujeitos gostariam de realizar e não podem, as atividades que apareceram nesta categoria estão mais próximas da prescrição, ou seja, o sujeito não curte, mas faz. Seu Wagner foi o primeiro a falar sobre uma atividade que fazia, mas que não gostava de realizar. Ele não gostava de passar cola em discos porque se sujava bastante. O procedimento de uso de cola em discos é desagradável, mas ele executava por ser uma tarefa do grupo. Já Wanda apontou como atividade que não gostava de fazer, mas que acabava realizando, o costurar bolsas. Ela disse que não gostava por demorar muito e não ter paciência na execução, mas fazia para ajudar. O gênero do ofício na Geração é bem caracterizado pelo trabalho colaborativo, entretanto é possível notar que a tarefa acaba por torna-se uma atividade mal recebida por Wanda. Ela é deslocada, inoportuna. Wanda achava a atividade demorada, ou até mesmo por não gostar de realizá-la, poderia torná-la cansativa. A sua vontade de fazer desenhos (atividade impedida) poderia estar atuando no momento em que realizava as bolsas, tornando a tarefa exaustiva (CLOT, 2007).

Além de Wagner e Wanda, outros trabalhadores também apontaram as atividades que eles realizavam, mas que não curtiam fazer. Eram elas: peso de porta, flores artesanais, bijouterias. Os principais motivos que os levavam a não gostar de realizar as atividades estavam relacionados a achá-las difíceis e desagradáveis. Entretanto, considerando que na Geração todos fazem juntos, grande parte das atividades acabavam por serem realizadas por todos, seja porque o trabalhador não queria ficar sem atividade ou porque queria ajudar os colegas. A atividade que os trabalhadores faziam nem sempre era aquela que eles gostariam de estar realizando, mas, por estarem inseridos em um ambiente cooperativo, a atividade era desenvolvida mesmo sem estar no seu querer fazer. Realizar uma tarefa, desta forma, acaba, muitas vezes, por torná-la inoportuna e até mal recebida pelos trabalhadores, como é possível observar no diálogo seguinte:

Pesquisadora: Aí, agora é a senhora. Não gosta, mas a senhora faz.

Érica: Peso de porta. Eu faço, mas não gosto não. Mesmo costura rim (sic), costura (faz simulação com as duas mãos).

Zípora: Foi o que ela... Foi o que ela disse que ela faz, mas não gosta de fazer não foi?

Érica: Foi.

Zípora: (inaudível).

Érica: Eu não, negócio chato peso de porta, fica costurando por debaixo, aí fura o dedo. Aí é rim (sic).

4.3.2.4 Não curte e não faz

Havia também tarefas nas quais os participantes não realizavam. Elas realmente apareciam como prescrição e não chegavam a ser realizadas por alguns. Entre as atividades não realizadas pelos trabalhadores estavam: a confecção de tapetes de pano e as flores de papel. Já a atividade menos apreciada pelos trabalhadores era a colagem em discos de vinil. Ela foi apontada como desagradável, pois o procedimento de passar a cola nos discos incomodava devido à própria cola em contato com a pele ou até mesmo o pó de serra que causava coceiras e alergias.

Pesquisadora: [...] Não gosta de fazer e não faz.

Carla: Não gosta.

Zípora: E não faz. É a mandala com pó, eu não-gosto e não-faço.

Pesquisadora: O quê?

Zípora: Aquela mandala que a gente bota pó que nem ele fala.

Wagner: Cola o dedo, cola o dedo (sorri e fala mexendo no dedo como se estivesse tirando algo).

Pesquisadora: Aí esse a senhora não gosta e não faz.

Zípora: Não (faz careta demonstrando desagrado).

Pesquisadora: Por que que a senhora não gosta?

Zípora: Porque a mã... Porque a gente se mela, se mela todo como ele falou (aponta seu Wagner e alisa os braços como simulando como fica). Coça, aquilo coça, coça a gente, coça a gente.

A atividade de colagem em discos para fazer mandalas com pó de serra aparece como uma atividade desagradável para Zípora. Os desconfortos mencionados por ela a leva a não executar a tarefa. O procedimento de como se faz uma atividade e a motivação são os aspectos que o trabalhador irá recorrer para extrair o prazer e a eficácia da atividade (CLOT, 2007). No caso dos trabalhadores da Geração, quando executam uma atividade a qual não gostariam de fazer, a busca pelo alcance do objetivo inicial, pelo resultado, é atravessado por um procedimento desagradável e por uma desmotivação a fazê-lo (CLOT, 2007).

Por outro lado, durante a dinâmica, além de ouvir sobre as atividades que não eram apreciadas pelos trabalhadores e as que eles gostavam de fazer, também foi possível observar outros aspectos sobre os participantes. Foi possível perceber em seu Wagner, por exemplo, um estilo de liderança que vinha se configurando desde o primeiro encontro da Oficina, quando ele reformulou uma pergunta que a pesquisadora fez a uma de suas colegas. Neste segundo dia, buscou assumir a liderança do grupo e a assumiu por diversas vezes. Ele estava muito envolvido na atividade. Lembrava à pesquisadora o tempo todo sobre a necessidade das pessoas marcarem no quadro as opções que saíssem nos dados e por vezes até explicava para

os colegas o que estava sendo solicitado. Este estilo (CLOT, 2007) de liderança de seu Wagner possivelmente ocorria no dia-a-dia de trabalho, como presenciado durante as observações. A liderança de seu Wagner foi reconhecida pela pesquisadora que, mesmo sem perceber de maneira consciente, em um momento chegou a pedir-lhe que ajudasse sua colega e houve momentos em que os próprios colegas se direcionaram a ele para tirar dúvidas.

Dona Carla, por outro lado, começou a achar cansativa a atividade e já queria mudar para outra atividade porque os dados só apresentavam até quatro opções. Foi possível perceber que provavelmente ela gostasse de atividades que tivessem tempo reduzido e isso se confirmou nas atividades mencionadas por ela, pois, algumas vezes, falou de falta de paciência. Érica buscava saber se estava fazendo de maneira correta em grande parte do tempo. Ela vem de um histórico de hospitalização de mais de vinte anos, onde seus direitos de escolha eram cerceados. A partir da Reforma Psiquiátrica (BRASIL, 2014), ela saiu do hospital para morar em uma residência terapêutica, onde passou a exercer seu poder de contratualidade, mas esta insegurança parece resquícios desse histórico de hospitalização. Zípora era a mais animada. Brincava bastante e tentava ajudar os colegas nas respostas. Seu modo de agir destoou um pouco do que uma das arte-educadoras falara sobre ela, pois mencionou seu comportamento como reservado e foi assim que a pesquisadora também a encontrou antes da Oficina. A oportunidade de ser ouvida, de desenvolver seu poder de agir (CLOT, 2010a), pareceu ajudar no desenvolvimento da fala de Zípora durante a oficina. Wanda aparentava ser a mais calada no grupo, mas suas respostas eram bem assertivas e traziam reflexões interessantes sobre a situação da Geração, assim como Suelen.

Ademais, foi possível perceber em algumas falas aspectos do mecanismo da imaginação criativa durante a atividade. Érica tinha acabado de responder a opção da dinâmica “curte e não faz”. Após falar da falta de material e tecido, como também se direcionar ao quadro para marcar a opção respondida, ela se certificou com a pesquisadora sobre a opção, mas ao invés de mencionar “curte e não faz”, ela mencionou: “não curto e eee... ta faltando”. Ela transformou “o curto” em “não curto” e o “não faz” em “ta faltando”, que faz mais sentido para seu contexto atual de não ter material, não faz porque está faltando.

Pesquisadora: O seu foi curte e não faz, não foi?

Érica: Foi.

Pesquisadora: Aí a senhora marca aqui.

Érica: Não curto e eee... ta faltando.

Já dona Carla criou um novo sentido para a palavra que mencionou no diálogo ao falar que não gostava de fazer tapetes por ter que trabalhar com agulha e fazer o movimento de inserir o pano na tela constantemente. Ela criou um novo sentido para a palavra “enfiar”:

Pesquisadora: Porque a senhora não gosta?

Carla: Porque ta enfiando aquilo, enfiando aquilo (seu Wagner começa a gargalhar e é seguido por Eliene, Carla, Zípora, Érica que levam a frase para o sentido sexual). (Eliene fala algo incompreensível).

A fala de dona Carla é transformada então para um contexto sexual. Ela transformou o “enfiar” de seu sentido de inserir no tapete para o contexto sexual e o grupo também ressignificou a palavra a partir de sua fala (VIGOTSKI, 1930/2009). Em outro momento, Carla também transformou o sentido da palavra “fuxico” que se trata de um produto feito com pano, para “fuxico” enquanto fuxicar, ou seja, fazer fofoca:

Carla: Eu gosto de fazer e faço (fala com ênfase e pensativa)?

Pesquisadora: Isso.

Eliene: (inaudível).

Zípora: (inaudível) (baixinho cochicha com Carla).

Carla: Gosto de fazer fuxico não (todos riem, pois pensam no outro sentido de fuxico, fofocar).

Neste segundo encontro, os trabalhadores puderam dar abertura para o diálogo sobre as atividades possíveis e impossíveis no trabalho e desta forma puderam entrar em contato com as atividades que estão impedidas e também com aquelas que entram mais no campo da prescrição. O exercício com os dados permitiu também dar abertura para a reflexão sobre o próprio ofício e favoreceu reflexões que tornaram possíveis a atividade que seria desenvolvida no próximo encontro: falar sobre o trabalho por meio de suas marcas e através da elaboração de fotos.

4.3.3 Terceiro encontro no subsolo: colocando o trabalho em manutenção através da fotografia

Houve duas semanas para a produção das fotografias antes do terceiro encontro. Inicialmente, foi programado que as câmeras fotográficas seriam emprestadas ao grupo de maneira que todos os trabalhadores pudessem ter acesso a elas para realizarem suas fotos. Desta forma, as câmeras deveriam ser compartilhadas no intervalo de duas semanas entre o

segundo e o terceiro encontro. As câmeras poderiam ser levadas para casa e ficaria com cada participante por pelo menos dois dias, entretanto a maioria dos participantes preferiu realizar suas fotografias com o auxílio da pesquisadora na própria Geração. Apenas Carla, Suelen e Érica quiseram levar as câmeras para casa. Desta forma, essas trabalhadoras combinaram com a pesquisadora e com o grupo uma data de entrega das máquinas para que os outros pudessem utilizá-las posteriormente.

Ainda na semana de produção de fotos, antes do terceiro encontro, a pesquisadora se direcionou à Geração com as câmeras para que os trabalhadores fizessem as fotografias. Ao chegar, alguns participantes já haviam preparado o cenário, a exemplo de Wanda, que percorreu seu ambiente de trabalho recolhendo objetos para fotografar. Em contrapartida, houve outros trabalhadores que não tinham ideia de como fariam as fotos e precisaram caminhar um pouco pela Geração para poder pensar o que poderiam fotografar. Primeiramente, eles capturavam com seus olhares e depois desenvolviam o processo de fotografar. Poder acompanhar o processo de produção das fotografias proporcionou à pesquisadora a possibilidade de ver o diálogo interior (CLOT, 2010b) dos trabalhadores sobre os seus trabalhos, de se exteriorizarem durante a criação da foto, ou seja, poder acompanhar como seus anseios se transformavam de palavras em imagens por meio das fotos. Quando estes trabalhadores passaram a observar o próprio trabalho, passaram, então, a transformá-lo, pois a oportunidade de pensarem sobre o que fazem promoveu a abertura para os seus diálogos interiores, dando possibilidade de relacionarem as suas subjetividades à atividade que realizam (CLOT, 2010b). A pesquisadora pôde observar esta transformação na atividade de fotografar de Luciana. Inicialmente, ela achou difícil o processo com a câmera, mas quando começou a caminhar pela Geração começou a dar voz às suas inquietações sobre a falta de materiais, materializando suas necessidades através da fotografia. Quando realizou a foto, mostrou-se satisfeita e pediu que alguém a fotografasse em sua interação com o trabalho.

Após o intervalo entre o segundo encontro e os dias em que os trabalhadores realizaram as fotografias, teve o terceiro encontro. A sala foi organizada em círculo e a pesquisadora dispôs de um cartaz na parede para que fossem coladas todas as fotos apresentadas inicialmente de forma individual e depois comentadas pelo grupo. A análise das fotos¹² foi organizada a seguir de acordo com as questões formuladas aos trabalhadores: Como você colabora na Geração de Renda? O que precisa melhorar na Geração de Renda? O

¹² A escolha das fotos para análise levou em consideração a produção dialógica dos trabalhadores, sendo escolhida para compreensão as que apresentaram os temas mais discutidos pelo grupo.

que dificulta ou impede seu trabalho? O que facilita seu trabalho? O que significa trabalhar na Geração de Renda?

4.3.3.1 Como colabora na Geração de Renda

Ao pensar sobre como colaboram na Geração de Renda, os trabalhadores esboçaram uma síntese de como contribuem para a história do trabalho, de como se veem enquanto inscritos no Gênero profissional do Programa. As respostas dos trabalhadores mais uma vez expõem a controvérsia sobre qual tem sido o papel da Geração em seus fazeres, pois o ambiente que deveria gerar renda aparece, muitas vezes, ainda associado a um lugar de entretenimento e de ocupação do tempo. As fotos a seguir refletem esta dicotomia entre o gerar renda e o ocupar o tempo/mente. O sentido da atividade na Geração aparece, então, não só ligado ao produzir e gerar renda, pois há momentos em que os objetivos periféricos de distração e socialização aparecem como protagonistas da ação.

Figura 1 – Como colabora na Geração - foto Carla



Figura 2 – Como colabora na Geração – Foto Luciana



Figura 3 – Como colabora na Geração - Foto Wanda



Figura 4 – Como colabora com a Geração - Foto Eliene



Figura 5 – Como colabora com a Geração - Foto José



Na Figura 1, é possível ver a foto realizada por dona Carla. Ela foi uma das participantes que resolveu levar a câmera para casa, onde realizou a maioria de suas fotografias. A trabalhadora pediu para alguém fotografá-la com a fantasia da peça “Branca das neves¹³”, na qual interpreta a personagem Zangada. Para dona Carla, o teatro colabora para o crescimento da Geração e é a atividade que ela mais gosta de fazer no Programa. Nesta foto, é possível perceber que o entretenimento faz parte do trabalho que realizam na Geração. As dificuldades financeiras e a falta de recursos materiais redirecionaram o sentido da atividade para dona Carla. Ela busca se inscrever na história da Geração e tornar o Programa visível, mas sem os produtos suficientes, o teatro, para ela, que poderia estar em uma zona periférica no trabalho, aparece como a atividade principal (CLOT, 2006a).

Assim como Carla, Luciana também confere à atividade de artesanato da Geração de Renda um lugar periférico. Ao fotografar como colabora na Geração, ela escolhe mostrar a organização como sua atividade principal. Ao produzir sua foto (Figura 2), ela elege como cenário algumas sacolas plásticas que estavam com fantasias do teatro, que acabara de arrumar. Neste terceiro encontro, Luciana expôs a foto para os colegas e diz que fotografou este cenário porque ela gosta de procurar as coisas, gosta de detalhes e de organização. Frente à dificuldade material para realizar as atividades de artesanato, Luciana representa o trabalho através da organização. Ela, então, reinstrumentaliza o ambiente da Geração, que passa a ser significado muito além de artefatos visíveis (VIGOTSKI, 1930/2009). As sacolas e caixa passam a simbolizar não mais apenas sacolas com tecidos, mas passam a significar

¹³ A peça é uma adaptação da História de Branca de Neve.

organização, detalhe e coisas a procurar. Colaborar, para Luciana, é ajudar na organização do ambiente.

Embora o ocupar a mente apareça em maior proporção no discurso dos participantes, também é possível perceber que a venda dos produtos está no real da atividade desses trabalhadores. Wanda traz essa questão em seu discurso quando apresenta a sua foto ao grupo, aqui denominada Figura 3. Ela apresenta os materiais que ela usa para fazer artesanato e diz que eles representam as atividades que ela realiza na Geração, como se vê a seguir:

Pesquisadora: Como colabora?

Wanda: Como colabora... Eu faço artesanato aqui, eu faço chaveiro, eu desenho, eu colo, pinto, o que precisar fazer eu faço. Oia seu Wagner (mostra a foto).

Pesquisadora: Aí como tu escolheste fazer esta foto?

Wanda: Porque é o material que a gente usa aqui né? Tinta, tesoura, isso aqui, acho que é linha pra fazer mesmo, pra fazer, pra fazer mesmo artesanato.

Pesquisadora: E o que significa essa foto?

Wanda: Acho que significa criatividade.

Pesquisadora: Como?

Wanda: Criatividade.

Pesquisadora: Criatividade.

Wanda: Criatividade que a gente precisa pra ser criativo, pra né...

Pesquisadora: E ser criativo pra tu é fazer o quê?

Wanda: É fazer artesanato bonito, né? Fazer as coisinhas tudo bem feita. A gente fez um uns chaveiros tão bonitinho, eu vendi tudinho. Aqueles chaveirinhos de (inaudível) eu vendi tudinho, eu levei nove e vendi tudinho.

Pesquisadora: Hunrum.

Zípora: E foi? Aquilo vende nada (fala baixinho perto do quadro enquanto cola as fotos).

Wanda: Porque é bonito.

Pesquisadora: Tu falou o que significa?

Wanda: Disse! Beleza.

Na Figura 3, Wanda mostra os materiais com que trabalha e no curso de sua ação associa esses elementos à criatividade. Os produtos que ficam bonitos permitem que ela realize vendas com eficiência. Na busca por mostrar como colabora na Geração, Wanda seleciona alguns objetos do Programa que contém elementos que representam o que ela gosta de executar. Há parte do todo (tinta – pintura, lápis – desenho, chaveiro – tesoura...) em que faz uma dissociação dos elementos na construção da foto, que passa a ganhar forma no seu discurso, pois ela desenha e utiliza aqueles instrumentos nas atividades. Após dissociar (pintura-tinta e outros elementos já citados), ela faz uma combinação dos elementos: pintura, desenho e chaveiro em elementos mais complexos no contexto social do trabalho. Resulta, então, na representação do como colaborar, que, para ela, significa criatividade, fazer

artesanato bonito que vende, que “gera renda” e, para gerar renda, ela defende que é preciso um trabalho bem feito, bem pensado (CLOT, 2006a; VIGOTSKI, 1930/2009).

Outro aspecto que se destaca no tema “colaborar com a Geração” diz respeito à própria ressignificação do lugar que se ocupa na sociedade. Um dos destinos da atividade é a atividade para o outro, que pode ser tanto aos pares de trabalho, como aos próprios sujeitos que são atravessados pela ação dos trabalhadores da Geração (compradores, vizinhos, pessoas as quais o sujeito se relaciona). Na Figura 4, é possível ver a atividade de Eliene. Ela pediu para um parente fotografá-la fazendo fuxico, que é a atividade que mais gosta de desenvolver. Eliene também levou a câmera para casa e até fez vídeos falando sobre seu trabalho. A pesquisadora explicou que infelizmente os vídeos não seriam utilizados para a pesquisa, mas as fotos ela poderia apresentar para o grupo, como é possível perceber no diálogo que se segue.

Pesquisadora: Perguntei (Quando Eliene pega a foto para apresentar ao grupo a pesquisadora retoma a questão que formulou sobre a mesma) como colabora na Geração de Renda.

Eliene: Colaboro na Geração de Renda é a pessoa fazer o máximo, é trabalhar, eu trabalho. É um trabalho que eu gosto, ocupo minha mente, enterte (sic) minha mente. Toda segunda tenho a minha mente ocupada, é o trabalho que eu faço e que gosto. Me ocupo mais... É qualquer coisa. Qualquer coisa que eu faço sobre este trabalho daqui eu estou com a mente ocupada e concentrada nos trabalhos, né? E sem os trabalhos de casa. E os matérias que eu tenho comprado quase todos, né? E isso aqui é o trabalho que eu mais gosto de fazer na vida. Quando eu faço assim eu, esta foto ta mostrando o meu trabalho, esse projeto que eu tou muito compromisso pra tirar do papel. (sic)

Pesquisadora: [...] Mostra ao pessoal.

Eliene: Pra todo mundo ver meu trabalho (mostra a foto), certo? Isso aqui em casa, é claro que é um trabalho meu que ocupa minha mente e no instante isso (inaudível) de fazer isso.

Pesquisadora: E como é que tu pensasse, escolhesse essa foto?

Eliene: Eu só escolhi esta foto pra saber que a gent... que nós que somos éé, que temos algum problema, temos mais potenciais do que as pessoas que têm saúde que não têm. Então, as pessoas que têm deficiência mental têm mais capacidade, têm mais potencial do que quem tem saúde. Fica aí doença, fica aí enfermidade, inclusiv... Nós que fazem não, somos criativos. Criamos tudo. É por isso (inaudível) pensando nisso.

Pesquisadora: E como... éé... Que é que isto sign... Que é que esta foto significa?

Eliene: Esta foto significa pra mim, éé como se fosse um curso sem pagar nada, de graça pra se fazer um curso, tem que (inaudível) mensalidade (tenta explicar a situação de “como que tem que pagar”), tem que pagar mensalidade e aqui é de graça. Eu tou com todo estes materiais aqui em casa. (sic)

Na sua foto, Eliene seleciona aspectos que fazem parte do seu trabalho para fazer a criação de sua foto: a costura, o ambiente acolhedor de casa, o lugar onde continua o trabalho da Geração, a oficina que montou após aprender o ofício na Geração. Ela imagina que precisa mostrar aos outros o seu trabalho, a oficina que mantém em casa. Mas o que mais chama atenção nesta foto de Eliene são os aspectos socioculturais presentes na sua criação (VIGOTSKI, 1930/2009). Ela traz a questão da discriminação na composição da imaginação criativa, pois colaborar com a Geração é também desmistificar o lugar do sujeito com transtorno mental na sociedade (BRASIL, 2014). É poder mostrar que as pessoas ditas “saúdáveis” podem não saber executar algo, podem não ter habilidade, podem ter dificuldades, assim como, um sujeito com transtorno mental. Ela diz que a foto significa “como se fosse um curso sem pagar nada”, mas, pela fala anterior dela, o “como colabora” para Eliene parece ressaltar a noção da Reforma Psiquiátrica de que é possível ser criativo com transtorno mental e que produzir, criar vão além da noção transtorno/deficiência x “normalidade”.

A atividade como meio de vida também aparece no diálogo com seu José, ou seja, colaborar com a Geração não só transforma os materiais com que trabalha, mas também a sua própria vida. Na Figura 5, é possível ver a foto do tapete elaborado por ele, o qual é exímio em fazer tapetes. Desde que a pesquisadora chegou à Geração para buscar informações sobre a pesquisa, ele já apresentava seus tapetes e mostrava que realizava os pontos de maneira tão diferente que ninguém consegue fazer igual. No dia da realização da foto, quando a pesquisadora perguntou sobre como colaborava, tocou na sua mão e a levou até o corredor em frente ao escritório: “eu faço tapete de pano”. Após realizar a sua foto, começou a descrever como desenvolve o tapete e passa a falar sobre a falta de tela e de tecido para fazer novos tapetes.

A atividade de seu José retrata aquilo que Vigotski (1930/2009) resalta sobre os novos sentidos no processo de criação, os quais podem ser objetivos, mas também subjetivos. O novo sentido, para seu José, materializa-se em seu próprio desenvolvimento como pessoa na Geração. Quando a pesquisadora iniciou a busca por informações para realizar a pesquisa, ele quase não falava, a depressão parecia calá-lo. À medida que voltou a frequentar a Geração, a fiar seus tapetes, a tela de sua vida também começou a ser traçada. O discurso de seu José ainda é curto, mas ele começou a desenvolver diálogos os quais não tinha quando a pesquisadora chegou às primeiras vezes na Geração.

Colaborar para seu José é fazer um trabalho que só ele sabe fazer: elaborar um tapete que ninguém sabe fazer, com um ponto que ninguém na Geração sabe executar. No dia da

execução da foto, ele falou: “o tapete... O ponto, eu faço assim oh...” mostrando que colaborar para Geração é se sentir útil e poder colaborar com a história do grupo (CLOT, 2006a), com aquilo que só ele sabe fazer. O tapete de seu José precisava comportar a análise, pois foi o objeto que fez parte da entrada da pesquisadora na Geração. Foram as boas vindas, como também a despedida, porque ele sempre fazia questão de mostrá-lo. Considerando os tapetes de seu José como uma obra de arte, consegue-se pensar que, assim como Vigotski (1930/2009) defende, a arte agiu sobre os seus sentimentos e suas ideias atuando no seu mundo interior e conferindo a ele a voz que não tinha.

Os diálogos que foram construídos no grupo sobre a temática do colaborar na Geração refletem o sentido que o trabalho ocupa na vida desses sujeitos. Ora aparece como ocupação da mente, ora de maneira mais contida como o gerar renda e, por vezes, como desmistificação do lugar que a loucura assume na sociedade. Até mesmo surge como transformação de vida, como percebe-se na história de seu José. A atividade criativa dos trabalhadores parte, inicialmente, de aspectos relacionados às suas experiências de vida e de trabalho, como se vê acima, e são transformados pela imaginação, ganhando novos sentidos: dona Carla que não consegue trabalhar em casa por sentir-se depressiva transforma-se em uma “atriz zangada”; Wanda transforma materiais em produtos belos que podem ser facilmente vendidos; Luciana transforma bagunça em organização; Eliene desmistifica o transtorno mental no trabalho e seu José ganha voz ao fiar suas telas com tecido.

4.3.3.2 O que precisa melhorar na Geração de Renda

Referente ao que precisa melhorar, a falta de material também foi preponderante. Porém, o interessante dos diálogos sobre este ponto foi o acesso à história de como a dificuldade começou: os assaltos que a Geração sofreu. Além da falta de materiais, surgiram nos diálogos questões referentes à própria desorganização do grupo na guarda desses materiais e até dificuldades estruturais, como é possível ver nas fotos e discursos realizados pelo grupo.

Figura 6 – O que precisa melhorar na Geração - Foto Érica



Figura 7 – O que precisa melhorar na Geração - Foto Carla



Figura 8 – O que precisa melhorar na Geração - Foto Luciana



Figura 9 – O que precisa melhorar na Geração - Foto Wanda



A Figura 6 mostra a foto da janela que fica localizada no banheiro da Geração. Ela foi quebrada durante um dos assaltos ocorrido. A foto foi realizada por Érica. Desde que a pesquisadora chegou à Geração, esta trabalhadora sempre se mostrou muito impressionada com os assaltos que ocorreram no ambiente e, na realidade, foram os assaltos que trouxeram as dificuldades financeiras para a Geração e repercutiram significativamente na produção dos participantes. Os assaltos geraram um processo inadaptativo nos participantes, requerendo um refazer do ambiente, do objetivo e das motivações, no sentido da atividade (CLOT, 2007). Érica esboçou o seguinte sobre a foto:

Pesquisadora: [...] E essa aqui, é o que precisa melhorar na geração.

Érica: O que precisa melhorar na geração é porque o botaram o-o-o...

Pesquisadora: Mostre ao pessoal (a foto) o que a senhora fez.

Érica: Botaram as coisas que o ladrão roubou, ele passou por aqui pra roubar, passou por aqui e quebrou por aqui a janela e quebrou o portão pra poder entrar (inaudível), levou computador, televisão, roubou botijão de gás, roubou é, um bocado de coisa aí, telefone, os trabalhos que a gente fez aqui na Geração, levou também, levou um bocado de trabalho que a gente fez aqui na Geração levaram tudinho.

Pesquisadora: E como foi que a senhora escolheu esta foto?

Érica: Escolhi porque foi a foto que ele quebrou o banheiro pra entrar.

Pesquisadora: Entendi.

Érica: Queria entrar porque... Não sei porque ele fez isso.

Pesquisadora: E o que que significa essa foto pra senhora?

Érica: Significa o que, é... Mostrar o que ele fez, aqui com, a Geração de Renda, o que o ladrão fez. Não roubou porque, não sei quem foi que disse que quebrou. Acho que ele ia entrar pelo banheiro, aí não entrou. Quebrou... Não conseguiu entrar aí não entrou não, não conseguiu entrar não.

No diálogo de Érica, o colaborar com a Geração é atravessado pelas questões culturais que assolavam os cidadãos camaragibenses, os assaltos. Pode-se inferir que a inadaptação que favoreceu esta foto ocorreu muito antes da entrada da pesquisadora na Geração. Remete à época do roubo, momento em que os recursos se tornaram escassos e a recompensa pelas vendas tornou-se quase inoperante. A percepção da imagem para a foto trazia por trás de si muito mais que uma janela, ela foi transformada pelos aspectos emocionais que moviam dona Érica (VIGOTSKI, 1930/2009).

As emoções atuam sobre a imaginação de Érica transformando a janela numa representação do que falta na Geração. Juntamente à transformação são agrupados outros aspectos: as coisas que foram levadas, os motivos que fizeram o ladrão realizar o assalto, a falta de sucesso do roubo pela janela, o arrombamento do portão. Esses aspectos foram organizados no discurso de dona Érica criando uma janela onde o ladrão não entrou, mas que roubou pelo portão, deixando sua marca na Geração. O que precisa melhorar na Geração na concepção de dona Érica é retrospecto do assalto que ocorreu no local. Ela recorre, então, a reservas da memória para criar o evento na sua mente, mas ela não reproduz o roubo. Ela imagina e cria. Foi esse um dos cenários que transformou o “gerar renda” no “ocupar a mente” (VIGOTSKI, 1930/2009).

Outro aspecto que se fez presente no diálogo do grupo foram as dificuldades estruturais da Geração, que pode ser observado nas Figuras 7 e 8. Na imagem 7, é possível ver a pia da casa de dona Carla, que é fotografada exatamente no momento em que águas correm pela torneira de sua cozinha, em uma referência ao que não se encontra na Geração, de acordo com seu comentário.

Carla: Essa daqui, é água que não tem na Geração (foto de uma torneira derramando água em sua casa). Aqui não tem água, assim, pá poder lavar as mãos, não tem água assim, pá poder usar o banheiro e tem água pra nada. Os meninos é quem fica botando, enchendo o balde. Porque antigamente era rim (sic) que não tinha água.

[...]

Pesquisadora: Aí como foi que a senhora escolheu esta foto? Esta foto não foi tirada aqui, não foi?

Carla: Foi tirada em casa (sorri).

Pesquisadora: Aí, como foi que a senhora pensou, bolou esta foto?

Carla: Eu pensei assim vou tirar aqui, aqui na cozinha que é pra, assim pensando que aqui não tinha, não tinha água, que tava faltando, água aqui, que a gente tava precisando de água aqui na torneira.

[...]

Pesquisadora: O que é que significa esta foto pra senhora?

Carla: Pra mim assim, significa assim a falta d'água pra Geração, né? Que ta faltando água aqui!

Pesquisadora: Sim, certo.

Carla: É a falta d'água mesmo.

No diálogo de dona Carla é possível compreender como ela desenvolve o que foi solicitado na tarefa (CLOT, 2006a) dada pela pesquisadora. Para responder à pergunta, dona Carla imagina o cenário precário da Geração, mas o ressignifica através de sua pia que, diferente da Geração, possui água em abundância. Ao fotografar sua pia, Carla não apenas mostra que sua casa possui água, mas revela a esperança de que na Geração algum dia as águas também possam correr pelas torneiras. Nesta imagem, dona Carla parece projetar um futuro com uma estrutura melhor para o Programa através da imaginação criativa (VIGOTSKI, 1930/2009).

Representando também as dificuldades estruturais da Geração, Luciana criou a foto (Figura 8). Acredita-se que esta foto é uma das que mais Luciana quis produzir, pois desde que a pesquisadora chegou à Geração, ela foi bastante crítica à falta de materiais e equipamentos e esta foto representa bem suas inquietações. Ela fotografou o escritório da Geração e quis mostrar justamente o lugar onde não há computador, ventilador, onde não há nenhum recurso de trabalho para os técnicos da Prefeitura e, conseqüentemente, para os trabalhadores da Geração de Renda também.

Luciana: A gente precisa de um computador pra... (inaudível, pois falou muito baixo).

Pesquisadora: Aí como foi que tu escolheu esta foto pra representar isso?

Luciana: Porque é o que falta aqui também, né? Representando todas as coisas que falta (faz gesto de todo com a mão direita enquanto segura a foto com a outra) que não é só o computador.

Pesquisadora: Que você pode falar...

Luciana: Aí, assim, representando todas as coisas que falta tinha que tirar disso (sic), mas falta muita coisa que não é só o computador, mas é algo... (inaudível)

Pesquisadora: E o que significa esta foto? (Luciana coça a nuca) O que tu quisesse dizer com ela?

Luciana: Então, exatamente isso que a falta das coisas que ta faltando, né? Representaaa as coisas que ta faltando.

Luciana se baseou em sua experiência na Geração para imaginar que cenário poderia representar a falta que ela tanto fala. Sem conhecer o ambiente, ela poderia não perceber a falta de um computador no escritório, mas ela recorre à memória para poder imaginar e ressignificar aquele ambiente de falta, mostrando em que a Geração precisa melhorar (VIGOTSKI, 1930/2009). Diferente dos colegas, Luciana deu preferência a uma parte da Geração que é utilizada mais pelos técnicos da Prefeitura e isto remete a sua manifestação no

primeiro encontro e segundo encontro sobre a importância dos técnicos também serem ouvidos. Ela faz um “recorte” do Programa justamente da parte em que pode “ajudar” os técnicos. No sentido da atividade de Luciana, estava envolvida a motivação de mostrar as necessidades dos técnicos e o objetivo de conseguir melhores condições de trabalho (CLOT, 2007).

Outro aspecto ressaltado pelos participantes neste item diz respeito à necessidade de organização dos materiais pelo próprio grupo. O uso dos materiais deve ser seguido pela organização de maneira adequada no espaço reservado para isso, mas nem sempre isso ocorre. A Figura 9 foi realizada por Wanda e retrata uma estante onde fica uma parte dos materiais da Geração. Ela ressalta que o procedimento errado de guarda do material acaba dificultando as próprias atividades dos trabalhadores (CLOT, 2007).

Pesquisadora: Humm, e o que precisa melhorar aqui? Na foto que tu tirou do que precisa melhorar. Eu acho que é essa próxima, tem atrás (a indicação do que representa a foto), é essa (Wanda vai passando as fotos). Essa daí mesmo.

Wanda: É. A organização. Que às vezes a gente procura uma coisa não tem. Né? (pergunta a Wagner) Aí não acha o que a gente tá procurando. Às vezes, tá tão escondido que a gente pensa que não tem, mas tem, tem pouquinho, mas tem. Aí é que faz.

Pesquisadora: E como é que tu escolheu esta foto? Tu escolheu esta foto...

Wanda: Porque eu já procurei tanta coisa ali e não acho (sorri) e porque a gente separou as bolinha todinha, as miçangas todinha colocou na tampa, aí pegaram e misturaram as tampas(sic). Aí tem que abrir tudinho pra procurar a miçanga.

Pesquisadora: Eita!

Wanda: Aí você pensa misturaram as miçangas todinha de novo aí fica assim.

Pesquisadora: E o que que significa esta foto?

Wanda: Acho que as pessoa deve ter mais cuidado (sic).

[...]

Pesquisadora: Sim e o que significa, tava falando aí...

Zípora: Ocupa a mente.

Wanda: É o que eu tava falando, né? Tem que ter organização, Porque como a gente vai fazer o o artesanato da gente sem organização? Tem que botar éé uma mensagem ali: “tudo organizado”. Mas tem gente que vai faz e bagunça, né? Mistura tudinho. Tem gente que é displicente.

Da análise que Wanda realiza sobre o seu próprio trabalho, ela finaliza com uma cristalização de sua atividade imaginativa: é preciso colocar uma mensagem no local pedindo que deixem tudo organizado. No processo criativo de Wanda, percebe-se que ela parte de experiências do passado para buscar uma mudança na situação presente de desorganização na guarda dos materiais. Para isso, ela imagina que é preciso que se chame a atenção das pessoas

através da mensagem. Colocar o trabalho em diálogo faz com que Wanda pense além da própria desorganização do ambiente e pense em novas estratégias de ação (CLOT, 2006a), novas soluções para resolver e superar o que dificulta o trabalho. Cria-se um novo sentido para a atividade: não se deve deixar como está, mas modificar aquela situação.

No entendimento do que precisa melhorar na Geração, os trabalhadores conseguem colocar o trabalho em manutenção, avaliando onde o ambiente precisaria de maior atenção. Através da implicação subjetiva dos trabalhadores sobre suas atividades, eles puderam pensar sobre os seus fazeres em conjunto e, assim, percebem que é preciso que haja uma mudança no ambiente de trabalho. É necessário que haja mais condições para realizar suas atividades (CLOT, 2006a). Condições melhores de trabalho possibilitam à Geração não só o aumento de trabalho, mas um crescimento na produção de maneira geral, aumentando as vendas e dando o sentido real de Geração de Renda.

A falta de recursos materiais e problemas na estrutura perpassam todo o diálogo com os trabalhadores e se faz presente desde quando eles pensam sobre suas colaborações até ao que dificulta o trabalho.

4.3.3.3 O que dificulta o trabalho na Geração de Renda

Os aspectos dificultadores do trabalho na Geração estão bastante alinhados com o que precisa melhorar no programa. Embora a questão da dificuldade pudesse ser algo mais pessoal de cada trabalhador, é possível perceber que grande parte do que precisa melhorar na instituição são também as dificuldades dos trabalhadores: falta de material e desorganização. Em contrapartida, novamente a medicação é citada como mais um aspecto dificultador no trabalho. As fotos a seguir retratam um pouco das dificuldades dos trabalhadores no programa.

Figura 10 – O que dificulta o trabalho - Foto Wagner



Figura 11 – O que dificulta o trabalho – Foto Érica



Figura 12 – O que dificulta o trabalho - Foto Luciana



Figura 13 – O que dificulta o trabalho - Foto Wanda



A Figura 10 foi pensada por seu Wagner. Ele foi até um dos locais onde ficam os materiais e pegou uma pequena “buchinha” onde são inseridas agulhas e falou sobre a dificuldade com a falta desse material.

Pesquisadora: E o que é que dificulta seu trabalho ou impede?

[...]

Wagner: Como as meninas disse (aponta Carla e Zípora). Porque eu tirei foto da mesa, né? Agulha, porque não tem agulha pra gente trabalhar.

Quando tem é uma agulha fina aí não dá produção, porque a agulha é fininha que enfia, enfia mesmo na mão da gente (faz força e simula com as mãos o enfiar). A gente pra adiantar o serviço aí... a agulha longa não.... A agulha longa a gente faz... Com mais força (joga mão pra frente como se quisesse dizer que caminha a produção).

Pesquisadora: Aí como escolheu tirar esta foto, exclusivamente.

Wagner: Escolh...

Pesquisadora: Da-da agulha.

Wagner: Por causa da agulha.

Pesquisadora: Por que o senhor escolheu tirar [a foto]?

Wagner: Porque eu achei necessário tirar para mostrar.

[...]

Pesquisadora: Sim, o que significa esta foto?

Wagner: Significa o trabalho da gente, né? Aqui né? O trabalho da gente. Todo mundo aqui só batalha numa tecla só (fala com as mãos explicando) que é material, falta demais de material aqui.

Pesquisadora: E o que que vocês fazem pra poder superar isso?

Wagner: Se a gente tivesse mais material a gente trabalhava mais, progredia mais, entendeu, não tem material.

Pesquisadora: E sem material o que é que vocês fazem?

Wagner: Faz com o que tem. Vai fazendo devargazinho (sic), pra ocupar a mente. (demora um pouco) Até chegar material, né?

A partir da sua experiência no trabalho com agulhas, seu Wagner consegue ressignificar esta vivência. Através do imaginar, ele sugere que é necessário mostrar para as pessoas a dificuldade de produzir quando não há material adequado. O que chama atenção no discurso de seu Wagner é que a controvérsia surge conferindo um novo sentido de ação (CLOT, 2007). O que ele usa, falta, e diante disto o objetivo inicial de produzir é transformado em trabalhar para ocupar a mente. O trabalho que deveria acelerar deve ser feito devagarzinho. Mais uma vez o trabalho aparece assumindo o lugar de ocupação do tempo. Pode-se pensar que a ressocialização por meio do trabalho aparece de maneira tímida nesse contexto, pois os trabalhadores não só reaproveitam materiais, mas também reaproveitam o tempo.

Os trabalhadores passam então a recorrer a experiências anteriores, quando havia mais possibilidade de realizar suas atividades, pois não faltavam tecidos e outros materiais para criar um cenário possível de melhoria para a Geração (VIGOTSKI, 1930/2009). Através da observação de traços de sua própria atividade, o trabalho impedido (CLOT, 2010a) é representado nas fotos dos trabalhadores através das imagens do material que falta, como na Figura 11 realizada por dona Érica. A tesoura que não está amolada dificulta seu trabalho e a maneira que os trabalhadores encontram para continuar a atividade é se submetendo a cortar os tecidos usando mais força para superar a falta de eficiência da tesoura, ou então eles devem custear a manutenção ou compra de novos materiais.

Assim como a falta de estrutura, a desorganização também aparece mais uma vez como dificultador no trabalho. Na foto (Figura 12), pensada por Luciana, há o espaço onde ficam os armários da Geração. Luciana traz dois aspectos significativos em sua fala sobre a foto: primeiro, as pessoas precisam ser mais organizadas, e segundo, é preciso que haja melhores condições para guardar os materiais, tanto de espaço físico, como de equipamentos. O que chama a atenção também no discurso de Luciana é o paralelo que ela faz entre sua casa e a Geração. Para ela, inicialmente, os dois ambientes são desorganizados igualmente, mas depois Luciana retoma a fala e diz que a casa dela é pior, pois não tem acesso a nada.

A fala de Luciana parece refletir a sua condição frente ao transtorno. Diferentemente dos outros participantes, Luciana é interdita, ou seja, a família responde legalmente por ela. Inclusive um de seus parentes foi que autorizou sua participação na pesquisa. A fala de Luciana poderia dar algum indício sobre os aspectos socioculturais de interdição atuando sobre seus processos imaginativos (VIGOTSKI, 1930/2009), pois, para criar, ela precisa partir de experiências guardadas em sua memória e, no caso da interdição, sua liberdade, de certa maneira, passa a ser mais controlada à medida que precisa de um curador para reafirmar suas escolhas. E isso pôde-se acompanhar na assinatura do TCLE, quando ela precisou pedir autorização aos parentes. A Geração pode surgir para Luciana como o ambiente onde ela consegue interferir, organizar, mexer, tudo que ela não pode fazer em casa.

Na Figura 13, visualiza-se a foto das mãos de Wanda. Ela pediu para um de seus colegas fotografar as suas mãos. O objetivo de Wanda era mostrar que a dificuldade que tem para realizar as atividades está em suas próprias mãos que apresentam tremores devido aos efeitos colaterais da medicação. É possível perceber uma controvérsia nesta foto, pois observando a trajetória de Wanda até este terceiro encontro, pode-se traduzir que aquilo que dificulta o seu trabalho é o mesmo que a faz produzir: suas mãos.

Nas fotos relacionadas ao que dificulta o trabalho, percebe-se que os aspectos materiais apresentam uma preponderância muito grande sobre o que vem impedindo o trabalho na Geração de Renda. Com exceção de Wanda, os outros participantes fizeram questão de frisar a falta de investimento como algo que repercute significativamente em seus trabalhos, tornando-o mais como distração que um ambiente que gere renda verdadeiramente. Nos aspectos imaginativos dos participantes, é possível perceber que suas histórias com a Geração atuam na maneira como conseguem projetar melhorias para o ambiente, possibilitando, assim, desde o gerar renda até a possibilidade de realizar o trabalho que está impedido (CLOT, 2006a)

4.3.3.4 O que facilita o trabalho

Analisando os aspectos relacionados ao que facilita o trabalho, pode-se perceber desde a entrada da pesquisadora no campo que se assemelham muito com os aspectos que também o impede/dificulta. Ter condições materiais e estar bem para realizar atividade são os aspectos envolvidos.

Figura 14 – O que facilita o trabalho - Foto Wanda



Figura 15 – O que facilita o trabalho - Foto Carla



Figura 16 – O que facilita o trabalho - Foto Luciana



Na foto (Figura 14), realizada por Wanda, a necessidade de material é explicitada. Ela diz que há pouco material para trabalhar e que se houvesse mais era possível que trabalhassem melhor. É possível inferir que Wanda consegue imaginar, então, melhores condições para a Geração a partir da combinação de dois elementos: ela parte da situação atual de precariedade e possivelmente rememora experiências anteriores positivas da Geração, quando a mesma estava em uma situação mais satisfatória para a produção. Dessa forma, por meio da imaginação, consegue pensar na possibilidade de melhoria da condição do ambiente através da análise do trabalho. A imaginação no ambiente de trabalho é importante na medida em que não só possibilita organizar as ações de trabalho, mas também melhorias nas próprias condições do fazer, como pode ser observado na fala de Wanda (CLOT, 2010a; VIGOTSKI, 1930/2009).

Pesquisadora: Éé, o que facilita o teu trabalho?

Wanda: Ter material, é o que a gente ta precisando muito. Já veio muita gente aqui da Prefeitura aí a gente aí a mesma coi... A mesma lengalengaah vai... material, recursos (demora a responder um pouco).

Pesquisadora: E como é que tu escolhesse essa foto?

Wanda: É porque é onde, é onde fica os materiais, tipo o armário daqui. Onde fica todos os material (sic). Ta vendo que tem pouquinho? Pouquinha coisa. Tem muito pouquinho.

Pesquisadora: E o que significa essa foto?

Wanda: Eu fico triste, né? Porque, é, Juliana (arte-educadora) tem muitas ideias, mas não tem material pra fazer. Aí fico triste.

A partir do diálogo de Wanda, compreende-se que, havendo material, possivelmente as ideias da arte-educadora poderiam ser realizadas. No seu processo imaginativo, as emoções estão diretamente presentes. Ela afirma que, não poder realizar outras atividades a faz se sentir triste, pois a atividade permaneceu no seu querer fazer, mas não pôde ser realizada, foi impedida (CLOT, 2007). A controvérsia referente ao material foi um dos aspectos que mais se fez presente durante todo o encontro, promovendo novas concepções para o trabalho na Geração e ressignificando para os trabalhadores o papel que o Programa executa em seus dias: ocupação do tempo.

Outro aspecto apontado como facilitador na Geração foram as trocas entre os colegas, o companheirismo e o apoio dado pelas arte-educadoras. Na foto (Figura 15), dona Carla ressaltou que o que facilita seu trabalho é justamente a assistência dada pelas arte-educadoras que fornecem um apoio significativo na confecção dos produtos e tratam bem todos os trabalhadores. O outro (colegas de trabalho) é um dos destinatários da ação do sujeito. Quando dona Carla, por exemplo, realiza uma atividade, busca uma resposta do outro sobre o seu fazer, o que implica dizer que o sujeito precisa sentir-se inscrito em um gênero profissional e, para isso, precisa sentir-se parte da história do grupo (CLOT, 2006a).

Além das questões materiais e de trocas entre colegas, outro aspecto apontado como facilitador foi a satisfação no fazer, a alegria de poder trabalhar quando o trabalho flui e dá certo. Luciana pediu aos colegas para que a fotografassem feliz (Figura 16) para mostrar justamente a satisfação e alegria no trabalho que facilita o desenvolvimento das atividades. As emoções fazem parte da criação do sujeito. A atividade criativa de Luciana não estava envolvida apenas de aspectos racionais e intelectuais, mas permeadas por aspectos afetivos, pois toda representação criativa contém elementos emocionais (VIGOTSKI, 1930/2009).

4.3.3.5 O que é trabalhar na Geração de Renda

O último ponto perguntado aos trabalhadores foi sobre o que significa trabalhar na Geração de Renda e eles, então, passaram a ressignificar o entendimento de seus trabalhos. Companheirismo, fazer junto e independência foram as temáticas trazidas pelos trabalhadores. Na foto (Figura 17) a seguir, é possível ver um jarro de flores confeccionado no Programa por todos os trabalhadores. Foi um presente recebido por dona Carla em seu aniversário. Ela disse que ajudou na confecção das flores sem ao menos saber que era para ela. Após a finalização do trabalho, ela foi presenteadada com o jarro em um almoço em sua casa. As questões referentes às emoções estão bem presentes na atividade criativa de dona Carla. Ela selecionou

um objeto que simboliza uma data importante para ela, seu aniversário, e ressaltou o fazer junto como característica da Geração. A retomada da observação daquele vaso de flores possibilitou um novo pensar sobre ele. O vaso deixou de ser apenas um presente para significar o trabalhar na Geração de Renda (VIGOTSKI, 1930/2009).

Figura 17 – Trabalhar na Geração - Foto Carla



Figura 18 – Trabalhar na Geração - Foto Wagner



Figura 19 – Trabalhar na Geração - Foto Luciana



Figura 20 – Trabalhar na Geração - Foto Eliene



O companheirismo foi o grande destaque no tópico sobre o trabalhar na Geração de Renda, embora a falta de materiais ainda fosse uma constante. A troca, o coletivo, o grupo, assumiram o protagonismo e mostraram força no contexto de dificuldades na Geração. Embora as faltas aparecessem nos diálogos dos participantes, trabalhar, para eles, é muito mais que a falta, mas a superação dela, a criação de um contexto para se viver através da inscrição na história do grupo da Geração (CLOT, 2010b, 2006a). No grupo todos são tratados com simetria, com igualdade.

A Figura 18 mostra esta simetria e companheirismo. A foto foi feita por seu Wagner. Nela, arte-educadoras e trabalhadores da Geração estão sentados em volta da mesa onde normalmente trabalham de maneira simétrica, como iguais. Na foto (Figura 18), ainda é possível ver uma das colegas de trabalho com um coração na mão, mostrando o afeto no trabalho, mostrando que as atividades ocorrem na relação entre os aspectos da cognição e das

emoções envolvidas (CLOT, 2007). A mesa de trabalho diariamente vista por seu Wagner passa a ser ressignificada na análise do trabalho. Ela deixa de ser apenas a mesa onde realiza seus trabalhos, para mostrar afeto, companheirismo, pensar junto.

A perspectiva de seu Wagner está em consonância com o que Luciana fala sobre o desenvolvimento de sua foto. Ela quis trazer para a discussão no grupo que trabalhar na Geração pode ser representado pela dedicação dos colegas da peça de teatro. Na sua foto (Figura 19), ela mostra instrumentos que seriam utilizados durante a apresentação para simbolizar o esforço e dedicação do pessoal do teatro. Luciana explica como fez a escolha por este cenário para a foto.

Pesquisadora: E como é que tu escolhesse esta foto?

Luciana: Foi bem difícil, eu tava lá dentro olhando pros quadros, aí tinha um quadro que tava bem assim, aí foi bem significativo de como trabalhar. Achei bem adequado que eu podia focar na hora o que ta mais presente, o que a gente faz mais, alguma coisa que dê dê pra gente, assim, que signifique assim, é-é o que a gente ta fazendo agora, né? Os quadros já ta passado já faz muito tempo, nem tem significativo num tem, num, num (balança a cabeça pra um lado e outro) não dá pra... Isso aqui é o que a gente ta fazendo agora, nossa peça, dedicação, esforço, força de vontade, pra, é, na peça, é, Juliana, todo mundo, dedicação.

A fala de Luciana exterioriza bem a construção de sua atividade criativa. Primeiro, ela percebe um quadro que traz aspectos significativos para o trabalho e, depois, ressignifica aquela experiência. Por mais que retrate uma situação de trabalho, o quadro antigo mostra para ela algo que já passou e que não diz de sua realidade. Então, Luciana pensa na situação presente de seu trabalho: “isso aqui é o que a gente ta fazendo agora [...]”, para poder mostrar para os colegas no dia das discussões. A cristalização de sua imaginação criativa se configura na criação da foto, mas vai além, pois a fotografia só recebe sentido a partir do que Luciana apresenta em seu discurso: dedicação, força de vontade, esforço (VIGOTSKI, 1930/2009).

O produto da imaginação criativa parte dos aspectos culturais e da experiência do sujeito, mas recebe novas significações a partir das novas experiências que ele obtém no contexto presente. Luciana provavelmente deparou-se com uma situação comum de trabalho, de produção, que mobilizou lembranças de suas vivências atuais, favorecendo a ideia de mostrar o que faz atualmente (VIGOTSKI, 1930/2009).

O trabalhar na Geração também foi representado como favorecedor de independência, um aspecto que se coaduna com os princípios da Reforma Psiquiátrica, que é justamente promover a ressocialização do sujeito com transtorno. Eliene desenvolveu a foto representada

na Figura 20. De acordo com ela, a foto representa seu trabalho de fazer fuxico, mas também mostra seus projetos futuros de ter sua própria oficina em casa. Ela já tem muitos materiais e equipamentos e desenvolve alguns projetos, contudo pretende criar autonomia financeira para realizar suas próprias ideias. Na análise do seu trabalho, Eliene não reproduz o seu trabalho na Geração, mas mostra um novo sentido para o trabalhar na Geração: tornar-se independente, aprender para depois trabalhar para si (VIGOTSKI, 1930/2009).

Na análise da atividade, os trabalhadores puderam mostrar as marcas de seus trabalhos no coletivo, mas os comentários sobre as fotos entre os colegas durante as apresentações individuais foram sucintos, como “concordo”, “achei bonito”. De maneira geral, os materiais apareceram como uma controvérsia que acompanha o fazer dos trabalhadores. A falta deles ressignifica o sentido do trabalhar na Geração, tornando-a um lugar de ocupação da mente, do tempo, e também abre espaço para o protagonismo de outras atividades mais periféricas na Geração, como o teatro. Frente a esta realidade, as atividades impedidas não deixam de fazer parte do querer fazer dos trabalhadores, que ressaltam a deficiência de materiais como impossibilitando a realização das atividades que antes já haviam desenvolvido. Por outro lado, os aspectos afetivos estão presentes desde o planejamento das fotos, passando pela sua realização até os diálogos sobre elas. Brincadeiras sobre as imagens em que os colegas aparecem e tristeza sobre a situação atual da Geração fizeram parte das discussões com o grupo (CLOT, 2007, 2006a, VIGOTSKI, 1930/2009).

Os trabalhadores que não estavam fazendo parte do grupo também apareceram algumas vezes nas fotos, assim como os participantes da pesquisa também direcionavam as suas ações a eles, pois queriam mostrar aos colegas o que faltava, como trabalhavam (CLOT, 2011).

Ao todo foram realizadas 45 fotos. Neste terceiro encontro, quarenta fotos foram apresentadas individualmente ao grupo. Os participantes poderiam comentar o que acharam e se sentiram-se representados ou não nelas. As fotos foram coladas em um cartaz na parede à medida que os participantes iam se apresentando. Após as apresentações, a pesquisadora pediu, então, que comentassem sobre as fotos expostas e os participantes trouxeram, entre seus diálogos, a importância de serem ouvidos por ela, de verem seus trabalhos.

Érica: Achei muito bom pra você mesmo saber o que se passa aqui, o que se passa. Né? Você não viesse aqui não sabia onde era esse lugar, num viesse aqui não sabia nunca o que a gente tava fazendo aqui, né?

Pesquisadora: Verdade.

Érica: Não ta com a gente aqui, né? Não sabia, né? Aí você não ia saber mesmo (inaudível) ia se dedicar com a gente, achei bom.

Pesquisadora: Como é que vocês viram, por exemplo, Wanda como é que tu viu teu trabalho representado nestas fotos?

Wanda: Acho que a união da gente, a felicidade da gente, né? De fazer as coisas. A gente sempre tem alguém para visitar a gente, como você veio visitar a gente. É importante pra gente.

Serem ouvidos e terem seus trabalhos reconhecidos são aspectos importantes para os trabalhadores da Geração. Muito além de produzir artesanato, eles também querem ver seus trabalhos reconhecidos pelos outros (comunidade acadêmica, sociedade de maneira geral).

Pesquisadora: E vocês, os outros, como é que vocês viram o trabalho de vocês representado nas fotos, olhando ali, as fotos... [...]

Carla: Eu achava que eu não tinha capacidade de fazer isso (Wanda vai ajudar Luciana a colar as fotos no quadro).

Zípora: (pega na orelha de Carla) Eu fiquei feliz também, agora, porque representa a união da gente, o trabalho da gente que você assumiu coisa foi bom também (sic), é uma força pra nós aqui. [...]

Wagner: Eu tou achando muito bonito, muito bom. Ter uma pessoa aqui pra cooperar com a gente, pra conversar com a gente, pra saber o valor do trabalho que a gente tem, o valor do trabalho que a gente tem, e, tou gostando.

As discussões sobre o trabalho também favoreceram o reconhecimento de necessidades na Geração a qual os trabalhadores não conheciam e que só tiveram acesso através do diálogo no coletivo. Materiais e equipamentos que estavam faltando e que alguns participantes não tinham pensado começaram a ser reconhecidos como necessários pelo grupo. A maneira de superar as dificuldades referentes às faltas também entrou no diálogo e os participantes, então, discutiram que a forma de superação seria esperar que levantassem algum recurso dos poucos materiais que vendem ou deveriam investir a partir de recursos pessoais. As discussões no coletivo colocaram o trabalho em manutenção e fizeram os sujeitos se implicarem subjetivamente em relação aos seus trabalhos, podendo ressignificar experiências e pensar em novas formas de ação (CLOT, 2007, 2006a).

4.3.4 O quarto encontro no subsolo: construindo o mural das Mentes Criativas

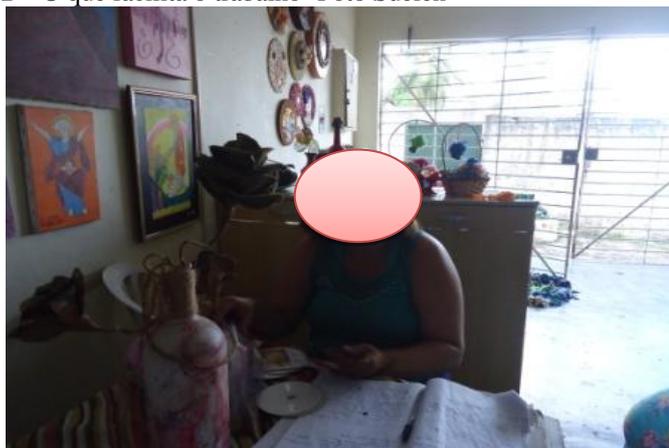
O quarto encontro ocorreu na mesa de trabalho dos participantes: uma mesa retangular comprida. As cadeiras foram posicionadas como normalmente ficam no dia-a-dia de trabalho e a pesquisadora e os trabalhadores começaram a dialogar sobre as fotos. Neste dia, a proposta era que cada um escolhesse três fotos para a confecção de um mural que ficaria exposto por

duas semanas. Primeiramente, o encontro iniciou-se com a apresentação das fotos de dona Suelen porque ela havia faltado ao terceiro encontro e não apresentou suas fotos ao grupo. Nas fotos de dona Suelen, a falta de material também apareceu como uma de suas reivindicações sobre o que precisa melhorar na Geração. Já como aspecto facilitador, a participante exaltou o trabalho de uma das arte-educadoras no ensino das atividades e na busca de recurso para o Programa. Dois aspectos merecem destaque na fala de dona Suelen sobre as fotos, como exposto a seguir.

Figura 21 – Trabalhar na Geração - Foto Suelen



Figura 22 – O que facilita o trabalho- Foto Suelen



Na Foto (Figura 21) sobre o que significa trabalhar na Geração de Renda, dona Suelen apontou que está fazendo fuxico com os moldes, mas o que chama a atenção é a sua explicação sobre o que significa a foto. Ela aponta que trabalhar no ambiente é melhorar o “rendamento”, o desenvolvimento. Como se pode perceber no diálogo que é apresentado abaixo:

Pesquisadora: (...) Como é que a senhora pensou em fazer esta foto?

Suelen: Essa aqui?

Pesquisadora: Sim.

Suelen: É-é, melhorar aa... o rendimento de... desenvolvimento da... aí eu pensei esta foto.

Pesquisadora: E o que que significa esta foto pra senhora?

Suelen: Significa que eu vivo bem. Tou bem no corte, pra cortar e pra fazer os moldes.

A partir da explicação de dona Suelen, é possível sugerir que ela traz uma nova significação para o trabalho. Trabalhar, para dona Suelen, é poder não só trazer renda para a Geração, mas também promover o seu desenvolvimento, crescimento. Além disso, ela se utiliza de sua experiência no trabalho e da situação da Geração atual para apontar o que precisa na Geração (VIGOTSKI, 1930/2009). Experiência perpassada pela vivência de uma época mais próspera da Geração e marcada na atualidade pela situação difícil que atinge o Programa, então, ela precisa gerar mais “rendamento”.

Outro momento significativo da fala de dona Suelen foi aquele relativo ao aspecto facilitador de seu trabalho que, segundo ela, é materializado na figura da arte-educadora que, além de promover o ensino, traz recursos para o ambiente. Na foto (Figura 22), dona Suelen imagina uma nova situação para o que a arte-educadora estava realizando. No dia da tomada de fotos, Juliana, a arte-educadora, estava ensaiando com o teatro e a foto foi realizada neste momento. Dona Suelen ressignificou o momento, como é possível perceber no diálogo.

Pesquisadora: Essa daí é o que... Deixa eu ver (a foto que dona Suelen está nas mãos), é o que facilita o seu trabalho.

Suelen: É, ela fazendo, fazendo campanha e trazendo material pra gente (arte-educadora Juliana)... pra gente melhorar, fazer...

Pesquisadora: Fazer mais atividade?

Suelen: É, mais atividade e melhorar o campo do da Geração de Renda.

Pesquisadora: Como foi que a senhora pensou em tirar esta foto dela?

Suelen: Assim, ela planejando, organizando como ela trabalha aqui.

Pesquisadora: E o que que significa esta foto?

Suelen: Significa muito, né? Que sem ela... Não ia andar. Não ia ter... Ela luta muito por nós todos.

Suelen traz um novo sentido para o fazer de Juliana, pois ensaiar o teatro também é planejar o trabalho, é fazer campanha, divulgar a Geração e ganhar recursos, as quais as vendas dos produtos, confeccionados de maneira precária, não estão conseguindo dar conta.

Nas fotos de dona Suelen, também se pode perceber o trabalho como meio de vida, promovendo saúde (CLOT, 2007, 2006a). No primeiro diálogo anteriormente transcrito, quando a pesquisadora pergunta à dona Suelen sobre o que significa a foto sobre “o trabalhar” na Geração, ela dá a seguinte resposta: “significa que eu vivo bem” (Suelen). Esta fala da participante também é representada em uma de suas fotos (Figura 23). Quando a pesquisadora questiona sobre o que dificulta seu trabalho, ela mostra a foto de grandes tufos de cabelo, que ela guardou da época em que entrou em uma crise alucinatória e delirante, quando seu cabelo desenvolveu mofo. Segundo dona Suelen, depois que cortou o cabelo e começou a ir à Geração, seu quadro clínico mudou e ela restabeleceu sua saúde. Alguns colegas de dona Suelen acharam a foto desagradável e aparentemente parece algo forte de se olhar, mas para a trabalhadora a foto simboliza o seu desenvolvimento, sua recuperação, não são apenas cabelos, pois eles foram ressignificados através de sua imaginação criativa, representando mudança de vida. A atividade criativa não só modifica aspectos externos, produtos, mas também dá novo sentido a aspectos subjetivos, atuando sobre as emoções das pessoas, como ocorreu com dona Suelen (VIGOTSKI, 1930/2009). Dona Suelen mostrou em seu diálogo sobre a foto que o trabalho ajudou em sua recuperação, que a doença dificulta seu trabalho, mas, por outro lado, o trabalho promove saúde.

Figura 23 – O que dificulta o trabalho - Foto Suelen



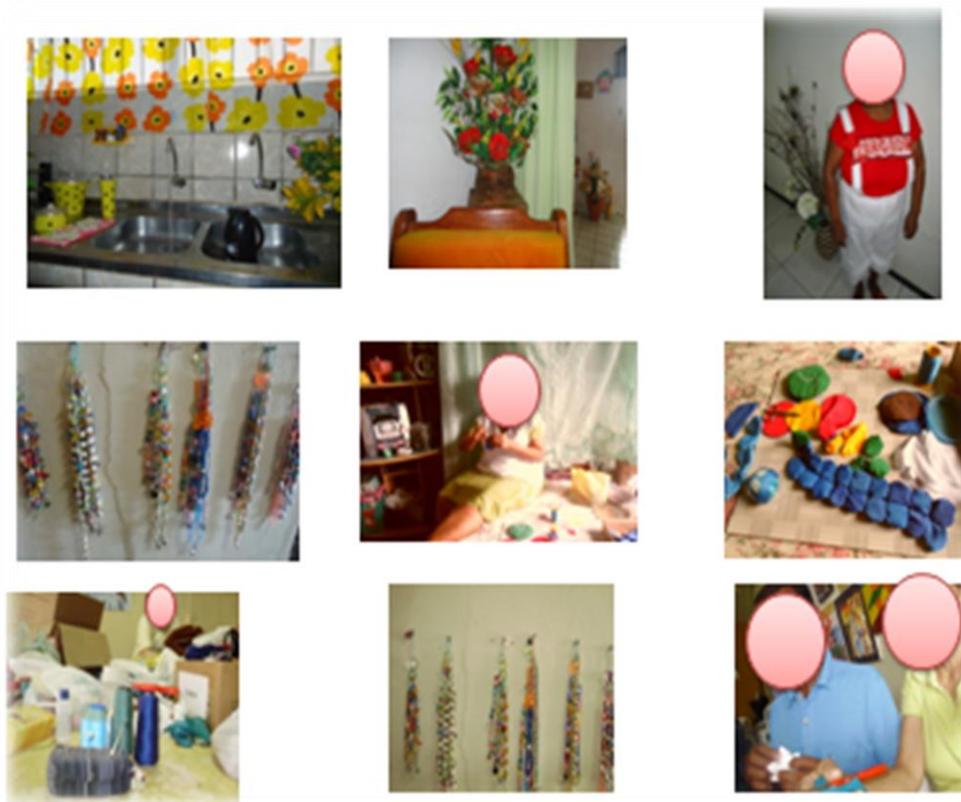
Após a apresentação das fotos de dona Suelen, foi solicitado ao grupo que formassem três trios para que pudessem escolher as fotos que iriam para o mural. A ideia era que os trios escolhessem três fotos de cada participante para apresentar ao grande grupo (os nove participantes) para que eles se posicionassem se as fotos deveriam ou não ir para o mural. O total de nove fotos por trio deveria representar todo o grupo e a Geração de Renda.

Após a explicação, os trios se formaram por proximidade das disposições das cadeiras onde os participantes estavam sentados. Foi possível observar que os trios apresentaram características diferentes em sua formação: o trio formado por seu Wagner, Wanda e seu José foram mais rápidos na escolha. Cada um, basicamente, escolheu suas fotos e comunicou aos outros, que concordaram. Dona Carla, Zípora e Eliene discutiram cada foto selecionada e as fotos que não deveriam ir para o mural. Érica, Suelen e Luciana discutiram entre si e com os outros subgrupos também. Isto mostra uma variedade no trabalho da Geração, onde há participantes mais independentes, em que suas decisões são comunicadas buscando apenas aprovação, e outros trabalhadores em que o compartilhamento de suas escolhas é importante.

O subgrupo de dona Carla, que pareceu liderar o grupo, na escolha das fotos, discutia a todo o momento. Pôde-se escutar, durante a discussão do trio, frases como: esta foto tem mais material, escolhe esta que está mais bonita. Foi incentivado a todo o momento o engajamento entre os membros dos trios mais independentes, onde cada participante tinha escolhido suas próprias fotos sem muita interação com os colegas.

Após as discussões sobre as fotos nos subgrupos, os trios começaram a apresentar suas escolhas ao grande grupo. Na decisão sobre quais fotos iriam ao mural, o trio 1 explicou que levou em consideração o melhor foco das fotos (Figura 24) em relação às outras não escolhidas, fotos que mostrassem o maior número de material em falta e a estrutura precária, como a falta de água, por exemplo. Também consideraram mostrar a particularidade de seus trabalhos para que os outros trabalhadores que não estavam na discussão pudessem visualizar as suas atividades. As fotos escolhidas pelo grupo podem ser apreciadas a seguir.

Figura 24 – Fotomontagem – Fotos do trio 1 (Carla, Eliene e Zípora) para o mural



O segundo trio a apresentar as fotos (Figura 25) que deveriam ir para o mural foi o trio formado por seu Wagner, Wanda e seu José. Eles, assim como o trio anterior, também ressaltaram a falta de materiais para realizar suas atividades como o aspecto de maior destaque (falta malha, papel, cola, entre outros materiais). Também apontaram como relevantes a exposição dos colegas de trabalho e dos produtos que eles mesmos fizeram. Nas fotos escolhidas, é possível compreender que há uma combinação entre atividades realizadas e atividades impedidas, estas representadas pela falta de instrumentos no trabalho, bem como há uma preocupação com o direcionamento da atividade aos outros trabalhadores que não fizeram a fotografia (CLOT, 2006a, 2007). Na escolha das fotos pelo trio, foi possível perceber a atuação da imaginação quando fazem projeções futuras sobre as reações dos demais participantes da Geração através dos elementos presentes nas fotos (atividades, falta de materiais e estrutura precária do Programa). Eles também buscaram representar as insatisfações dos colegas (VIGOTSKI, 1930/2009).

Figura 25 – Fotomontagem – Fotos do trio 2 (Wagner, Wanda, José) para o mural



O terceiro trio foi formado por Érica, Luciana e Suelen. Na escolha das fotos (Figura 26) para o mural, este subgrupo mostrou os aspectos que trouxeram dificuldades para o desenvolvimento de seus trabalhos, como a janela por onde o assaltante tentou entrar para levar os materiais e recursos da Geração. Ademais, através do processo imaginativo, dona Érica pôde não só recordar o dia em que foi usar o banheiro e encontrou a janela quebrada, como também imaginar de que forma o assaltante fez a tentativa frustrada do roubo pela janela e obteve êxito ao arrombar a grade de entrada (VIGOTSKI, 1930/2009). Érica também mostrou que estava direcionando a sua atividade de escolha das fotos aos outros trabalhadores e quem chegasse posteriormente na Geração.

Através da imaginação criativa, ela afirma ser importante colocar a janela no mural para que se possa ter uma prova da ação do ladrão. Então, ela fez a seguinte afirmação sobre a foto da janela: “achei melhor essa foto pra botar no mural, sabe? E aí se alguém que perguntar alguma coisa tem a prova que ele quebrou a janela todinha”. Além da questão do assalto, as trabalhadoras deste trio ressaltaram que suas escolhas também estavam direcionadas à falta de equipamentos, como computadores, e à necessidade de acesso à internet para acessar novas ideias de confecção de produtos. Mostraram também a importância de expor seus próprios

trabalhos e os dos colegas, dentre os quais o trabalho de uma das arte-educadoras que favorece a aprendizagem de suas atividades (CLOT, 2011; VIGOTSKI, 1930/2009).

Na reflexão sobre a foto das guirlandas, que está posicionada ao lado da imagem da janela na Figura 26, Érica, mais uma vez, mostra a atuação da atividade criativa no entendimento da foto.

Érica: Essas outras aqui é que eu achei bonito fazer, achei bom, acho bom (inaudível) mural, né? Achei melhor colocar esta foto no mural porque é melhor. Aqui ta nosso trabalho que a gente fez, achei muito bom de fazer, muito bom esses, esses. Isso, esse é um negócio de botar aqui em casa, pendurar em uma casa sabe? É igual essa daqui, essa daqui, mas não é igual a essa daqui, esta daqui é feito de pano (Guirlanda de tecido), essa é de coisa de tranceli¹⁴...

Wanda: Miçanga.

Érica: Miçanga. Essa daqui é igual a essa daqui, mas essa daqui é de pano, é feito as florzinhas, essa daqui já é já...

Luciana: Uma guirlanda.

Érica: Uma guirlanda, né Luciana? Pronto isso é uma guirlanda, isso é como se fosse duas guirlandas, mas não é uma guirlanda. Tem guirlanda de todo jeito, mas isso daqui né não. É feito de trancelin, né não?

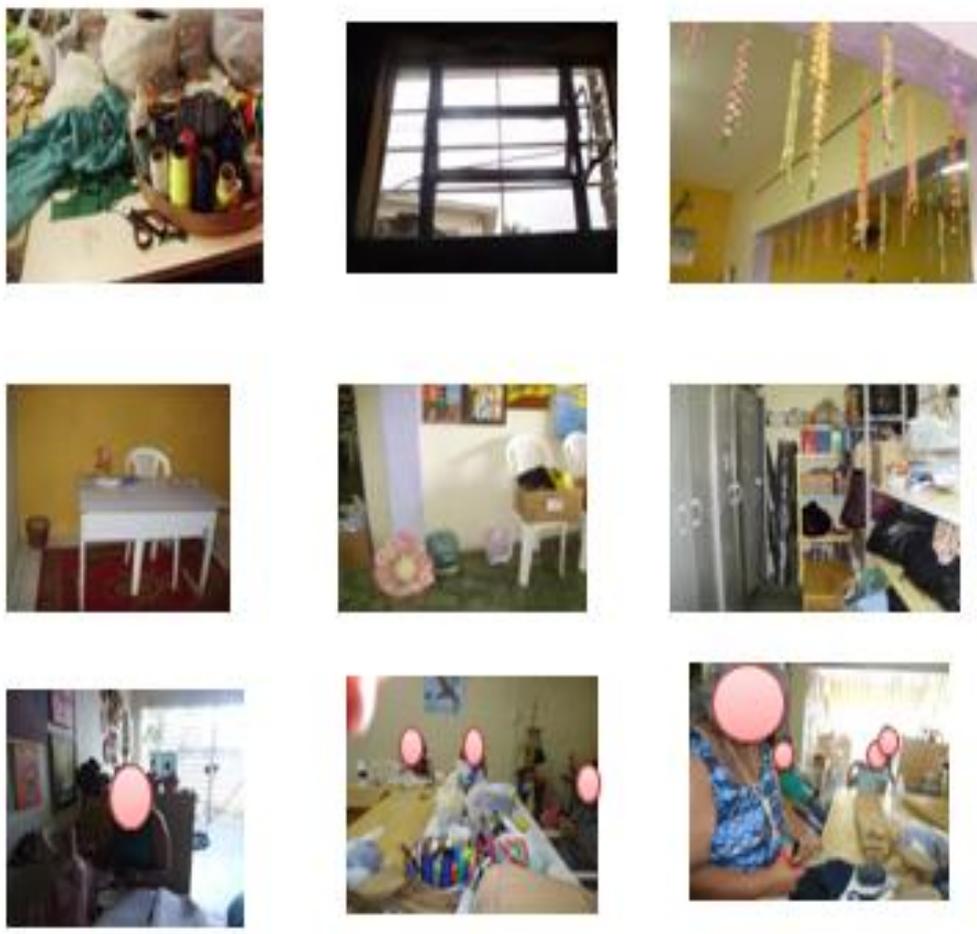
Luciana: Humm.

Érica: Né mesmo, igual a esse aqui, esse aqui é de plástico (sic.). Né? E é de pendurar na porta, assim, né? Essas guirlandas. Essa é igual a uma guirlanda, mas não é uma guirlanda é feito de (inaudível), é uma guirlandia, guirlanda. Achei bom de fazer.

Inicialmente, dona Érica tenta associar a guirlanda que é feita de miçanga a outra que usa tecido como material base. Depois, ela recorre a aspectos de sua memória para comparar a guirlanda a “trancelin”. Então, ela combina outros elementos na sua atividade criativa: os objetos pendurados em sua foto são de plástico, não são metálicos, não dá para ser uma corrente (“trancelin”) e, por fim, ela conclui: é uma guirlanda (VIGOTSKI, 1930/2009). Dona Érica ressignifica o próprio produto que havia confeccionado através da análise do seu trabalho. Essa tomada de consciência sobre a função do produto que confecciona é importante na medida em que são estes os objetos que são vendidos e geram recurso para a continuidade das atividades, mesmo que as vendas estejam ocorrendo com uma frequência menor devido às dificuldades da Geração.

¹⁴ Corrente de material metálico.

Figura 26 – Fotomontagem – Fotos do trio 3 (Érica, Luciana, Suelen) para o mural



Diante da decisão sobre quais fotos deveriam ir para o mural, Luciana, pertencente ao terceiro grupo, no início, apresentou dificuldade de escolher e seu Wagner ajudou tanto na sua escolha, como na de outros participantes que buscavam sua aprovação. Foi possível perceber também que os trabalhadores tendiam a buscar a opinião do grupo antes mesmo do momento da discussão entre os nove participantes sobre quais fotos deveriam ir para o mural. Disto, pode-se conceber uma das características do gênero profissional da Geração que é o compartilhamento de ideias, a busca pelo auxílio do outro, o fazer junto (CLOT, 2007).

As fotos escolhidas para o mural foram discutidas no grande grupo e apenas duas fotos foram contestadas: uma de dona Zípora (trio 1) e uma de Luciana (trio 3). Zípora escolheu uma foto em que mostrava seu trabalho, mas Érica apontou que seria mais interessante mostrar uma foto que representasse a falta de materiais. Já Luciana escolheu uma foto que mostrava o que gostava de realizar na Geração, mas seus colegas sugeriram que ela colasse no mural a foto em que aparecia sorridente e satisfeita representando o que significa trabalhar na

Geração. Em ambas as contestações, o grupo optou por respeitar a escolha de Luciana e Zípora.

As temáticas trazidas pelas fotos demonstram que o real da atividade se apresenta fortemente na atividade dos sujeitos. Frente às controvérsias relacionadas à presença e falta de material, eles mostram que as atividades impedidas estão no querer fazer deles, muitas vezes, até mais que a atividade realizada, como se vê nas constantes reflexões sobre as atividades que realizavam na época em que havia abundância de materiais (CLOT, 2010a, 2007, 2006a).

Nas fotos, é possível ver que a Geração de Renda passa a ser investida das controvérsias (CLOT, 2007, 2006a) relacionadas aos materiais que faltam e que, ao mesmo tempo, facilitam o trabalho. A questão do gerar renda quase não aparece. Surge de maneira muito tímida na fala de dona Suelen, que aponta a arte-educadora como aquela que busca recurso e que suas atividades promovem “rendamento”. Surge também na fala de dona Érica, que salienta que precisa de dinheiro para comprar novos materiais, mas o gerar renda em si não aparece na fala dos participantes. O preenchimento do mural fica repleto de coisas bonitas que gostam de fazer para ocupar a mente e materiais e equipamentos que faltam.

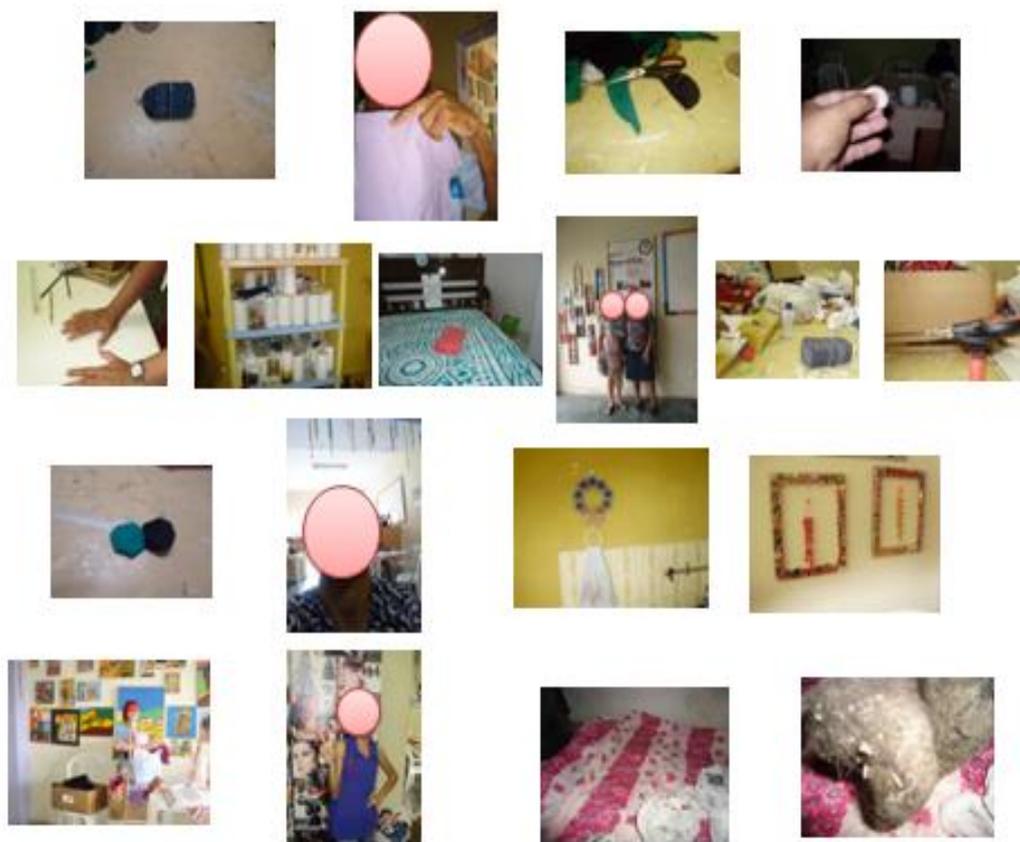
A Geração de Renda é significada pelos trabalhadores como o lugar da precariedade e com o que eles fizeram com o que restou e que devem trabalhar com o que tem para manter o Programa vivo. A atividade impedida aparece bastante em seus discursos e a análise do trabalho permitiu que ressuscitassem a necessidade de buscar novos meios de mudar a situação. Isto se configura na constante fala dos trabalhadores sobre a necessidade de conseguir mais recursos (CLOT, 2007, 2006a).

Sobre as fotos não utilizadas no mural e que são apresentadas a seguir, os principais motivos para não as utilizar foram os seguintes: as fotos que foram para o mural tinham um foco melhor; mais materiais em falta destacados que as fotos que foram excluídas. Os participantes também levaram em consideração a beleza das fotos e as que mais representavam seus trabalhos. Dona Carla, por exemplo, não quis colocar no mural a foto das arte-educadoras (Figura 27, quarta foto da segunda linha), pois ela deu preferência a imagens que mostrassem o trabalho feito na Geração pelo grupo de trabalhadores. Na análise do trabalho de dona Carla, percebe-se que ela ressignifica o trabalho na Geração de Renda, pois antes ela tinha colocado as arte-educadoras como participantes da atividade, mas na análise viu que o trabalho e a confecção de produtos deveriam ter mais destaque.

Wanda também preferiu focar mais nos aspectos do grupo que fossem mais abrangentes. Ela preferiu não colocar a foto da organização e nem de suas mãos (Figura 27, primeira e segunda fotos da segunda linha), pois a organização poderia ser resolvida entre eles

e as atividades que não consegue fazer por causa do tremor são mínimas em relação ao que consegue fazer. Nessa escolha de Wanda, percebe-se uma tentativa de destaque das atividades realizadas em relação às impedidas, mas que não é superado, já que nas fotos do mural ela acaba mostrando os materiais precários e a dificuldade de realização de alguns trabalhos (CLOT, 2007, 2006a).

Figura 27 – Fotomontagem – Oficina de fotos- Fotos que não foram para o mural



Após a discussão sobre as fotos, a pesquisadora explicou que os trabalhadores deveriam construir um mural e colar as fotos escolhidas. Foram disponibilizados vários materiais como, por exemplo, papel, cola, tesoura, pinceis, tinta, tecido. A pesquisadora pôde sentir uma alegria muito grande dos participantes por ter acesso ao material que ela levou para a confecção do mural. Zípora falou com surpresa que a pesquisadora tinha de tudo em sua sacola. As reações dos trabalhadores diante dos materiais disponíveis para realizar a atividade fizeram com que a pesquisadora pensasse na dificuldade que eles encontram no dia-a-dia sem material e como poderiam produzir com mais satisfação se tivessem acesso aos materiais necessários para fazerem seus produtos. Diante da diversidade de materiais disponíveis, os

participantes decidiram escolher cartolinas coloridas para fazer a montagem do mural e cada trio pegou uma delas. Foi explicado, então, que deveriam confeccionar um único painel e que, se utilizassem as cartolinas, deveriam uni-las no final para que houvesse apenas um trabalho exposto que representasse o grupo e a Geração. Inicialmente, seu Wagner sugeriu que primeiro colassem as fotos para ver se realmente haveria necessidade de três cartolinas, pois poderiam utilizar apenas duas, mas o grupo decidiu utilizar as três e cada trio colaria suas fotos em cada uma delas. Foi ressaltado pela pesquisadora que o mural era do grupo e que os trios foram organizados apenas para ajudar, inicialmente, a pensar as fotos e ela repetiu que o mural deveria ser único.

No andamento da produção do cartaz, pôde-se perceber mais um pouco do gênero do trabalho dos participantes, sendo o fazer junto algo muito marcante. Assim, o tempo todo eles compartilhavam os materiais e pediam para o colega pegar algo que necessitavam. Um trabalhador escrevia, outro cortava e o outro colava. A pesquisadora achou interessante visualizar as trocas que realizavam, o compartilhamento, a ajuda mútua. Estes aspectos também não impediram que ocorressem conflitos durante a atividade. Zípora, Eliene e Carla, por exemplo, discordaram sobre a disposição das fotos no cartaz, mas logo solucionaram a discussão entre elas, com a intervenção da pesquisadora. A todo o momento os trabalhadores pediam a opinião dos colegas e os mais experientes em colagem e organização iam ajudando na confecção do mural. Houve troca entre os participantes do início ao fim, sem que houvesse necessidade que a pesquisadora pedisse que comunicassem as decisões (CLOT, 2007). Nas falas abaixo é possível ver este compartilhamento.

Wagner: Continua seu José, aí seu José passa pra ela (passa para Suelen - sobre colagem das fotos no mural).

[...]

Érica: Pega um dona Suelen pra gente, esse amarelo, né? Amarelo, esse amarelo é melhor, esse daqui. Esse amarelo... (Érica pede para Suelen pegar uma cartolina para elas colarem suas fotos).

No momento de troca entre os participantes, novas ideias iam surgindo. Wanda, por exemplo, sugere colar em destaque o nome “Geração de Renda” no mural e recebe aprovação dos colegas. A pesquisadora sugeriu que dessem um nome para o cartaz que representasse o grupo, as fotos, a Geração e a primeira ideia veio de Eliene.

Eliene: Sabe como é o nome? Mulher criadora do negócio do SEBRAE, mulher criadora do SEBRAE (balança a cabeça e expõe com a mão), mulher

criadora do SEBRAE. O que a senhora acha dona Carla? Mulher empreendedora do SEBRAE, vai?

Na atividade criativa de Eliene, ao criar um novo nome que representa a Geração, percebe-se que ela se utiliza de aspectos de suas experiências em cursos anteriores no SEBRAE para dar forma à sua criação. Com o destaque conferido à figura da mulher, nota-se, neste aspecto, que não se parte do acaso para criar. Os elementos presentes na memória são ressignificados através da imaginação criativa e então dão forma ao novo. O grupo não escolheu o título sugerido por Eliene. Então Wanda sugeriu outro nome para o mural: Mentas Criativas. Todos do grupo concordaram menos Suelen e Érica, que apontaram ser melhor colocar “Mentas que Fazem”, assim como o nome do Programa. Os outros colegas discordaram e disseram que já havia este nome na Geração e que não precisava mais utilizar este termo, era melhor Mentas Criativas. Dona Érica, então, começou a dar sentido à palavra, Mentas Criativas porque [...] “a gente faz sozinha né? Criativa porque a gente faz sozinha né?”. Ela utiliza-se de sua experiência de confeccionar o artesanato de maneira independente para dar sentido ao título. Para ela, o título Mentas Criativas estava relacionado a algo que consegue fazer sozinha (VIGOTSKI, 1930/2009). Carla e Wanda também comentam sobre o título do mural:

Carla: Porque é a-a-a mente que-que faz, a mente da gente é que pensa, né?

Pesquisadora: Certo. E tu Wanda quando tu pensou nessa frase...?

Wanda: Porque cada um colabora com alguma coisa...

Nas falas de Wanda e Carla é possível identificar dois aspectos sobre o sentido dado ao nome que representa a Geração. A mente dos trabalhadores aparece como ativa no processo e há a colaboração de cada sujeito em prol do conjunto. A mente, que é um aspecto controverso para estes sujeitos, surge de diferentes formas no contexto. Ora ela ajuda, ora “causa transtorno”. Então, nas falas dos trabalhadores, a mente aparece das seguintes formas: mente, transtorno mental, mente que faz, mente que cria. Há um desdobramento da participação da mente, ou seja, da própria atividade dos sujeitos durante os diálogos com a pesquisadora, pois a mente no primeiro encontro estava muito voltada às questões do adoecimento e foi ganhando outros contornos nos encontros. Este redirecionamento pode ser entendido através de dois aspectos: por conta do tema da pesquisa sobre a criatividade, isto mobilizou uma reorganização do próprio nome da Geração de Mentas que Fazem para Mentas Criativas; e a própria conscientização da condição da Geração, que em um dos encontros faz

Zípora afirmar que eles são criativos porque fazem com o que têm, com o que restou depois dos assaltos (CLOT, 2007, 2006a).

Além de pensarem em um título para o mural, cada participante também foi ornamentando este material com produtos que confeccionam na Geração e até mesmo frases. O movimento começou a crescer, já que os trabalhadores caminhavam pela Geração em busca de produtos para colar no mural, de preferência na localização onde estavam dispostas as suas fotos. Usaram CDs ornamentados, bonecas feitas com linha de tricô (pompom) e outros produtos. Alguns ficaram preocupados com o peso e se o mural aguentaria, mas organizaram de uma forma que permitiu que não ficasse tão pesado. Cada um mostrou seu estilo, como Eliene, por exemplo, que sorria bastante ao escrever uma mensagem para colocar no mural. Ela dizia o tempo todo que era especialista em escritura e que sabia fazer letra de médico, referência à ideia socialmente construída que letra de médico é bem desenhada ou de difícil interpretação. Ela também escreveu a mensagem de dona Érica, que disse que não tinha uma letra muito bonita. Cada um se ajudava no que tinha mais habilidade e todos conseguiam fazer do mural um pedacinho seu da/na Geração.

Nas mensagens de Eliene e Érica, pôde-se ver a imaginação criativa atuando no planejamento de suas ações. Eliene trouxe na mensagem o desejo de buscar independência e se disse cansada de guerra na Geração. Afirmou que gostaria de sair do Programa para criar seu próprio negócio. Já na mensagem de dona Érica, havia a expressão de satisfação com a Geração, com o trabalho. Ela exaltava os trabalhos que aprendeu no ambiente, demonstrava o seu afeto no trabalho e era perceptível o quanto em sua atividade criativa as questões emocionais estavam presentes (CLOT, 2007; VIGOTSKI, 1930/2009).

Seu José também pediu para escrever uma frase para pôr no mural. Ele disse que era para colocar “Está faltando muito material”. Wanda escreveu a frase de seu José, mas Carla pediu para retirar a frase porque ocupava um espaço grande do mural, já que no lugar gostaria de pôr um CD. Ela sugeriu, então, escrever a frase em um papel menor e colar em outro lugar. Após a sugestão de Carla, Wanda reescreve a frase, mas o que era: “está faltando muito material”, se transforma em: “precisamos de material”. Ela transforma a frase inicial através da atuação do sentimento, ressignificando-a e inserindo-a dentro de suas necessidades: a Geração não só está com falta de material, os trabalhadores precisam de material.

O clima era bastante amistoso e tudo era combinado entre eles. Seu Wagner sempre mostrando seu estilo de liderança e organização, revelava cuidado com cada detalhe. Em geral, o que se via era que quem não sabia ler pedia auxílio a quem sabia. Quem não sabia escrever pedia àquele que o sabia e todos se ajudavam. Inicialmente, o trio formado por Carla,

Eliene e Zípora ainda queria mostrar certa independência na parte onde ficaram suas fotos no mural e até sugeriram criar um nome só para as três, mas depois a pesquisadora explicou novamente que as fotos representariam o grupo todo e elas se integraram. Antes da finalização do cartaz e ainda quando as três cartolinas não estavam unidas, Carla ficou meio pensativa e achou o cartaz feio. Ela ficou meio desanimada, mas quando os cartazes foram unidos em um único mural, ela foi a primeira a elogiar e dizer que estava muito bonito e ficou muito empolgada. O mural pode ser apreciado na foto (Figura 28) a seguir.

Figura 28 – Mural de Fotos “Mentes criativas” da Geração de Renda



Fonte: Elaborada pelos participantes.

Já no processo de finalização do mural, a pesquisadora questionou aos trabalhadores como eles viram o trabalho deles nas fotos e como se sentiram com os seus trabalhos representados. Eles afirmaram que acharam muito bonito e que se sentiram realizados. Seu Wagner achou muito bom, bonito e retomou o sentido da Geração de Renda como o de ocupar

a mente e a própria atividade da oficina como ocupando a mente deles. Ele também ressaltou a presença dos amigos e companheiros nas fotos como importante.

Quando a pesquisadora questionou sobre o que deveria ter aparecido no mural que não estava lá, prontamente Zípora respondeu: você (referindo-se à pesquisadora). A pesquisadora sentiu-se ainda mais participante na pesquisa, pois se acredita que fazer pesquisa intervenção é fazer em um ambiente de cooperação, onde o pesquisador é parte do processo, promovendo mudanças no ambiente desde o início. Seu Wagner completou que seria interessante, que “a professora” (referindo-se à pesquisadora), estivesse no mural para que pudessem mostrar às pessoas que circulam na Geração o trabalho que fizeram na Oficina de Fotos e quem os auxiliou na atividade. Diante do comentário de Wagner, a pesquisadora reforçou a ideia de ser pesquisadora e não professora, mas compreendeu que, na imaginação criativa de seu Wagner, ao incluí-la no grupo, ele tomou por base as referências que tem sobre quem normalmente lidera o grupo na Geração, a arte-educadora, a professora.

Todos concordaram que a pesquisadora deveria estar nas fotos do mural: ela foi inserida completamente no grupo. Além de reforçarem que a sua imagem deveria estar entre as fotos, também apontaram que sentiram falta, no mural, da mesa de lanches onde eles podem se alimentar com diversos pratos e podem conversar à vontade.

Na dinâmica da atividade pôde-se perceber os trabalhadores mais soltos que nos outros dias em que as atividades foram realizadas em círculo. Acredita-se que o fazer na mesa os aproximou mais dos seus afazeres do dia-a-dia. Conversas paralelas sobre o contexto sociocultural de cada um deles surgiram como, por exemplo, o deslocamento até a Geração realizado com o uso de transporte público. Conversas sobre antigos colegas que não veem e outras atividades que realizam no campo religioso também apareceram. No desenvolvimento da atividade, Wanda trouxe, ainda, um aspecto importante quando estava escrevendo a frase para colocar no mural. Ela recorre à sua memória e lembra que cursou o magistério, se formou e até ensinou em uma escola. Ela ressignifica sua experiência tanto do magistério, como da própria Geração. Ela aprendeu a escrever bem na escola e utiliza sua habilidade para fazer arte.

Já no final da atividade foi sugerido que escolhessem um local para pôr o mural. Todos começaram a observar o ambiente e escolheram o local que fica em frente à mesa de trabalho, onde são colocados normalmente os cartazes e por ter uma boa localização, para pôr o mural e deixá-lo em exposição durante as duas semanas sugeridas. A preocupação dos participantes era se o mural ficaria na Geração ou se a pesquisadora o levaria consigo. Então

ela os deixou cientes que o mural era deles e foi combinado o último encontro para as duas semanas posteriores.

4.3.5 O quinto encontro no subsolo: refletindo sobre o processo

No último encontro, os participantes puderam falar de suas experiências com a oficina de fotos. Neste dia, realizou-se o fechamento dos diálogos e pôde-se compreender o que ficou para todos de tudo que fora vivenciado durante a Oficina. Este momento aconteceu em volta da mesa retangular onde normalmente os trabalhadores fazem seus trabalhos, como fora no encontro anterior. O mural estava bem à frente da mesa onde iriam ocorrer as discussões do último encontro. Isto foi considerado muito bom pela pesquisadora, pois, ao retomar as discussões sobre as experiências relacionadas à Oficina, os trabalhadores podiam refletir também sobre as fotos que criaram.

Inicialmente, a pesquisadora retomou o questionamento sobre o porquê da escolha do título dado ao mural “Mentes Criativas”. E a “mente” que ao longo do percurso da pesquisa acompanhou os diálogos que foram tecidos, ganhou um contorno mais específico. O nome foi escolhido, segundo seu Wagner, porque estava adequado ao painel, ao mural de fotos e porque era um nome bonito. Wanda, que sugeriu o nome para o painel, disse que escolheu porque eles eram criativos, ou seja, o “mentes” seriam eles próprios que, dotados de criatividade, conseguiam combinar formas e cores em seus trabalhos.

Após essa retomada sobre o significado do título do painel, a pesquisadora passou a devolver as fotos que restaram aos trabalhadores para que ficassem de recordação. Já em relação às fotos que foram para o mural, a pesquisadora questionou como chegaram à decisão de quais fotos o iriam compor. Wanda disse que a preferência foi por fotos que mostravam o dia-a-dia deles no trabalho. Dona Suelen apontou que nem todas as fotos estavam adequadas para compor o mural, pois estavam descontextualizadas, não estavam com um foco bom e, então, Suelen traz um novo sentido para o mural de fotos: “É, geração e desenvolvimento, desenvolvimento na Geração e com as fotos num tava bom, num tava criado, num tava muito inspirada...”. Ela associa a Geração à questão do desenvolvimento, provavelmente fazendo uma alusão às novas perspectivas que estavam tendo a partir das discussões sobre as fotografias. Dona Suelen surpreendeu a pesquisadora no último dia, pois nos primeiros encontros estava sempre muito calada e era solicitada a participar, mas neste encontro ela se posicionava bastante com comentários significativos.

As fotos escolhidas por dona Carla objetivaram, segundo ela, mostrar o que estava faltando na Geração. Assim, quando outras pessoas circulassem por lá, poderiam ver suas necessidades e até mesmo ajudar o Programa, permitindo que suas atividades pudessem ser desenvolvidas com mais eficiência. Na posição de dona Carla, pode-se ver que a atuação da imaginação criativa possibilitou que ela formulasse novos objetivos para sua atividade. Ao sentir-se inadaptada em um ambiente sem materiais para trabalhar, ela direciona sua atividade aos outros trabalhadores e/ou visitantes que circulariam na Geração, projetando, então, que alguém pode visualizar as fotos e cooperar para que a situação seja amenizada ou resolvida (CLOT, 2007; VIGOTSKI, 1930/2009).

Nas falas dos trabalhadores, a realização do mural permitiu que mostrassem a realidade da Geração, ao mesmo tempo em que permitiu que eles se expressassem livremente, mostrando não só suas reivindicações, mas o próprio grupo do Programa. Luciana deixou claro que a sua escolha das fotos buscou representar o grupo, muito mais que seu estilo profissional. Carla asseverou que, mesmo eles construindo as fotos individualmente, parecia que eles estavam em sintonia, pois eles falaram uma mesma língua, mostraram as mesmas necessidades (CLOT, 2011, 2007).

Carla: Achei ótimo, porque todo mundo... Eu acho assim todo mundo pintou de uma de uma a mesma coisa, feito uma coisa só. Eu fiquei até assim, parece que foi combinado todo mundo ficou só, fixado naquilo que tava faltando aqui (fala impressionada).

A fala de dona Carla mostra como a história do ofício circula entre os trabalhadores, possibilitando que eles pensem de modo semelhante, pois a dimensão transpessoal do ofício permitiu que os trabalhadores percebessem as mesmas necessidades do ambiente e as significasse através das fotos (CLOT, 2011, 2007). A atuação do sentimento no desenvolvimento da atividade de análise do trabalho também se fez presente. A tristeza frente à condição da Geração, por exemplo, favoreceu a escolha da temática das fotos: o que falta aparece mais do que o que tem.

Por terem suas necessidades ouvidas, os trabalhadores afirmaram que a participação na pesquisa foi uma experiência satisfatória e, além disso, puderam cooperar com o trabalho de investigação da pesquisadora. Eles apontaram que puderam falar sobre as suas dificuldades, como também puderam experienciar algo diferente que, segundo Wanda, parece até que os anima. Luciana trouxe novamente a questão do sono como algo que a deixou impaciente em alguns encontros. A questão do medicamento como uma controvérsia que auxilia a atividade

do sujeito, mas que, por outro lado, pode trazer desconforto devido aos seus efeitos colaterais, já foi esboçado neste trabalho. Nessa situação, além de Luciana, Eliene também manifestou o sono como algo desagradável durante o último encontro.

Quando a pesquisadora questionou sobre como as atividades realizadas na oficina os ajudaram a pensar sobre os seus trabalhos, percebeu fortemente a presença do gênero profissional.

Pesquisadora: E vocês de que forma as atividades que a gente fez deu pra vocês pensar sobre o trabalho de vocês, sobre as atividades, sobre as coisas que vocês fazem aqui.

Suelen: Eu acho que um é um criamento de desenvolver novas técnicas pra trabalhar, no-vois meios pra aqui.

Pesquisadora: A senhora acha que com essa, tirando as fotos deu pra vocês pensarem novas coisas (Suelen balança a cabeça afirmativamente).

Wanda: E teve o joguinho de dado também, teve o joguinho de dado e tudo aquilo que você falou faz parte do trabalho da gente aqui.

Pesquisadora: E como é que ajudou a pensar novas coisas? Vocês acham que deu pra pensar novas, novas coisas, depois que vocês fizeram as atividades?

Wanda: Porque um fala uma coisa a gente completa, aí tu fala uma coisa aí outra pessoa completa, aí vai completando o outro.

Pesquisadora: Vai completando em que sentido que tu fala?

Wanda: No sentido mesmo (inaudível).

Wagner: Ela tá falando no sentido, no todo, cada um falava combinava quer dizer que ninguém fala ao contrário. O que a gente falava o grupo combinava. Né?

Wanda: É.

Wagner: Aí Houve, houve uma combinação. Todos nós combinamos. Tudo, tudo numa coisa só. Ninguém fugia do padrão. Ficasse assim dá não, vamos fazer assim. O que a gente dizia, os outro concordava (sic). Ela quer dizer isso, né?

Wanda: É.

[...]

Pesquisadora: [...] Sim, mas eu tô falando assim, que que vocês começaram a pensar de diferente depois dessas atividades? Que é que mudou?

Suelen: Acho que ampliou muito... desenvolvimento de foto, trouxe pra gente capacidade de querer e expor, expor meu trabalho.

No diálogo entre a pesquisadora e os trabalhadores, foi possível perceber que Wanda aponta que as discussões proporcionaram a reflexão à medida que havia uma troca entre os participantes, onde cada um com seu estilo dava o acabamento à fala do outro, possibilitando a ampliação do diálogo e das reflexões sobre suas atividades (CLOT, 2011). Zípora considerou que as discussões fizeram com que pensassem que frente à possibilidade de terem novos equipamentos, novos trabalhos poderiam surgir.

Ainda respondendo sobre o que eles pensaram sobre as atividades realizadas durante a Oficina, seu Wagner afirmou que não pensava que ficaria tão bonito, que daria certo, mas ficou tudo muito bom. Carla traz em sua fala a desmistificação do lugar do transtorno mental através da análise do trabalho.

Carla: Eu mesma penso assim que a gente... Mesmo assim a gente... É capaz de fazer um negócio...

Wagner: Trabalho.

Carla: Trabalho desse (olha para o painel e aponta com o rosto satisfeita), muita gente assim com problema, aperreado, mas fomos capaz de fazer um trabalho desse.

Pesquisadora: A senhora fala desse trabalho? (mural) ou do trabalho como um todo?

Carla: Do trabalho como um todo.

Pesquisadora: Do trabalho daqui, as discussões que a gente fez, a senhora acha que este trabalho fez a senhora refletir, pensar que vocês conseguem fazer novos trabalhos.

Carla: É.

Pesquisadora: Mesmo com toda a questão de transtorno.

Carla: É.

Pesquisadora: Vocês conseguem.

Carla: É.

Inicialmente, é possível visualizar que há a atuação dos sentimentos sobre a atividade criativa de dona Carla. Ela fica maravilhada, paralisada, fala compassadamente. Provavelmente ela deve ter se lembrado da época de hospitalização, de discriminação por ser uma pessoa com transtorno mental. Então, ela traz em sua imaginação criativa possivelmente essas experiências somadas às questões sócio-históricas e culturais que estão arraigadas nas pessoas: como alguém com transtorno pode criar? Pode desenvolver algo? Há um período de inadaptação em dona Carla que inicialmente questiona o que seria improvável: “eu mesma penso assim que a gente... mesmo assim a gente... [...]”. Ela então se dá conta, através do diálogo sobre o trabalho, de que é possível sim não só fazer o mural, mas é possível trabalhar, criar, independente do transtorno mental e que pode se inscrever em uma história, em um contexto de trabalho (CLOT, 2007, 2006a; VIGOTSKI, 1930/2009).

Wanda reforçou que a análise do trabalho permitiu que vissem a necessidade dos materiais e Carla salientou que as discussões até cooperaram para que desenvolvessem outro tipo de atividade na Geração: a dança da fita que será inclusive apresentada fora do Programa.

Sobre a exposição do mural no ambiente de trabalho, os participantes falaram que os colegas o admiraram muito e ficavam curiosos durante o tempo em que a Oficina foi realizada, querendo saber o que a pesquisadora e os trabalhadores faziam durante as sextas-

feiras. A exposição os ajudou a entender o trabalho realizado, ao mesmo tempo em que se sentiram representados no conjunto de fotos expostas. Wanda, então, traz algo muito interessante em sua fala:

Wanda: E o pensamento de quem não tá aqui faz parte do pensamento da gente, né? Falta de material, eles compartilham né? É, das coisas que a gente fala.

Pesquisadora: Então vocês acham que este mural representou o pessoal que não tava aqui?

Wanda: É.

Na fala de Wanda é possível identificar a dimensão transpessoal do ofício. A história que atravessa os fazeres desses trabalhadores e não só dos nove participantes, mas de todos que fazem parte do Programa, de forma que, ao falarem sobre o trabalho na Geração, também estão falando do trabalho dos outros. A história que circula o trabalho, o gênero do ofício (CLOT, 2011). Os participantes da pesquisa puderam então mostrar aos colegas a falta de material, o trabalho em grupo não só para os colegas, mas para todos da comunidade que circulam por lá.

A pesquisadora também questionou aos trabalhadores sobre o que eles achavam que podia mudar após as conversas na Oficina e grande parte afirmou que gostaria que chegasse material para poder trabalhar. A nova casa para onde se mudariam também trazia esperança de dias melhores. Dona Suelen afirmou que pensava que haveria o desenvolvimento de novas práticas e novos assuntos.

Através das discussões, os trabalhadores disseram que começaram a ver o que faltava na Geração como uma TV, computador, internet, fogão, geladeira (para armazenar alimentação do almoço, dos lanches). Luciana afirmou que já tinha pensado na dificuldade da Geração, mas ao falar pôde implicar subjetivamente os outros participantes e até os trabalhadores em geral. Dona Carla então salientou que a situação iria melhorar e iria começar na mudança de endereço para uma casa com água encanada.

Sobre o uso de fotografias e a atividade de fotografar, a pesquisadora questionou aos participantes como foi a experiência. Seu Wagner disse que não imaginava que iriam fotografar, mesmo a pesquisadora tendo comunicado desde a apresentação da pesquisa, pois disse que pensava que era só conversa. Ele achou que assim ficou mais bonito, mais padronizado. Luciana disse que achou que conseguiu mostrar tudo que queria desde a falta de materiais à alegria no trabalho e afirmou que estava um pouco triste por seu aniversário ser na

outra semana e o grupo precisar se desfazer antes desse acontecimento, uma vez que ela achava que estaria no meio das colegas.

Sobre a escolha das fotos, Carla disse que quando saiu da Geração com a câmera logo pensou o que gostaria de fotografar e conseguiu realizar as fotos em sua casa, inclusive deu preferência em fazer em sua residência porque suas fotos ficariam diferentes da maioria que realizou as fotografias na Geração. Ela queria deixar sua marca, seu estilo, mesmo representando o gênero do trabalho. Luciana lembrou que teve dificuldade para fazer as fotografias logo no início, mas depois que foi até o escritório isso mudou, como se pode perceber no discurso que segue.

Luciana: Eu fiquei extremamente preocupada porque eu não tava com ideia nenhuma como é que eu ia tirar as fotos. Aí eu cheguei aqui até meio agoniada ainda né Zí (Zípora)? No dia das fotos, Nossa Senhora, eu não tava com ideia nenhuma aí depois olhando os quadros lá dentro, mas lá dentro tudo muito antigo, né? Aí vim pra cá pra fora observei os trabalhoda-da peça, que a gente ia pra apresentação na terça. Aí foi, foi fluindo. Aí foi que saiu, aí não tem nem o que dizer mais, foi que eu consegui tirar uma foto mais alegrinha.

Pesquisadora: É, eu lembro.

Luciana: Aí foi nesse momento que eu consegui tirar uma foto mais alegrinha porque eu consegui concluir uma coisa que eu queria, e eu pensei que eu achei bom porque a foto foi o motivo de eu ter ficado mais alegre de eu conseguir concluir as fotos, mas foi bom.

Pesquisadora: E tirou a foto bem leve, num foi?

Luciana: É-é aí deu pra tirar as fotos com mais leveza.

Na fala de Luciana pode-se ver que, inicialmente, na análise de seu trabalho, ela entra num processo de inadaptação quando coloca o trabalho em manutenção. Pode-se pensar que frente a uma grande quantidade de atividades impedidas, Luciana teve dificuldade de mostrar como colabora na Geração e o que significa trabalhar nessa instituição. Então, ela se depara com alguns quadros antigos e através do mecanismo da percepção, ressignifica sua experiência. Havia nos quadros uma cena de trabalho, mas eles faziam parte do passado, era preciso que recorresse a este passado para poder ressignificar seu presente como trabalhadora da Geração em prol de posteriormente mostrar ao grupo como colaborava na Geração e o que significava trabalhar no Programa. Ela, então, utilizou a experiência do teatro para criar a foto. Pode-se ver, ainda, a atuação dos sentimentos no desenvolvimento de sua atividade, tanto no início, quando estava preocupada, como quando a conclui e fica feliz. Os sentimentos estão presentes em toda representação criadora, como se visualiza na atividade criativa de Luciana, que a mobiliza a buscar elementos para constituir sua foto e, também, a ajuda a ter a

ideia de pedir para que a fotografassem sorridente. Os aspectos emocionais transformam e desenvolvem os conflitos de Luciana possibilitando que ela desenvolva a atividade (CLOT, 2010a; OSORIO; BARROS; LOUZADA, 2011; VIGOTSKI, 1930/2009).

Wanda lembra também quando fotografou para o mural. Ela organizou tudo antes mesmo que a pesquisadora chegasse. Quando a pesquisadora chegou, ela só fez fotografar o que já havia planejado e buscou responder às perguntas propostas, envolvendo na atividade seu objetivo ao fotografar, os procedimentos para chegar até este objetivo e a motivação para a atividade, conferindo um sentido para sua ação (CLOT, 2007).

Dona Suelen também relembrou as suas fotografias. Ela focou na foto do seu cabelo, mas salientou que a foto não serviu para representar a Geração, pois aquilo mostrava sua depressão e não o Programa em si. Zípora apontou que realmente a foto não deveria ser usada e deixou no ar uma crítica à colega. Luciana interveio e ressignificou a foto de dona Suelen, dizendo que a foto era algo que estava mostrando um momento de vida desta em que ela não estava bem, mas que ela entendeu que a experiência era dela e não usou a foto no mural. Suelen reforçou que realmente fotografar o cabelo foi importante para ela, mas que não caberia para representar a Geração. A foto do cabelo de dona Suelen se mostrou como um organizador subjetivo. Na atividade, o pensar sobre o seu fazer transformou os seus conflitos, não só a ajudando em relação a questões objetivas do trabalho, mas também agiu sobre seus sentimentos, abrindo o entendimento para outras ações possíveis como, por exemplo, que poderia dar ênfase para trabalhos que consegue fazer atualmente ao invés de focar na depressão (CLOT, 2007; VIGOTSKI, 1930/2009).

A controvérsia entre os colegas sobre a pertinência ou não da foto de dona Suelen gerou um debate em que Luciana defendia respeitar a fotografia e o momento da colega, a experiência que ela passou, sabendo que ela conseguiu significar aquela experiência. Por outro lado, Zípora afirmava que não tinha achado adequada a foto. As discussões favoreceram o debate e os colegas puderam compreender que foi importante para Suelen mostrar o seu estado depressivo e como se desenvolveu através do trabalho. Com isso, até mesmo Zípora deu um novo sentido à atividade dizendo que realmente as fotografias não deveriam mostrar só o artesanato, mas outras coisas que envolviam o trabalho (CLOT, 2010b; OSORIO; BARROS; LOUZADA, 2011; SILVA; SILVA; TULESKI, 2012; VIGOTSKI, 1930/2009).

A pesquisadora questionou se as discussões da Oficina ajudaram os trabalhadores a formularem as concepções esboçadas acima. Os participantes novamente salientaram a importância da realização da coanálise, pois a atividade os ajudou a repensar seus trabalhos na medida em que eles começaram a procurar respostas para os questionamentos sobre os seus

fazerem, ou seja, colocaram o trabalho em manutenção e se tornaram protagonistas de suas ações (CLOT, 2010b).

Os participantes também falaram sobre o que gostaram na atividade. Seu José falou que gostou de fotografar a flor que estava muito bonita. Dona Zípora ficou encantada com o trabalho, salientando que ficou bonito e que gostou muito da atividade. Seu Wagner chamou a atenção para os enfeites que tornaram o trabalho mais belo, que só as fotos não dariam tanta beleza. A possibilidade de expressão também foi reforçada como aspecto positivo por seu Wagner, ele apontou que eles puderam falar sobre seus trabalhos de maneira livre, sem serem pressionados.

A análise do trabalho também permitiu que eles pudessem ressignificar a própria Geração de Renda no momento em que estavam refletindo sobre o mural. Carla questionou o porquê de o nome Geração de Renda ganhar destaque logo acima do mural, pois para ela o título Mentas Criativas que estava embaixo deveria estar logo acima. Pode-se compreender que esta troca que dona Carla gostaria de fazer, depois de todas as reflexões na coanálise do trabalho, envolvia um pensamento que considerava que o ambiente realmente pediria um título com mais criatividade, pediria mais “as mentas criativas”, como Zípora falou em um dos encontros, com a ideia do fazer com o que tem diante da precariedade. Os colegas de Carla concordaram com ela sobre a ideia de que o título “Mentas Criativas” deveria ter recebido mais destaque (CLOT, 2010a, 2006a).

Ainda no fechamento da atividade, pôde-se observar a atividade criativa dos trabalhadores sobre o próprio processo de pesquisa e isto foi considerado interessante pela pesquisadora. Ao dar voz aos participantes, ao fazer junto, a pesquisadora pôde escutá-los falar sobre os seus “fantasmas” e isto só foi possível através da abertura aos seus diálogos interiores, proporcionado por um ambiente de parceria, o que uma pesquisa extremamente controlada não permitiria. Dona Carla então esboça o porquê se sentiu impaciente no começo da pesquisa. Ela afirma que achava que os vídeos seriam usados para fins acadêmicos e seriam mostrados a um grande quantitativo de pessoas, quando a pesquisadora mostraria “os doidinhos”. Na imaginação criativa de dona Carla, a pesquisadora estava estudando psiquiatria e iria analisar o comportamento deles com suas colegas da faculdade, pois estava buscando informações sobre seus adoecimentos e como chegaram à Geração. Na imaginação criativa de Carla, pode-se perceber também um elemento histórico relacionado ao próprio ensino da Psicologia e da Psiquiatria que tem entre suas atividades a escuta dos sujeitos com transtorno mental.

A pesquisadora compreende o movimento da atividade criativa de dona Carla, pois passou dois anos atuando em um hospital psiquiátrico do Estado de Pernambuco, sendo um ano como aluna da graduação de Psicologia e um ano como monitora das disciplinas de Psiquiatria e Psicopatologia. Naquela época, os estudantes se deslocavam até o hospital para traçar um possível diagnóstico dos pacientes e entender a dinâmica de sua doença. O paciente era levado a uma sala no primeiro andar ou entrevistado no pátio do hospital por duplas, trios ou grupos. Possivelmente, dona Carla que, no primeiro encontro, falou sobre seu histórico de hospitalização, deve ter passado por uma experiência semelhante. Os aspectos sócio-históricos e culturais presentes na noção de transtorno mental, doido, louco associados à possível experiência de dona Carla em hospital psiquiátrico a fizeram imaginar que a pesquisadora também agiria assim.

Entretanto, ainda no primeiro encontro, entre a vontade de desistir de participar da pesquisa e o desejo de ver como terminaria tudo, dona Carla ressignificou a experiência, escutou a explicação que a pesquisadora deu no segundo encontro, esclarecendo as dúvidas, mesmo sem ela ter mencionado sobre esta questão, e resolveu participar até o final.

Zípora também achou que a pesquisa poderia ter tido o objetivo de expô-los através das filmagens, mas também desmistificou esta ideia ainda no primeiro encontro. A fala de dona Carla reforça a questão da atuação da fantasia sobre a emoção. Ela começou a imaginar a situação já citada e começou a ficar impaciente, zangada e quase desistiu de participar da pesquisa, só continuando por sua curiosidade e através das explicações dadas a cada encontro. Dona Carla, então, pediu desculpa por ter julgado mal a pesquisa e disse que foi muito bom ter mudado de pensamento e se disse feliz em participar dos encontros.

Seu Wagner e dona Suelen, em contrapartida, pensaram que seriam desenvolvidas outras atividades de trabalho. Seu Wagner pensava que seriam realizadas viagens para que eles apresentassem seus trabalhos. Dona Suelen achava que haveria trabalhos com técnicas de pintura. Suas experiências cotidianas e desejos conduziram suas imaginações sobre o processo. Seu Wagner desde o primeiro encontro havia revelado seu apreço por viagens. Dona Suelen mostrou em sua fala o desejo de aprender a pintar (VIGOTSKI, 1930/2009).

Os últimos diálogos entre a pesquisadora e os participantes deram lugar à aprovação da experiência por parte dos trabalhadores. Eles sentiram seus trabalhos reconhecidos através da exposição e do diálogo. Também reforçaram que gostaram de cada atividade e relembrou a dinâmica dos dados. O apreço pelo trabalho fez com que dona Carla se preocupasse com a conservação do mural que foi feito com cartolina, mas que deveria receber algum tipo de tratamento para ser conservado. Seu Wagner reforçou a ideia de o manter

exposto e levar para a outra casa onde a Geração ficaria. Seu Wagner e outros participantes questionaram se a pesquisadora ainda voltaria à Geração e quando apresentaria o trabalho a eles. A pesquisadora afirmou que lhes mostraria os resultados assim que apresentasse o trabalho na faculdade. O clima era bastante amistoso, então a pesquisadora solicitou que escolhessem uma única foto que (cada um) eles tivessem gostado mais. Dona Érica havia faltado neste dia, então abaixo aparecem as oito fotos dos participantes presentes.

Figura 29 – As fotos que os trabalhadores mais gostaram



A primeira foto foi escolhida por Dona Zípora porque nela apresenta seu trabalho juntamente com seu colega. A foto de Wanda representa os materiais da Geração. Ela justificou que achou a foto bonita, mas a sua escolha também pode ter ocorrido por ainda ter algum material na fotografia. Eliene escolheu a foto que representa o seu trabalho com fuxico, onde ela pode entreter a mente, ocupar seu tempo. Seu Wagner gostou da foto onde está a arte-educadora e seus colegas de trabalho. Isto se coaduna com sua fala recorrente sobre união e pensamento em conjunto. Carla gostou das suas flores que ganhou em seu aniversário e que foram feitas na própria Geração por ela e pelos colegas. Dona Suelen foi a única que ainda se aproximou de falar sobre o gerar renda na sua foto, pois disse que escolheu a foto da arte-

educadora porque ela estava se esforçando para trazer material para eles trabalharem. Seu coro sobre material foi reforçado por seu José, bem como por Luciana, que destacou em sua foto justamente a necessidade de se ter materiais e equipamentos para desenvolver um bom trabalho.

A coanálise foi finalizada com a reflexão sobre o fazer dos trabalhadores, onde o trabalho foi colocado em debate. O próprio processo da Oficina também entrou em debate. A pesquisadora elogiou a cooperação de todos, a solicitude, a dedicação e também recebeu agradecimentos relacionados ao respeito pelas falas dos trabalhadores, por suas independências. A Oficina foi concluída com muitos aplausos que não se dirigiram à pesquisadora, mas para todos que buscaram a implicação subjetiva no fazer, não só no fazer do grupo Mentis Criativas, mas também no fazer pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA ALÉM DO SUBSOLO

Este trabalho dissertativo se iniciou com questões relacionadas ao processo criativo e ao trabalho. A pesquisadora desafiou-se a compreender estes aspectos com um público em que o direito de trabalhar, muitas vezes, foi renegado. Historicamente, foi construída a noção de que o sujeito com transtorno mental era incapaz, improdutivo e isto ficou arraigado no corpo social e se propaga, muitas vezes, nos dias atuais. No Brasil, uma abertura para o entendimento sobre as potencialidades do sujeito só veio a ganhar forma de maneira mais contundente através dos aparatos legais a partir de 2001, quando a Lei da Reforma Psiquiátrica foi aprovada, o que permitiu olhar para o sujeito com transtorno para além da discriminação prescrita historicamente, conferindo protagonismo e autoria aos seus próprios modos de viver (FOUCAULT, 1972; DEVERA; COSTA-ROSA, 2007).

Chegado ao final desta dissertação, busca-se, então, refletir sobre as perguntas e inquietações que levaram a pesquisadora a realizar este estudo, mas, primeiramente, é preciso salientar que se parte do entendimento de que existe criatividade no fazer dos sujeitos com transtorno mental. E, indo além da prescrição do preconceito, considera-se que os sujeitos com transtorno mental são produtivos. A partir dessas reflexões, buscou-se responder aos objetivos específicos formulados, que visavam: (a) analisar a atividade criativa de sujeitos com transtorno mental no contexto de trabalho; (b) investigar quais são os aspectos sócio-históricos e culturais que estão presentes na atividade de criação do sujeito; e (c) identificar as controvérsias nas discussões sobre o trabalho que permitem a emergência de novos sentidos à atividade.

Ao formular o objetivo de analisar a atividade criativa dos sujeitos em seu contexto de trabalho, partiu-se de uma perspectiva qualitativa na abordagem do fenômeno investigado, considerando a pesquisadora como parte do processo de pesquisa. Baseou-se em um viés voltado à ideia da psicologia sócio-histórica, onde se levou em consideração o entendimento sobre a gênese da ação, sobre o processo e sobre a explicação do fenômeno investigado (FLICK, 2009; VIGOTSKI, 2007).

Na análise da atividade criativa enquanto processo psicológico, foi observado que, na atividade dos sujeitos, os aspectos inadaptativos, bem como as controvérsias, favoreciam a emergência de novos modos de fazer do sujeito. As controvérsias geravam inaptações e estas também geravam contradições em um processo cíclico que permitiu que o sujeito traçasse novos modos de fazer o trabalho e, por que não, suas próprias vidas.

Nesse refazer contínuo, como aponta Vigotski (1930/2009), a necessidade de adaptação do ser humano permite a criação. São seus anseios e desejos que permitem que se projete para o futuro, que dê início à atividade imaginativa. No subsolo da Geração, pôde-se perceber que as inadaptações não são processos estáticos, mas dinâmicos e contínuos. Eles não se circunscrevem em um momento e passam, mas eles podem mobilizar nos sujeitos reações mais duradouras que os fazem criar e recriar formas de ação até que a adaptação se torne temporariamente efetiva. Esta característica do processo criativo foi percebida nas falas dos trabalhadores-participantes da pesquisa. A primeira inadaptação observada em suas falas foi originada antes mesmo da entrada da pesquisadora no campo de pesquisa. Trata-se do assalto sofrido pelo Programa que reconfigurou a relação entre os trabalhadores e o ambiente, modificando-a e fazendo-os elaborar e reelaborar novos modos de fazer a Geração de Renda. Este evento mobilizou os sujeitos pela questão: como trabalhar sem recursos?

Foi possível perceber na fala dos trabalhadores e na coanálise do trabalho que as inquietações relacionadas às suas necessidades tomaram vivacidade ao analisar o ofício. Eles olharam para suas próprias atividades, não de maneira prescritiva, mas criativa, chegando à seguinte questão: o que fazer para superar as dificuldades? No contexto de falta de materiais em que estão vivendo, a análise das atividades impedidas possibilitou aos trabalhadores imaginarem modos de superação da situação. Entre as saídas escolhidas pelos trabalhadores, foi observado que eles buscaram trabalhar com o que tinham, mas também se preocuparam com a busca de recursos para mudar a situação, seja chamando a atenção de possíveis doadores de materiais e renda, ou através de investimentos próprios, ou até na esperança que os órgãos públicos integrados à Geração investissem mais no ambiente.

Frente às inadaptações geradas pela precariedade do Programa, as controvérsias sobre os materiais também apareceram e deram forma ao novo: a contradição apareceu no momento em que o que facilitava o trabalho era o mesmo que o dificultava. O que fazer? Além dos caminhos já apontados acima, os trabalhadores também ressignificaram o próprio objetivo do Programa, deram um novo sentido à atividade, materializaram um novo produto: se não há materiais para se trabalhar e não há ganhos significativos com a produção, não se gera renda, mas se ocupa a mente no ambiente, não é geração de renda, é ocupação do tempo, entretenimento, conviver em grupo, inscrever-se na história de um grupo, mas sem gerar renda.

A inadaptação referente aos materiais em falta permitiu também criar um novo nome para a Geração, já não eram mentes que fazem (com muito), mas mentes que criam (com pouco). Criam com o que tem, porque diante da falta é preciso realizar com poucos recursos.

A “mente”, durante os encontros da pesquisa, foi investida por outras controvérsias, pois a mente que apresenta o transtorno é a mesma que cria, que realiza as atividades. Na atividade de criação dos sujeitos da Geração, ela ganhou o sentido de criativa.

Além desses aspectos relacionados aos materiais, foi possível observar que a medicação apareceu como mais uma controvérsia no ambiente. Os seus efeitos colaterais, muitas vezes, paralisavam e traziam outras dificuldades aos trabalhadores como sono, cansaço e até perigo no deslocamento à Geração. Mas também era ela que os ajudava a estabilizar os seus quadros clínicos e isto conferiu à medicação um sentido ora de facilitadora da ação, ora de dificultadora.

Durante os encontros, outras inaptações surgiram e o novo ganhou forma também em pequenas ações, pois como Vigotski (1930/2009) salienta, por mais que um objeto possa parecer simples, a partir do momento em que ele se distingue do mundo da natureza e torna-se cultural, faz parte da atividade criativa humana. No refazer contínuo, as inaptações surgiram também nos encontros, quando a pesquisadora formulou perguntas e novas perguntas e respostas foram reelaboradas a partir daquilo que foi trazido inicialmente. E isso aconteceu tanto através da criação de mensagens para o mural, como da produção das fotografias que permitiram aos trabalhadores, através de suas experiências, criarem um cenário, pensarem na situação presente e se projetarem para o futuro através da imaginação. Dessa forma, puderam, a partir de suas memórias, pensar sobre a situação da Geração atual e anterior ao assalto, bem como na própria situação como trabalhadores do ambiente, podendo reelaborar a situação presente, caracterizada pela falta, através do que imaginam como propício para superar as dificuldades.

Nas criações dos trabalhadores, também se pôde visualizar o novo na elaboração de ideias para o ambiente de trabalho, como na fala de Wanda que, ao criticar a desorganização dos armários decorrente do comportamento displicente de seus colegas, imagina que seria ideal colocar um recado para que organizassem o que utilizavam. Conseguiu-se observar a atividade criativa também quando seu José pediu que Wanda escrevesse uma frase “Está faltando muito material”. Quando a frase precisou ser reescrita para inseri-la em outro lugar no mural conforme o desejo dos participantes, Wanda transformou a frase em “precisamos de material”. A atuação dos sentimentos se mostrou presente nessa transformação por parte de Wanda, não só nesse momento, mas em todo o processo dos encontros na Oficina de Fotos. A captura da imagem fez com que os sujeitos mostrassem o que sentiam. Ao fotografar ou mostrar as fotos, os comentários eram em tom de tristeza frente à situação da Geração ou de

alegria ao mostrarem o que ainda conseguem desenvolver com o que têm, assim como a satisfação por pertencerem a um grupo.

A pertença a um grupo vai na contramão da discriminação e do preconceito. Como aspectos sócio-históricos e culturais presentes na atividade criativa dos sujeitos com transtorno mental, foi possível visualizar uma realidade que é atravessada, muitas vezes, pelo olhar de desigualdade, de diferença, sendo a Geração um lugar em que isto é rompido. Seu Wagner deu sentido à Geração como um lugar de iguais, onde não há discriminação, enquanto no mundo dos “normais” a discriminação acontece a todo o momento.

Os aspectos sócio-históricos e culturais da discriminação atuando na atividade criativa também apareceram na fala de Carla sobre o próprio processo da pesquisa. Com experiência de passagem em hospital psiquiátrico, onde comumente há rodas de estudantes entrevistando pacientes com transtorno mental para depois darem um “diagnóstico”, dona Carla imaginou que a pesquisa seria semelhante e a pesquisadora poderia expor suas imagens para outras pessoas estudarem.

Pôde-se compreender que as questões históricas relacionadas ao transtorno ou até mesmo à formação de psiquiatras e psicólogos atuaram na atividade criativa de Carla. As questões sócio-históricas e culturais referentes “ao lugar” da pessoa com transtorno mental também atravessaram a vida de Luciana na Geração. Ao falar sobre a foto da organização dos materiais, ela remeteu à sua experiência em casa e disse que nesse contexto não tem direito a nada. Luciana é interdita e, historicamente, a interdição colocou o sujeito louco como improdutivo e incapaz, mas, na Geração, deu um novo sentido à sua história: ela pode organizar e buscar o controle que não tem em casa.

Assim como na vida de Luciana, pôde-se visualizar a materialização da atividade criativa através de um produto subjetivo na história de dona Suelen que, ao trazer o cabelo na fotografia que criou, diz de sua melhora através do trabalho. Já Wagner reedita sua história em sua relação com a reciclagem, onde tinha a atividade de amontoar lixo e estava exposto à presença de ratos, para trabalhar com arte na Geração. Eliene, por outro lado, falava muito e, segundo ela mesma, incomodava bastante, era tratada com preconceito. Ela transformou sua fala em arte, passou a falar através do fiar a linha no tecido. E José, que não tinha voz, porque se encontrava em profunda depressão, começou a falar através de seus tapetes, que a cada ponto tecido, tecia a própria história, superava a depressão e ganhava voz.

Foi neste ambiente de intervenção, de coanálise, que, no fechamento da atividade, Carla deu um novo sentido para suas ações. Muito perplexa, ela se questiona como foram capazes de fazer todo o trabalho da oficina de fotos. Questiona não sobre esse trabalho, mas

também como foram/são capazes de trabalhar sendo pessoas com transtorno mental. As análises de seus trabalhos os implicaram em seu fazer e eles mesmos começaram a encontrar respostas para as inquietações que foram surgindo, para as atividades impedidas, para o querer fazer.

Considerando a temática trabalhada neste trabalho, no levantamento da literatura não foram encontradas pesquisas nesta perspectiva. Mas no que diz respeito aos resultados, é possível traçar uma aproximação com aqueles encontrados por Bürker e Bianchessi (2013) em seus estudos sobre o trabalho como possibilidade de reinserção social na perspectiva dos sujeitos com transtorno mental e profissionais do CAPS. Dentro de um outro corpo teórico, as autoras também puderam visualizar que o trabalho para sujeitos com transtorno mental aparece com a função de ocupar a mente, favorecer relações sociais, promover satisfação e prazer.

Dentro dessa perspectiva, as autoras em questão asseveram a necessidade do trabalho ser transformador e dar abertura à criatividade dos sujeitos e apontam os mecanismos de Geração de Renda como possibilidade para isso. Os achados do trabalho de Bürker e Bianchessi (2013) se coadunam com algumas reflexões feitas pelos trabalhadores durante os diálogos com a pesquisadora na Oficina de Fotos. Entretanto, na coanálise do trabalho, deu-se abertura aos aspectos inventivos do trabalho, de maneira que favoreceu a inquietação dos trabalhadores em relação à necessidade de produção e não só de ocupar a mente no ambiente de trabalho. E, sendo assim, a importância da remuneração também se fez presente, bem como a busca pela transformação do ambiente de trabalho e a implicação subjetiva no refazer da atividade.

Considera-se que este trabalho avança não só no entendimento do processo criativo no trabalho de sujeitos com transtorno mental, dentro da perspectiva do processo e não do produto, mas também avança na própria análise da atividade criativa no trabalho, pois se pensa que estudar o processo criativo no ambiente de trabalho também deve levar em consideração as controvérsias e as atividades impedidas, como aponta Clot (2010a, 2007). A análise indireta da atividade permitiu que se desse abertura aos anseios dos trabalhadores, aos motivos que os movem para o fazer e, dessa forma, eles puderam dizer muito além do que está aparente, dizendo da própria superação dos empecilhos no trabalho. É possível perceber que a situação de falta pelo qual a Geração de Renda se encontra reconfigurou a relação com o trabalho como mais um espaço de trocas interpessoais, de ocupação do tempo do que de produção de renda, mas a chama viva de mudança, de transformação do ambiente, do ocupar a mente para produzir renda surgiu quando se propuseram a refletir sobre o ofício.

A reflexão sobre suas atividades se tornou possível através da pesquisa intervenção baseada nos pressupostos da Clínica da atividade de Clot (2010a, 2007), mas com uma adaptação de sua metodologia através da Oficina de Fotos proposta por Osório (2010). A experiência com Oficina de Fotos foi pertinente, pois através dela os participantes puderam analisar as marcas de seus trabalhos e reativar a atividade para colocar os fazeres em manutenção, para assim, dar abertura ao novo: novos sentidos de ação, novos dizeres, novos modos de pensar. Eles puderam ressignificar seu ambiente de trabalho através de suas experiências e através do coletivo de trabalho.

Através da adaptação da Oficina de Fotos proposta por Osório (2010), foram realizadas novas adaptações que permitiram estudar a criatividade no ambiente de trabalho, considerando as perspectivas teóricas de Vigotski (1930/2009) e Clot (2007, 2010a), respectivamente. O que se mostrou um desafio, pois se fez necessário chegar à síntese das categorias teóricas destes autores na análise do fenômeno investigado.

Esta dissertação assumiu uma abordagem interdisciplinar do fenômeno aqui investigado e proporcionou um diálogo entre as áreas da psicologia cognitiva, da psicologia do trabalho e da saúde mental. Salienta-se que, neste fazer, é importante que se siga caminhos que considere o estudo da psicologia de forma integrada, onde processos psicológicos não são vistos separados, onde pessoas não são vistas de maneira excludente, onde o trabalho pode ser de acesso a todos, onde a cognição opera em todos esses fazeres. Olhar para este estudo permite romper com um entendimento de uma psicologia cognitiva mecanicista e somar com uma psicologia cognitiva que assume o sujeito constituído socialmente.

No fim desta jornada ao subsolo, pelo menos no processo do pesquisar, pode-se sugerir que os estudos sobre o processo criativo no contexto de trabalho não sejam finalizados, mas que sejam ampliados e que a saúde mental possa dialogar ainda mais com a psicologia cognitiva. Assim, sugere-se que pesquisas com temáticas sobre o processo criativo de sujeitos com transtorno mental em outros espaços de atuação para além da Geração de Renda possam ser desenvolvidas, bem como sejam realizadas investigações com profissionais da área de saúde mental sobre o processo criativo, idealizadas, inclusive, em oficinas de economia solidária, ou até mesmo em Programas de Geração de Renda com todos os profissionais envolvidos, como, por exemplo, técnicos da Prefeitura, como sugeriu Luciana.

POSTSCRIPTUM

“[...] Antes, quando *Bebeto* não entendia uma coisa, ficava sonolento, triste, de cabeça caindo, de olhar vago. Agora, cada coisa que aprendia, era uma vitória. Não ficava mais preocupado com o que ainda não podia nem sabia. Ficava era feliz com cada passo pra frente”.

(BLOCH, 1996, p. 66)

REFERÊNCIAS¹⁵

- BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. Vygotsky e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.
- BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (Orgs). **Clínicas do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.
- BLOCH, Pedro. Pai, me Compra um Amigo? 28. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- BORK, Mari Ellen Tamara; SANCHES, Lucinéia. Fontes de criatividade para entender e produzir arte: Uma experiência do projeto de extensão universitária ITCP/FURB e curso de Artes Visuais com portadores de sofrimento psíquico In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DOS ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, n. 25, 2015, Fortaleza - CE. **Anais do XXV Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil**. Fortaleza - CE: Ed. Proaudio Gravação e Produção de discos Ltda - SAC. FAEB/CLEA/DEARTES/IFCE, 2015. v. 1. p. 1827-1838. Disponível em: <<http://www.confueb2015.ifce.edu.br/ANAIS/artigos/GT%20Artes%20Visuais/150317.pdf>> Acesso em: 13 jun. 2016.
- BRASIL. **Lei nº 10.216**, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm>. Acesso em: 20 fev. 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Saúde mental e economia solidária: inclusão social pelo Trabalho**. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/departamento/nucleo/CComs/doc/Sm%20e%20economia%20solid%20ria.pdf>>. Acesso em: 20 Jan. 2018.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. Brasília, DF : SENAD-MJ/NUTE-UFSC, 2014.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 510, de 07 de abril 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- BÜRKE, Kelen Patrícia; BIANCHETTI, DesiréeLuzardo Cardozo. O trabalho como possibilidade de (re)inserção social do usuário de um Centro de Atenção Psicossocial na perspectiva da equipe e do usuário. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 13, n. 3, p. 957-976, 2013. Disponível em:

¹⁵ De acordo com o estilo ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000300009>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CAMARAGIBE. Prefeitura Municipal. **Município de Camaragibe participa da Fecriart 2017**. 2017. Disponível em: <<http://www.camaragibe.pe.gov.br/municipio-de-camaragibe-participa-da-fecriart-2017>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CARVALHO, Larissa Bittencourt de. **Geração de Renda nos Serviços de Saúde Mental do Rio de Janeiro**. 2007. Monografia (Educação Profissional Técnica de Nível Médio na Habilitação em Profissional em Gestão em Serviços em Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/monografia/21.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2016.

CASTEL, Robert. **A Ordem Psiquiátrica: A Idade do Ouro do Alienismo**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1978.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CLOT, Yves. A Psicologia do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 22, n.1, p. 207-234, 2010b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922010000100015>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CLOT, Yves. Clínica do trabalho e clínica da atividade. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (Orgs.). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, p. 71 – 83, 2011.

CLOT, Yves. Entrevista: YvesClot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 9, n. 2, p. 155-160, 2006a. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v9n2/v9n2a08.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010a.

CLOT, Yves. Vygotski: para além da Psicologia cognitiva. **Pro-posições**, v. 17, n. 2, p. 19-29, 2006b. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/50_dossie_clot_y.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta paul. enferm.**, v. 23, n. 6, p. 859-862, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n6/22.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

DEVERA, Disete; COSTA-ROSA, Abílio da. Marcos históricos da reforma psiquiátrica brasileira: Transformações na legislação, na ideologia e na práxis. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 6, n. 1, p. 60-79, 2007. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/46/88>>. Acesso em: 16 maio 2016.

FERREIRA, Aline Cristina Zerwes; BRUSAMARELLO, Tatiana; CAPISTRANO Fernanda Carolina; MARIN, Maria José Sanches; MAFTUM, Mariluci Alves. **Texto Contexto Enferm**, v. 26, n. 3: e1000016, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017001000016>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin - psicologia e educação: um intertexto**. São Paulo/Juiz de Fora: Ática/EDUFJF, 2002.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

LEONARDI, Juliana. **Logomúsica: a criação de um novo approach musicoterápico como veículo na promoção da saúde mental**. 2011. 131 f. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) – Programa Enfermagem Psiquiátrica, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo - USP, Ribeirão Preto, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-31102011-084343/en.php>>. Acesso em 10 jun. 2016.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Actividad, conciencia y personalidad**. The Marxists Internet Archive. Tradução para o português: Maria Silvia Cintra Martins, 1978. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1978/activ_person/index.htm>. Acesso em: 10 maio 2016.

LINHARES, Jossane Candeira Spíndola; SILVA, Dimitri Carlo Gabriel da. Arte e Saúde Mental: Múltiplas Possibilidades de Contato. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA, n. 11, 2014, Botucatu. Anais do 11º Congresso Internacional da Rede Unida. Botucatu: Suplemento Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação. **Interface**, supl. 3, 2014. Disponível em: <<http://conferencias.redeunida.org.br/ocs/index.php/redeunida/RU11/paper/view/740>>. Acesso em: 10 maio 2016.

LOUBACK, Alessandra Abreu. **A atividade de coleta de lixo uma análise na perspectiva da clínica da atividade**. 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/dissertacoes/2013/2013_d_AlessandraLouback.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Criatividade e deficiência: Por que parecem distantes? **Linhas Críticas** (UnB), Brasília, v. 9, n. 16, p. 73-86, jan./jun., 2003. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/download/6446/5218>>. Acesso em: 10 junho 2016.

MARTINS, Rita de Cássia Andrade. **Cooperativas sociais no Brasil: debates e práticas na tecitura de um campo em construção**. 2009. 193 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/4276>>. Acesso em 10 jan. 2018.

MARTINS, Rita de Cássia Andrade. Ressignificação do trabalho na Saúde Mental Interações e diálogos com a Economia Solidária. **Revista Mundo do Trabalho Contemporâneo**, São Paulo, v. 2.1, p. 76-95, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/mtc/article/view/27570/19389>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

MEIRA, Luciano. Análise microgenética e videografia: Ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. **Temas em Psicologia**, v. 1, p. 59-71, 1995. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413389X1994000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jun. 2016.

MELLO, Rosâne. A Construção do Cuidado à Família e a Consolidação da Reforma Psiquiátrica. **Revista Enferm. UERJ**, v. 13, p. 390-395, 2005. Disponível: <<http://www.facenf.uerj.br/v13n3/v13n3a15.pdf>>. Acesso em 10 Jun. 2016.

MELMAN, Jonas. **Família e Saúde Mental: Repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares**. São Paulo: Escrituras, 2001.

MELO, Airma Farias de Araújo. (2014). **O processo criativo de crianças iniciantes em atividades de musicalização: uma perspectiva sócio-histórica**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Programa de Psicologia Cognitiva, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/14038>>. Acesso em: 10 de jun. 2016.

NEUBARTH, Barbara Elisabeth. **No fim da linha do bonde, um tapete voa-dor : a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis**. 2009. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009. Recuperado em 10 de junho de 2016 de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22513>

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um desenvolvimento sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2001.

OSORIO, Cláudia. Experimentando a fotografia como ferramenta de análise da atividade de trabalho. **Revista Informática na Educação: Teoria e Prática**, v. 13, n. 1, p. 41-49, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/13793/12044>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

OSORIO, Cláudia; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Oficina de fotos: um método participativo de análise do trabalho. **Universitas Psychologica**, v. 12, n. 4, p.1325-1334, 2013. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/6506>>. Acesso em 11 jun. 2016.

OSÓRIO, Cláudia; BARROS, Maria Elizabeth Barros de; LOUZADA, Ana Paula Figueiredo. Clínica da Atividade: dos conceitos às apropriações no Brasil. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (orgs.). **Clínicas do Trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

OSORIO, Cláudia; PACHECO, Ariele Binoti; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Oficinas de fotos: experiências brasileiras em clínica da atividade. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n.1, p. 121-131, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/77870>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2001.

PANHOCA, Ivone; NOVAES-PINTO, Rosana; CAMARGO, Evani Andreatta A.; TONELI, Priscila Marques. Dialogismo e afasia: estratégias discursivas de um sujeito em interação dialógica. **Revista Virtual de Letras**, v. 6, n. 1, p. 84-102, 2014. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/217.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2016.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

RESENDE, Heitor. Política de Saúde Mental no Brasil: uma visão histórica. In: TUNDIS, Silvério; COSTA, Nilson do Rosário (org.). **Cidadania e Loucura: Políticas de Saúde Mental no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

ROSA, Lucia Cristina dos Santos. **Transtorno Mental e o cuidado na família**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Gustavo Rezende dos; AQUINO, Orlando Fernández. A Psicologia Histórico-Cultural: Conceitos Principais e Metodologia de Pesquisa. Universidade de Uberaba (UNIUBE), **Perspectivas em Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 76-87, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/viewFile/29471/16302>>. Acesso em: 05 maio 2016.

SILVA, Rafael Egidio Leal e; SILVA, Renata da; TULESKI, Silvana Calvo. Emoção, Atividade e Criatividade: Possíveis Aproximações. **Imagens da Educação**, v. 2, n. 1, p. 61-68, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/14549/8708>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

SILVEIRA, Lia Carneiro; BRAGA, Violante Augusta Batista. Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v. 13, n. 4, p. 591-595, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000400019>. Acesso em: 11 jun. 2016.

SOUTO, Alice Paiva; LIMA, Karla Maria Neves Memória; OSÓRIO, Cláudia. Reflexões sobre a metodologia da clínica da atividade: diálogo e criação no meio de trabalho. **Laboreal**, v. 11, n. 1, p. 11-22, 2015. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/files/articles/11_22_1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2016.

SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araujo (Org.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

TUDGE, Jonathan. Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal e a colaboração entre pares: implicações para a prática em sala de aula. In: MOLL, Luis C. (Org), **Vygotsky e a Educação. Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 151-168.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A imaginação e a arte na infância**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'agua, 2009. (Original publicado em 1930).

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **O significado Histórico da Crise da Psicologia. In Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Original publicado em 1927).

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Original publicado em 1934)

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Original publicado em 1925).

VYGOTSKI, Lev Semyonovich. **Obras Escogidas – V. Diagnóstico del desarrollo y clínica psicológica de la infancia difícil**. Madrid: Visor Dis., S.A., 1997. (Original publicado em 1931).

ZANELLA, Andréa Vieira; ROS, S. Z.; REIS, A. C.; FRANCA, K. B. Criar, imaginar e (re/de)formar: reflexões sobre atividade criadora e formação de professores(as) In: **IV Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul** (ANPEd), Florianópolis/SC, 2002.

ZANELLA, Andréa Vieira; CABRAL, Marcelo Grimm; MAHEIRIE, Katia; ROS, Sílvia Zanattada; URNAU, Lílian Caroline; TITON, Andréa Piana; WERNER, Francyne Wolf; SANDER, Lucilene. Relações estéticas, atividade criadora e constituição do sujeito: algumas reflexões sobre a formação de professores(as). **Cad. Psicopedag**: São Paulo, v. 6, n. 10, 2006.

APÊNDICE - MODELO DE PERGUNTAS DISPARADORAS PARA A OFICINA DE FOTOS

Modelo de perguntas disparadoras – 1º encontro

1. Qual é o seu nome e qual a sua idade?
2. Quanto tempo você participa do Programa de Geração de Renda?
3. O que você acha do serviço?
4. O que significa trabalho para você?
5. Como você significa o trabalho na Geração de Renda?
6. Você participa de algum CAPS?
7. Como você acha que o serviço de saúde mental participa da sua vida?
8. Você acredita que a Geração de Renda e o serviço de saúde mental dialogam?
9. Você acha importante a relação entre estes dois serviços?
10. Você acha que houve alguma mudança em sua rotina após começar os trabalhos na Geração de Renda?
11. O que você acha mais interessante no Programa?

Modelo de perguntas disparadoras – 2º encontro

1. O que você gosta de fazer no serviço (Oficina de Geração de Renda) e faz?
2. O que você gostaria de fazer no serviço e não faz?
3. O que você não gosta de fazer no serviço e faz?
4. O que você não gostaria de fazer e não faz?
5. O que você mais gosta de fazer na Geração de Renda?
6. O que você menos gosta de fazer?
7. O que você sugere que poderia ser feito no Programa?

Modelo de perguntas disparadoras – 3º encontro

1. O que significa a foto (cada foto)?
2. Como foi a escolha da foto (cada foto)?
3. Como sentiram seus trabalhos representados nas suas fotos?
4. Como sentiram seus trabalhos representados nas fotos dos colegas?
5. Como estas imagens representam a situação de trabalho?

Modelo de perguntas disparadoras – 4º encontro

1. Como foi a escolha da foto que irá compor o mural?
2. Como foi a escolha do título do mural?
3. O que não aparece nas fotos?
4. O que poderia aparecer nas fotos?
5. O que pensaram sobre o trabalho após as reflexões?

Modelo de perguntas disparadoras – 5º encontro

1. O que vocês acharam dos nossos encontros da Oficina de Fotos?
2. De que maneira nossas atividades contribuíram para pensar sobre o trabalho de vocês?
3. O que vocês acharam da construção do mural?
4. O que acharam da exposição?
5. Como se sentiram ao participar desta atividade?
6. O que mudou ou pode mudar a partir dos nossos encontros?
7. O que você passou a refletir através de nossos diálogos sobre o trabalho que ainda não havia pensado?